# A CENA MUDA

Nº 4 — 1955
2ª quinzena de fevereiro
Cr$ 4,00 em todo o Brasil





Felizmente para os milhares de «fãs» de Lúcia Bosé, foi afastada a ameaça que pesava sôbre a querida «estrêla» do cinema italiano. Ela não deixará os estúdios e no momento encontra-se em franca atividade em Roma. Quanto ao seu noivado com Walter Chiari, o assunto parece que não foi avante.

# LUCIA BOSÉ: glória do cinema italiano

NUM espaço de tempo relativamente curto os «fãs» dessa encantadora artista que é Lúcia Bosé sofreram o impacto de duas notícias muito importantes para êles. O primeiro choque (nada agradável) se deu quando telegramas oriundos de Roma informaram ao mundo que Lúcia encontrava-se sèriamente doente e que havia a ameaça de que ela viesse a deixar definitivamente o seu trabalho nos estúdios. Transcorridas algumas semanas, outro telegrama veio alegrar os «fãs», pois dizia que Lúcia recuperara-se da enfermidade e voltaria a filmar.

Seria uma pena se Lúcia Bosé viesse a deixar mesmo o cinema italiano onde tantas glórias alcançou e do qual é uma das mais legítimas expressões em nosssa época. Nessa artista de talento excepcional repousa a esperança de milhares de «fãs» que se comovem com suas interpretações nos filmes. Ela é uma glória do cinema italiano e a querida «estrêla» de centenas e centenas de «fãs» brasileiros. (Foto Art Films).



Como «galã», John Derek tem beijado muita «estrêla» bonita em Hollywood. Nem com essa vantagem êle quer ser sinceramente um «bonitão» nos filmes.

Um papel dramático para John Derek em «Tropel dos Vingadores», da Republic. Ei-lo com a atriz Catherine Mc Leod numa cena dêsse drama do oeste.



JOHN Derek custou a livrar-se dos papéis de "bonitão" que os estúdios lhe vinham confiando e a convencer Hollywood a dar-lhe papéis dramáticos e rudes. O mesmo sucedeu com Robert Taylor no início da carreira cinematográfica, quando, por imposição das fãs, era apenas um galã romântico. Mas, finalmente, tanto Bob Taylor como John Derek conseguiram livrar-se da classificação de "bonitões" e John vive agora uma verdadeira figura máscula e viril em "Tropel dos Vingadores", da Republic.

Derek, que é alto, simpático e musculoso, parecia talhado para uma carreira artística devido, principalmente, à sua beleza física, até que a Republic o convidou para desempenhar um papel de grande dramaticidade em "Grito de Sangue". Êsse papel rude e de ação, fêz com que o jovem ator conquistasse outro, no mesmo gênero, em "O mar dos navios perdidos", para a mesma produtora.

John Derek desejava ser ator muito antes de ser incorporado às fileiras do exército norte-americano e de embarcar para a guerra. Após cumprir com os seus deveres militares e despir o uniforme, voltou a Hollywood, decidido a recomeçar a carreira que iniciara no cinema e que fôra bruscamente interrompida. Teve sorte, pois conseguiu um contrato com a Fox Film. Havia, então, lido a novela "Knock on any door", que a Columbia pretendia filmar, e, como tivesse se impressionado com o papel de "Nick Romano", e desejasse vivê-lo na tela, procurou aquêle estúdio. Por sugestão de Humphrey Bogart, que havia sido escolhido para estrelar a película, John Derek foi submetido a um teste cinematográfico e obteve o papel no filme, que se chamou "O crime não compensa", lembra-se?

A vida de John Derek tem sido cheia de surprêsas. Nasceu no dia 12 de agôsto de 1926, em Hollywood. Seu pai, Lawson Harris, figurou muito tempo na lista de coadjuvantes do cinema e sua mãe, antiga beldade da tela, tomou parte nas primeiras produções de Hal Roach e Cecil B. De Mille. Aos cinco anos de idade — daí para cá — John começou a ser governado por um cinegrafista, Russell Harlan, que teve grande influência na educação do menino até êle completar a maioridade, visto que seus pais se separaram, nessa época. Certo dia, montado a cavalo próximo ao rancho de Will Rogers, o jovem Derek conheceu Tom Moore e sua espôsa. O casal, achando que êle tinha ótima estampa para o cinema, aproximou-se de seu pai. Êste, entretanto, desejava que o filho se tornasse pintor, e nunca ator. E durante certo tempo, John tentou a pintura, porém lembrou-se, sùbitamente, que a fama só vem após a morte para a maioria dos pintores, enquanto que os atores, a conhecem em vida.

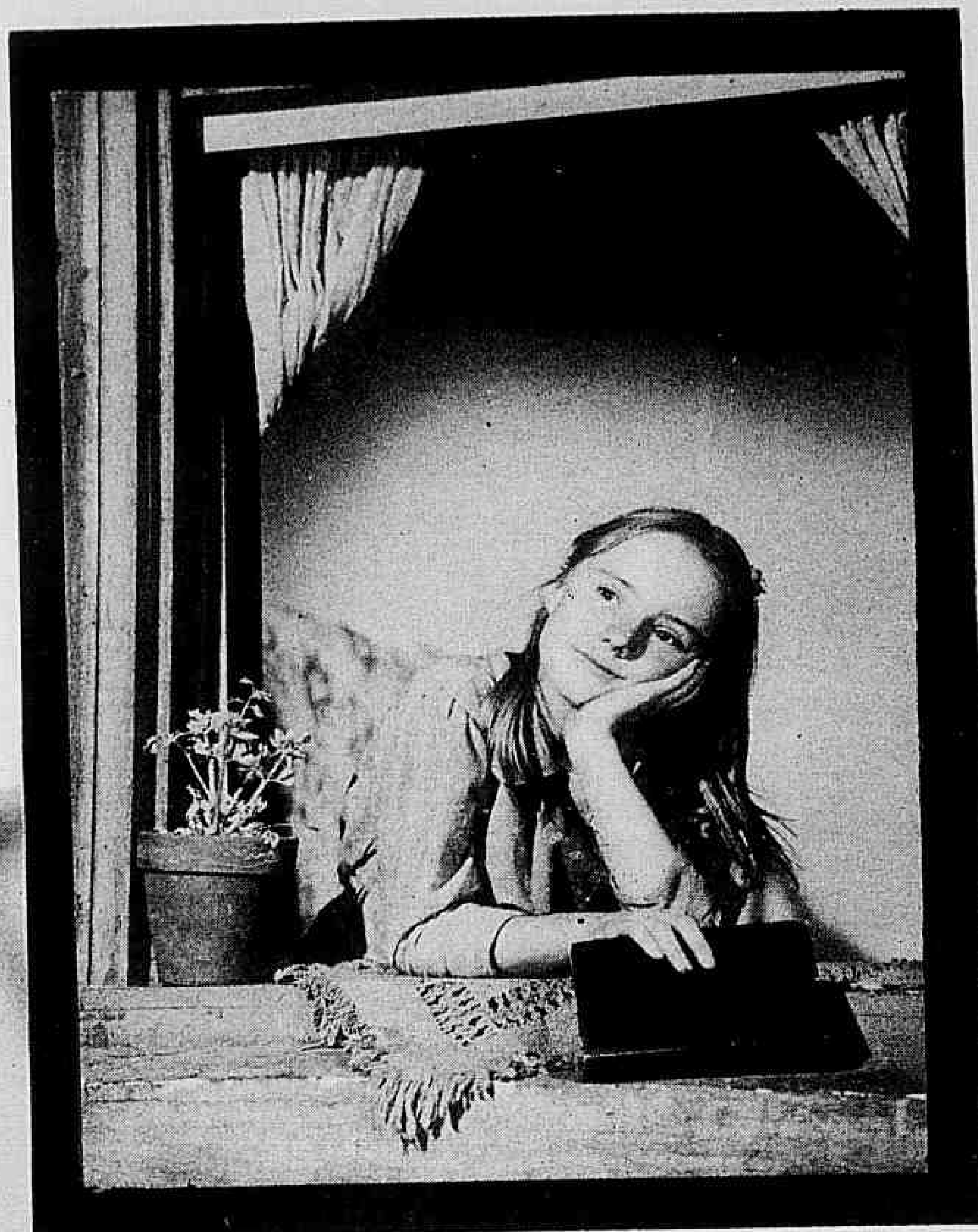
Assinou contrato com David O'Selznick, que possui um verdadeiro recorde como "descobridor de talentos", enquanto a Fox ainda ponderava sôbre a recomendação de Tom Moore. Logo depois Selznick o incluiu no elenco de um filme sôbre a juventude escolar, que foi onde Derek fêz a sua estréia cinematográfica. Quando estava prestes a ser incluído em outra película, foi convocado. Teve treinamentos básicos nos Estados Unidos, e, eventualmente, embarcou para as Felipinas já nos últimos meses de guerra. Serviu mais tarde, durante vários meses, com o exército de ocupação no Japão, regressando depois aos Estados Unidos para ser desligado.

O que John Derek mais gostaria, além da sua carreira de "astro" de Hollywood, seria poder correr o mundo. John acha que seria difícil para êle adaptar-se a qualquer outro emprêgo, que não fôsse o de ator, sem primeiro dar um giro pelos lugares longínquos.

(Cont. na pág. 42)

**TORNANDO-SE UM DELICIOSO "BROTINHO"**

# A "GARÔTA" CRESCEU...



Peggy Ann Garner aos doze anos quando ganhou o prêmio da Academia com sua interpretação em «A Tree Grows in Brooklyn».



COM Peggy Ann Garner não aconteceu o que tem sido comum com tantos talentos precoces. Ela não foi tragada pelo tempo. Aproveitou-o para estudar ainda mais a arte de representar e volta agora ainda mais atriz, com uma sensibilidade dramática que não era, como se verá, produto de um temperamento infantil.

Há dez anos atrás, Peggy Ann Garner fazia papéis de garôtas-ingênuas e era tida como uma pequenina "estrêla". O tempo foi correndo, Peggy tornando-se moça e faltando para ela um papel que combinasse com a sua transição de menina para mulher.

Essa transição normal vem agora dar a Peggy Ann Garner a oportunidade de aparecer num filme da Fox (Black Widow), contracenando com Ginger Rogers que é a "estrêla" da película. Peggy está uma mocinha muito simpática e sua figurinha delicada por certo agradará aos fãs, assim como confiamos que o seu talento tenha crescido com ela. Há dez anos atrás ela mereceu um prêmio da Academia e tudo nos faz crer que nessa nova fase de sua vida artistica, Peggy venha a concorrer com êxito a outro "Oscar", tudo dependendo naturalmente dos papéis que lhe derem e da sua intuição ao vivê-los diante das câmaras.

Peggy Ann Garner aos vinte e dois anos, tal como aparece na produção em CinemaScope, da Fox, «A Viúva Negra». E' um adorável «brotinho»!



# minha amiga PAMPANINI

WALDEMIR PAIVA (Especial para "A CENA")

DE há muito, Silvana Pampanini tornou-se um assunto, não estritamente cinematográfico, mas do domínio da imprensa eclética, falada e escrita de tôdo o mundo. Um romancista europeu chegou a considerá-la mais bela do que Vênus! E, para defini-la, não abusarei de centenas de adjetivos, como fizeram outros antes de mim. Direi apenas: — seus olhos verdes e vivos (mas muito mesmo) adquirem delicada poesia, no contraste flagrante com o pretume dos cabelos ondulados. Há uma permanente sedução nas sinuosas (e insinuantes) linhas do seu corpo. Nela estão superados o olhar de Anna Magnani, a ternura de Gina Lollobrigida, o rosto de Silvana Mangano, o corpo de Eleonora Rossi-Drago, a simpatia de Lucia Bosé. E, acima de tudo, Pampanini cheira todinha à mulher. ..

A presença da formosa atriz italiana no Rio serviu de ensejo, a que vários críticos cariocas a homenageassem, com um passeio de iate pela Guanabara e um almôço na decantada Paquetá, a «ilha dos amôres». Acontece que por essas bandas, os jornalistas especializados em cinema — bem desorganizados — não poucas vêzes provocam sofrimento, justamente a quem merece tôda a sua consideração. E — infelizmente — isso também aconteceu com Silvana, que com resignação de santa, não teve uma palavra de queixa. Apenas a mim, num momento em que estivemos a sós, ela confessou graciosa: — «Na minha vida, ninguém fêz-me sofrer tanto»...

★

Silvana Pampanini estivera pela madrugada a dentro, no alto do Corcovado, contemplando o panorama noturno da «Cidade Maravilhosa». E o passeio que deveria ser matinal, após longa espera, sòmente teve início às 13,30 horas. Um fã-milionário colocou à disposição da atriz, uma luxuosa e rápida lancha, onde não faltavam foguetões, banda de música e uma geladeira cheia de uísque. Já no seu interior, Pampanini notou a ausência dos jornalistas. Os diretores da «Art-Filmes» explicaram-lhe que êles — orgulhosos até no mar — permaneciam irredutíveis e unidos (poucas vêzes acontece isso) numa opinião. Tinham o pequeno iate «Cangaceiro», da classe «Brasil», vitorioso em regatas internacionais, também herói da recente «Rio-Santos», e não o trocariam nem pelo «Queen Elizabeth»... Sob vivos aplausos e num gesto de reconhecimento (desprendimento ficaria melhor), Silvana abandonou a lancha e embarcou no «Cangaceiro», que de velas enfunadas cortou as águas da Guanabara, manhoso e orgulhoso como nunca...

★

O único instrumento musical à bordo era uma corneta, que ninguém sabia tocar. Um rádio de pilhas anunciava o carnaval, entre anúncios e «jingles». E as cantoras especialmente convidadas, Vanja Orico, Dircinha Batista e Norma Sueli improvisaram um rápido «show», com o acompanhamento animado (e desafinado) da turma da imprensa. O verão carioca estêve presente sob um sol inclemente, que emoldurou a baía e deu nuances aos olhares sensuais de Silvana. Como cenários de incomparável beleza foram ficando para trás a Enseada do Botafogo, o Pão de Açúcar, o Aeroporto e as primeiras ilhas. Quando a viagem pareceu monótona, houve um instante de preocupação: — a «cangaceirinha» Vanja Orico descuidou-se e caiu no mar! Com habilidade atiraram-lhe uma corda salvadora, para desespêro dos tubarões...

★

Depois de 3 horas e 10 minutos de viagem (a lancha faria em 40 minutos), o «Cangaceiro» conspirando a nosso favor, pois queríamos demorar o máximo com Pampanini, chegou a Paquetá. No parque Darke de Matos, no mesmo local onde Tyrone Power e Annabella passaram a lua-de-mel, uma suculenta (!) feijoada esperava a já exausta comitiva. Depois da clássica «batida de limão» (Pampanini provou, gostou mas não quis tôda) foi servindo o caraterístico prato brasileiro, pronto dêsde o meio-dia. Como a «fome é o melhor dos temperos», ninguém, de sã consciência poderá opinar sôbre a sua qualidade. Da minha parte acredito que estava boa. E Silvana? Não sei ao certo. Ela me disse, que era uma comida «saborosíssima». Contudo, quando lhe afirmei que no dia seguinte haveria uma igual, a delicada italiana empalideceu e fugiu do assunto...

Embora pareça estranho, o programa a seguir teve sequência no campo de futebol! No momento em que era observada a escolha dos jogadores surgiu a mais curvilínea de tôdas as futebolistas do mundo: Verônica Drei, da Delegação Italiana ao Festival de Punta Del Leste, que com seu super-bikini motivou agitadas negociações entre os dois times. Na «pelada» os atacantes adversários queriam passar pela defesa da louríssima Verônica, que sucessivamente, com espetaculares «dribles» de corpo desarmava tôdas as pretenções! E, enquanto isso ocorria, longe dali eu descrevia a ilha, para os ouvidos atentos de Pampanini. Falei da pedra da Moreninha, de Brocoió, da lenda que conta: — «quem beber água de Paquetá casará com alguém da ilha». A estrêla de «A Presidenta» sorriu com essa história e perguntou: — «O refrigerante que tomei tinha água daqui?».

Sob uma frondosa mangueira conversamos muito. Silvana Pampanini impresionou-me não só pela privilegiada beleza, mas — sobretudo — por uma invulgar inteligência. De tôdas as atrizes estrangeiras que entrevistei, entre elas Gina Lollobrigida, Ava Gardner, Cecile Aubry, Ninon Sevilla, Cosetta Greco, Maria Felix, Pier Angeli, Ann Miler, Maria Antonieta Pons, Joan Fontaine, June Haver, Ivone de Carlo, Merle Oberon e dezenas de outras, foi a que se me apresentou, intelectualmente mais amadurecida e possuidora de uma louvável consciência profissional: — belo exemplo para a prata de casa! Ela não se deteve em problemas simples da cinematografia. Estendeu-se àqueles mais delicados, mostrando-se senhora de uma opinião respeitável. Sôbre o neo-realismo, base do ressurgimento do cinema italiano, disse não acreditar no seu colapso, quer como forma, ou mesmo no tocante ao conteúdo. Apontou o crescimento da indústria fílmica do seu país, como o único motivo, que veio ocasionar uma possível dispersão, na temática do cinema italiano do após guerra. Isso ela aceita como progresso e jamais como decadência. É sobretudo, muito trabalho...

Se o têrmo não deixasse transparecer um certo sectarismo, eu poderia chamar Silvana Pampanini de moralista. Ela responsabilizou até certo ponto, a publicidade — escandalosa, porém necessária — da qual não pode prescindir uma atriz internacional, como o fator preponderante à conquista da popularidade. De resto, isto não apresenta novidade. É uma antiga tese, exposta e defendida em vários filmes, que procuram demonstrar que o artista vive em dois mundos: — o eminentimente profissional e aquêle, distante dos palcos e das câmaras. À indagação de como carateriza os seus papéis, alguns dêles acerbamente criticados pelos puritanos, respondeu com firmeza:

— O artista, antes de outra coisa, para representar bem um personagem, tem de identificar-se com o mesmo, em seus mínimos detalhes. Se a sua pergunta é uma acusação, tomo-a como um elogio. Em meu trabalho há sempre naturalidade.

— Costumo suspeitar sempre daqueles que se voltam com grosseiros sofismas, contra uma atriz, — repliquei embaraçado. Por coincidência elas são sempre belas, como você. E não me julgo puritano!

— Obrigada, — concluiu ela com um português mestiço e gostoso.

★

Silvana deveria estar na Embaixada Italiana, para um jantar, às 7 horas. Saímos da romântica Paquetá, cheios de saudade. O regresso, em lancha confortável, fêz-se rápida. Porém, mesmo assim, sòmente às 21 horas atracamos no cais do Iate Clube. No último cumprimento ratifiquei a Pampanini, que aquêle passeio era de indelével recordação. E ela demonstrou que também jamais o esquecerá (pudera, quebrou até um salto do sapato). Alguns episódios inevitáveis, pela sua própria natureza, em programas à base do improviso, causaram preocupação. Todavia, para amenizá-los houve o contágio do entusiasmo, da bôa vontade e do humor carioca, que prevaleceram sempre.

Quando tôdos despediram-se e só os jornalistas ficaram juntos, discutindo os cento e cinquenta cruzeiros («per capita»), pagos pela feijoada (!), o «Cangaceiro» sofria a falta de vento, de volta, no meio do caminho. Se tivéssemos regressado nêle?

Marquei um encontro com Pampanini, em Roma. Vou lá.



# CINEMA NACIONAL EM FOCO

## POR GILMAR DIAS, EXCLUSIVO DE «A CENA»

● São Paulo mais uma vez dá a nota no cenário da indústria nacional de filmes. Dalí virão brevemente para os cinemas brasileiros muitas produções. Sabe-se que a Maristela reorganisa-se e tem planos progressistas. Mário Audrá Jr. casando-se com a linda estrêla do cinema espanhol, Ana Esmeralda, voltou agora suas vistas para o estúdio de que dispõe e pensa em produzir ininterruptamente. Assim seja!

● Consta que o ativo cronista Salvyano Cavalcanti de Paiva, que fêz uma recente e brilhante (embora curta) temporada na Televisão carioca, foi convidado para animar o programa de cinema de uma emissôra do Rio. Sôbre Cavalcânti temos outra informação: consta que êle foi convidado para ser assistente de Direção de uma co-produção brasileiro-européia e está «assuntando».

● Cyll Farney está mais magro em seu último filme (Guerra ao Samba) e isso naturalmente prende-se a ausência (que se vai prolongando) de Fada Santoro que continua filmando na Argentina. O casamento entre êles, garanto a vocês, vai sair dentro de seis mêses, senão antes.

● Sabe-se que Mário Latini jamais deixou de cogitar da produção de «Contrabando», porém faltava-lhe capital suficiente. Arranjado o capital, Latini pensa realizar mesmo «Contrabando» e convidou para os papéis principais, José Lewgoy e a moreníssima Iracema Vitória.

● No vermelhinho os planos sôbre o futuro do cinema brasileiro estão bem mais frios. Razão única: a passagem de avião (ida e volta) para São Paulo custa agora muito dinheiro...

● Vítor Lima está dirigindo Ankito (cujo cartaz vai subindo, subindo) em «O Rei do Movimento», uma nova comédia para a Cinelândia Filmes. Gilberto Martinho faz parte do elenco.

● Dizem por aí que a equipe técnica de «Leonora dos Sete Mares», incluindo o Diretor Christensen anda meio desconfiada com relação ao êxito do filme. Que haverá?

● Convidado para fazer a cobertura do Festival de Punta Del Leste o ator do cinema nacional José Lewgoy, gostou da posição de jornalista e resolveu aceitar um lugar permanente num jornal diário. Escreve pequenas crônicas, públicas «potins» e dá sugestões. O «menino» vai longe...

● Um certo senhor Van Gal que se diz autor de um peça «Passageiros para Marte, queiram tomar seus lugares», não representada, impetrou um mandado de segurança e fêz suspender por ato do Juiz a exibição de «Carnaval em Marte» acusando seu diretor-produtor Watson Macêdo de plagiário. Watson defendeu-se muito bem e agora confia que tudo se esclarecerá e que acima de tudo será feita JUSTIÇA. É o que nós todos esperamos porque êle não merece um golpe tão baixo.

● Já que falamos em carnavalescos como esquecer o sucesso de Renata Fronzi em «Guerra ao Samba?» Ela está simplesmente maravilhosa e daqui saudamos sua volta aos filmes nacionais. Renata participou também de «Carnaval em La Maior», o musical carnavalesco dirigido por Ademar Gonzaga com todo o elenco das rádio e TV Record, de São Paulo.

● E Santa Rita do Passa Quatro? Que se Passa por lá? Por que tanto silêncio, amigo Jaime Nori? Mande dizer alguma coisa sôbre «A Maldição Negra».

● Leo Marten continua nos seus propósitos de filmar «Senhora», extraído do romance de José de Alencar e convidou Anselmo Duarte e Maria Fernanda para os papéis centrais. A coisa ainda está no terreno dos projetos.

● Miro Cerni substituiu a Jardel Filho no elenco de «A Estrada» que Oswaldo Sampaio está realizando para a Mayra Filmes.

● O Clube da Imprensa Cinematográfica está preparando uma série de almôços com algumas personalidades do cinema nacional. Depois eu conto. A coisa pega mesmo...



RENATA FRONZI: Faz sucesso!



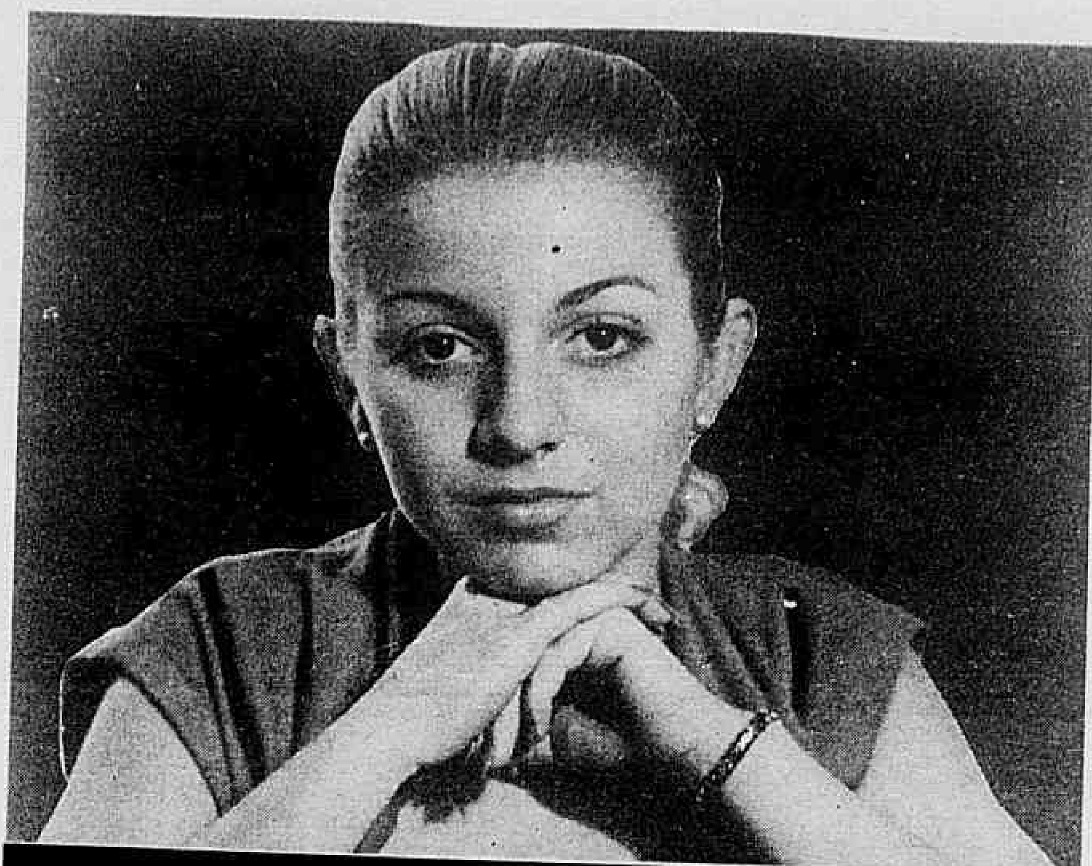
WATSON MACÊDO: Fêz plágio?



IRACEMA VITÓRIA: Fará filmes?



JOSÉ LEWGOY: Faz jornalismo.



# VAMOS CONVERSAR?

**MIRYAN THEREZA**

COMO não podia deixar de ser o nosso assunto de hoje é Carnaval. Tempinho gostoso êste! O ar cheira a batucada, o ritmo espalha-se pelas ruas e o povo cai no samba.

O carnaval é contagiante como o riso. Um começa a pular, outro segue-o e mais outro; aquêle muito animado, êste meio desiludido só canta sambas de letras tristes. A garôta perto da mamãe pula pouco, mas longe... benza-a Deus, tem fôrça total! Mariazinha brigou com o namorado, coitada, lá vai ela tristemente berando, sim isso mesmo berrando «Não vou morrer sem ver primeiro o teu fim...» O Juca, o bonitão do Arpoador diz orgulhosamente que é o Napoleão Bôa Bôca... Carnaval! Festa da qual se tiram argumentos cinematográficos.

Não achei totalmente maus os filmes apresentados. Assistí dois: «Carnaval em Marte» e «Guerra ao Samba». Eu continuo na minha opinião: não interessa aos produtores, aos diretores, aos responsáveis, o valôr técnico ou artístico do filme de carnaval. Como é de carnaval êles acham que já desculpa tudo. Se apresenta músicas, tem um bom cômico (ainda que na pior das histórias) só isso basta. Bastaria, concordo, se estivéssemos iniciando as produções dêsses filmes, mas meu Deus, já era tempo de melhorarem ou todos sairem ótimos. Tempo de preparação não faltou.

«Carnaval em Marte», por exemplo, só dá idéia do que é, não ví o desenrolar. Apesar de ser um tema batido, dá margem ainda para muita, mas muita coisa interessante. Porque será que não fizeram assim? Falta de verba? Pressa? Falta de cooperação? Será que êsse filme foi «bolado» um pouco antes? Foi escrita sua história há muito tempo, guardada na gaveta e só agora aproveitada sem ao menos uma pequena revisão? Não. Não posso crer que tenham sido discutidas as cenas para melhoria das mesmas ou então pensadas, refletidas e caprichadas num cérebro só.

Violeta Ferraz e Pituca repetindo-se. Já os vimos nos mesmos tipos recentemente em «O Petróleo é nosso». As cenas do disco voador estão falsas, a sua descida, a falta de gente, de repórteres, fotógrafos, povo enfim. Apesar de ser um assunto de interêsse mundial, apenas um repórter consegue chegar ao local e toma conheci-

**(Cont. na pág. 42)**



**Miryan é uma estudiosa do «ballet» e na TV já demonstrou seu talento para a arte que consagrou Pavlova.**



**Com o papai (Oscarito) e a mamãe (Margot Louro), Miryan Thereza dá os últimos retoques na sua crônica semanal exclusiva para «A CENA»!**



# O ESCUDO negro DE FALWORTH

(The Black Shield of Falworth) da Universal-International. Dirigida por Rudolph Maté.

**PERSONAGENS PRINCIPAIS**

Myles Falworth..........Tony Curtis
Lady Ann................Janet Leigh
Conde de Albán..........David Farrar
Meg Falworth............Barbara Rush
Conde de Mackworth...Herbert Marshall

**Novelização de Renato de Alencar**

ESTAMOS em plena Idade Média. Henrique IV, herói de Arques e de Ivry é um soberano cujo govêrno se viu amargurado por lutas religiosas, confusões de terríveis ambições políticas, naquêle início da dinastia da Casa de Lancaster, que reinou de 1399 a 1461. Em volta dêle há sussurros de conspirações arquitetadas pelos seus próprios homens de confiança palaciana, escolhidos entre os mais destacados membros de uma nobreza corroída pela ociosidade e inveja.

Naquela esplêndida manhã iluminada suavemente pelo sol do outono britânico, Henrique IV, montando seu belo cavalo, seguia para a caça, esporte favorito de reis e príncipes daqueles tempos. Acompanhavam-no além de outros, o Conde de Alban e Sir Robert. Cães amestrados, conduzidos por pagens e fâmulos, fazem grande alarido e avançam na ansiedade própria de quem deseja mostrar ao amo, que tem faro capaz de corresponder às suas reais exigências. O cortejo é brilhante. Os cavalos ricamente ajaezados, o soberano, a nobreza e a criadagem envergando seus indumentos especialmente executados para os misteres cinegéticos, davam à caravana o mais deslumbrante aspecto de côres e mobilidade.

— Majestade! — Exclamou Alban, visivelmente preocupado, ao notar que Henrique IV punha a mão no peito esquerdo e fazia uma careta, como quem sente dor.

O rei freou o cavalo. Os outros também pararam e o Duque de Alban tornou a indagar:

— Sente-se mal, Majestade?

— Não é nada... Uma simples tontura...

— Não será melhor regressarmos ao nosso castelo?

— **Regressarmos**, não. Voltarei só. Deveis continuar a caçada com os outros, milord Alban. Não vos preocupeis com esta ligeira indisposição minha. Tudo passará. Não quero prejudicar tão belo passeio em manhã de tanta beleza.

O soberano regressou ao castelo de Lord Alban, enquanto êste e Sir Robert iam comentando o estado de saúde de Henrique IV.

— Parece agravar-se cada vez mais a moléstia do Rei, Conde. Não acha imprudência estimular-lhe o gôsto pela caça quando êle se sente cada vez mais enfermo? — Pergunta Sir Robert.

— Quem teve esta idéia foi você, Alban; não eu.

— Se êle morre agora, irá ao trono o Príncipe Hal...

— O Príncipe Hal?... Coitado! Reinará sôbre seus alfaiates e suas garrafas de vinho. E com veemência: Sir Robert, fique sabendo, que, com a morte de Henrique IV a Inglaterra continuará a ser governada pelo Conselho!

— Sei disso. Pelo Conselho que, por sua vez, obedece cegamente a Lord Alban! — Conclui Robert com um sorriso maldoso, que o outro compreendeu perfeitamente.

Depois da caçada, Lord Alban e Sir Robert, sentiam bastante sêde. Guiados pelos pagens foram à residência de Diccon, velho servidor do reino. Sua casa era humilde, quase uma choupana, onde vivia com os filhos adotivos Meg, — linda jovem, — e Myles, rapagão bem disposto e trabalhador.

— Myles! Diccon! — Exclamou a môça vendo que os nobres se dirigiam para sua casa, acompanhados de seu luzido séquito. — Lord Alban vem para cá!

Diccon Bowman, temendo pela sorte do rapaz, grita-lhe:

— Corre e te esconde lá no paiol de feno. Se êles te pegam aqui, vais servir como soldado!

— Teria prazer em lutar pela Inglaterra, responde o jovem, mas não por êsse antipático Duque de Alban! — E, ligeiro como um gato selvagem, trepa no monte de forragem, ocultando-se hàbilmente.

O escudeiro de Alban chega à casa de Diccon e, com dois golpes quase insolentes à porta, faz que Diccon apareça um tanto perturbado pela inesperada visita.

— Sua Senhoria, o Conde de Alban ordena que lhe leves água fresca a êle e aos seus criados!

— Imediatamente, senhor! Temos água fresca na cisterna!

Mas Sir Robert diz a Alban que, depois de uma caçada, muito melhor seria vinho servido em sapatinho de alguma jovem formosa.

— Se você já houvesse experimentado a horrível beberagem que é êsse vinho plebeu, nem pensava em tal coisa, respondeu Alban em tom de pilhéria.

— Mas você mudaria de opinião, senhor Conde, se o vinho fôsse oferecido por uma figurinha linda como a que estou vendo ali...

Mal dizia isso, se encaminha para onde estava Meg, e, sem a menor consideração, procura subjugar a môça, que, desesperada, lhe responde com o arremêsso de objetos caseiros ao alcance da mão. O sátiro insiste. Ela corre, mas se vê sitiada e sem saída possível. Sir Robert, exaltado pelo sensualismo de homem madurão diante de uma criatura sem defesa e linda, agarra-a e procura beijá-la. O Conde de Alban acha graça nos entusiasmos de Robert, incapaz de controlar-se. Meg luta com o atrevido, e já se sentia exausta, quando seu irmão grita lá de cima do esconderijo:

— Foge, Meg! Corre!

Sir Robert se assusta. Quem os estava observando? Dando com os olhos no jovem, interpela-o:

— És então o seu prometido, vagabundo?

— É minha irmã! — E, saltando ràpidamente, obriga-o a largar a prêsa, com violento empurrão.

— Canalha! — Brada Sir Robert desembainhando a espada.

Começa o duelo. Myles procura defender-se dos golpes usando a escada do paiol. Meg fecha a porta, a fim de não entrarem os companheiros de Sir Robert; mas deixa seu tutor, Diccon, lá fora... Era desesperada a situação. Myles se livra dos golpes e vai respondendo às agressões com o que pode usar. A cada tentativa de Robert para matá-lo, êle responde com um pontapé, um sôco, até que se arma com uma forquilha de espalhar feno e o nobre compreende que vai perder a parada. Em dado momento Sir Robert cai exausto a um recanto da casa. Alban se preocupa com o resultado da luta singular e ordena que seus fâmulos vão socorrer o aristocrata. Mas, quando um dos criados força a janela e vai entrando, Myles o brinda com um golpe na cabeça, e o serviçal cai sem sentidos.

— Derrubem a porta! — Grita Alban enfurecido, descendo do cavalo, já com a espada em punho, disposto a vingar a derrota de seu companheiro.

Alban e dez dos seus homens invadem a casa de Diccon, dispostos a matar Myles. Êste sobe a uma mesa e, fazendo da escada um escudo e da forquilha uma espada, vai derrubando a quantos se aproximam dêle. Alban está furioso e incita seus capangas. O rapaz luta como um gladiador enfezado. Ninguém se aproxima dêle impunemente e já se vêem vários invasores estendidos ao solo. Perdendo a forquilha, vai jogando nos seus agressores tudo o que sua mão alcança. Em dado momento trepa a uma janela que dá para o pátio e, escapando, salta de lá sôbre a sela de um dos cavalos que estavam ali, e foge em louca disparada pela estrada em fora, perdendo-se entre a floresta...

— Com mil diabos! Brada Alban enfurecido. Uma pipa de meu melhor vinho de Espanha, a quem o pegar, vivo ou morto!

E começa a caçada com a qual não contavam naquele esplendoroso dia de outono.

Estavam Diccon, Meg e Myles refugiados num convento de franciscanos, quando batem à porta. Frei Edward vai atender. Corre a viseira e vê dois soldados. Imediatamente faz sinal para os refugiados, para que se ocultem. Há perigo iminente. Abre a porta e, cruzando os braços, saúda os emissários de Alban:

— Boa noite. Que desejam, meus filhos?

— Encontramos êste cavalo perto daqui; mas não vimos o seu montador, que deve ser um jovem camponês de cabelos negros. Não o viste, frei Edward?

— Não. Durante a missa estiveram aqui muitos camponeses de cabelos negros.

— Há algum aqui no convento?

— Comigo, não. Mas se quiserem orar, a capela está ao seu dispor, meus filhos.

— Não temos tempo para isso, frei Edward. O fugitivo há-de voltar à sua choça hoje ou amanhã. Vamos esperá-lo lá mesmo.

— Pois vão com Deus...

Logo que os soldados se sumiram na volta do caminho, o frade fechou a porta e, voltando-se para Myles e Meg, lhes disse solenemente:

— Meus filhos. Nem você Myles, nasceu para camponês, nem Meg para casar-se com qualquer plebeu dêste Condado. Vou ser forçado a executar as ordens de seu saudoso pai, com um ano de antecedência, pois as circunstâncias assim o exigem. Tirando de um armário um cofre de prata, abre-o e diz com emoção na voz: Aqui está uma carta, que Diccon entregará ao Conde de Mackworth, na presença de vocês. O Conde então os tomará a seu cuidado.

— Que é isto aqui, Frei Edward? — Pergunta Meg retirando do cofre um anel de ferro ornado com um brasão. Também pertencia a meu pai?

— Menina! Deixa isto onde está! — Exclama o frade, alarmado.

Mas Myles o toma da irmã e se aproxima do candeeiro, examinando cuidadosamente a jóia. Voltando-se para seu tutor, diz:

— Diccon, você sempre me disse que lutou ao lado de meu pai. Mas estas armas são de um nobre capitão, e não de simples soldado.

— Diccon, suplica Meg, diga-nos quem foi nosso pai!

— Nem Diccon, nem eu, podemos dizer nada. Trata-se de um juramento. Agora, Myles, devolva-me o anel...

— Não, frei Edward, respondeu o rapaz; se sou o herdeiro de meu pai,

— Mas isto é correr perigo, meu filho! Um perigo mortal!

— Nada tema. Ninguém o verá, até que eu decifre o enigma que envolve o nome de meu pai. E agora vamos dormir, pois a viagem vai ser longa, e Meg está muito cansada.

Depois de muito viajar, alcançam os fugitivos ao majestoso castelo de Mackworth. Tudo parecia chegar a têrmo sem qualquer contratempo, quando passa ao lado de Myles uma senhorita, montada em seu cavalo e a gritar por socorro. Atrás dela, um cavaleiro em disparada. Myles detém o cavalo do perseguidor daquela dama, o qual perde o equilíbrio e cai ao chão. A jovem se aproxima e ri a valer.

— Vou dar-te o castigo, vagabundo! Vocifera o perseguidor da jovem, ameaçando Myles com seu chicote.

— Não Walter, não! — Eu pedi socorro e êste camponês julgou que 'ias em minha perseguição, e salvou-me!

Myles percebeu que o tomaram para palhaço; mas a bela Lady Ann, algo arrependida do que fizera, lhe oferece um lenço de sêda. Mas o jovem o lança ao chão, pois percebera a pilhéria. Meg está admirada com o vestido de Ann, enquanto os três viajantes procuram entrar no castelo. Mas outras contrariedades sobrevieram. Myles teve que enfrentar os guardas do palácio, e esteve a ponto de matar e a morrer. Felizmente tudo serenou com a intervenção de um amigo inesperado. Foi então que Myles soube que Ann era filha de Lord Mackworth.

A êsse tempo Alban só espera que Henrique IV morra, para eliminar o príncipe Hal e assumir o govêrno. Para isso procura aliança com a Casa de Macworth, casando Walter Blunt, seu irmão mais novo, com Lady Ann. Naquêle palácio estão tramando a derrota da Casa de Mackworth; mas êste percebe a traição de Alban e finge que de nada sabe, aliando-se ao Príncipe Hal. Myles é conduzido diante de Lord Mackworth, que lê a carta de recomendação e o remete ao comandante de escudeiros, indo Meg para os domínios de Ellen, dama de companhia de Ann.

A caminho do corpo de guardas, passa Myles por uma biblioteca e sabe pela bôca de seu intérprete, Francis Gayscone, que há ali um livro de linhagens, no qual estão registrados todos os nobres da Inglaterra. Gayscone lhe recomenda que nunca penetre naquêle lugar, absolutamente vedado a estranhos excetuando o confessor e o arquivista. As amarguras de Myles continuam, e êle tem que mostrar quem é, ao ser ridi-

cularizado pelos escudeiros. É aí que sabe ser o Comandante de seu setor, irmão do Conde de Alban... No dia seguinte Myles e outros escudeiros se submetem a treinos violentos. Ann e Meg assistem aos exercícios. Ann está apaixonada por Myles, e Meg por Francis Gayscone, já íntimo amigo de Myles. Walter, desconfiando que Ann está caída por Myles, procura precipitar seu enlace com a jovem herdeira da Casa Mackworth, o que Myles e Meg vêm a saber, quando estão ocultos na biblioteca, em busca de decifrar o segrêdo de sua origem no livro de linhagem. Mas são surpreendidos por Lord Mackworth, que os recrimina veementemente. Myles procura justificar-se e inocentar a irmã. É quando o Príncipe Hal esclarece o mistério, diante do anel heráldico que Myles traz no dedo. Era êle filho de Falworth e da duquesa de Beauford. Seu nome todo era Thomas Frederick Myles, e o de sua irmã, Elizabeth Margaret Myles. Contra o pai de Myles há no livro uma nota infamante: o de traidor. Mas o Príncipe protesta e garante que Lord Falworth sempre foi um homem leal e honrado, até à morte. O conde de Mackworth lhe agradece a explicação e a página é arrancada do livro de linhagens, para lavar a memória do acusado injustamente. Mas tudo isso se passa sem que os dois irmãos saibam. Estão alheios aos acontecimentos. Myles se sente cada vez mais apaixonado por Ann, enquanto Gayscone está louco pela irmã de Myles. Os encontros furtivos se repetem. Contra ambos está Walter, que procura humilhar Myles, de tôda maneira, até que o rapaz se revolta e provoca um dos maiores distúrbios que o Condado já viu. No dia seguinte o Duque de Mackworth assiste a um duelo entre Myles e o irmão de Alban, do qual sai vencedor Myles. Mackworth tem com Myles uma conferência e o nomeia Cavaleiro do Rei. O fato causa imenso reboliço no castelo, e Walter Blunt, depois de curado dos ferimentos, corre até a côrte de Henrique IV a fim de relatar tôdas as novidades a seu irmão Alban.

O Duque de Mackworth já estava a par dos encontros amorosos de Myles com sua filha Ann. Mas a tranqüilidade do castelo desaparece quando chega um emissário do Rei comunicando que o soberano e muitos nobres vinham em visita à Casa de Mackworth.

— E quem mais? — Indaga o Duque.

— Lord Alban e seu irmão **Sir** Walter...

Era a tempestade! Mackworth acabava de saber que o Rei conferira a Walter o título de Sir, com certeza a conselho de Alban. A mão de Ann seria pedida para Walter, como convinha à política de Alban. Dentre o séquito do Rei havia um invencível cavaleiro, o Conde de Vermois. A justa que se ia realizar no dia seguinte, teria como atração máxima o duelo de Vermois com Myles, armado em cavaleiro pelo próprio soberano. A expectativa é geral. Alban, ao ver que o escudo de Myles levava as armas do pai dêste, ergue-se e brada:

— Êste escudo é de Falworth! Foi um traidor, Majestade! Vós mesmo, Senhor, o condenastes à morte, a êle e a todos os seus descendentes!

— É falso, Majestade! — Intervém Mackworth — O conde de Falworth foi sempre leal a V. Majestade, e Sir Myles é seu filho!

— Pois deve ser enfarcado, sustenta Alban, furioso.

O Rei está vacilante. Mas, instado por Alban, a quem temia, resolve; apontando Myles:

— Prendam-no!

Alban exulta e volta:

— Mackworth deve ser prêso também, pois acoitou a um criminoso de lesa-majestade!

O Conde não se altera e protesta lealdade à Coroa. Mas é encarcerado. No dia seguinte seriam julgados pelo Tribunal Supremo da Nobreza.

A sessão começa. Henrique IV em seu trono, tem a seu lado seu filho, o Príncipe Hal. No semicírculo, um pouco mais abaixo, os doze pares que vão ouvir acusados e acusadores. Lord Alban e o Duque de Mackworth estão frente a frente um do outro. Por detrás tôda a Côrte de Inglaterra; no outro plano, formando fundo ao cenário, os guardas reais e os escudeiros.

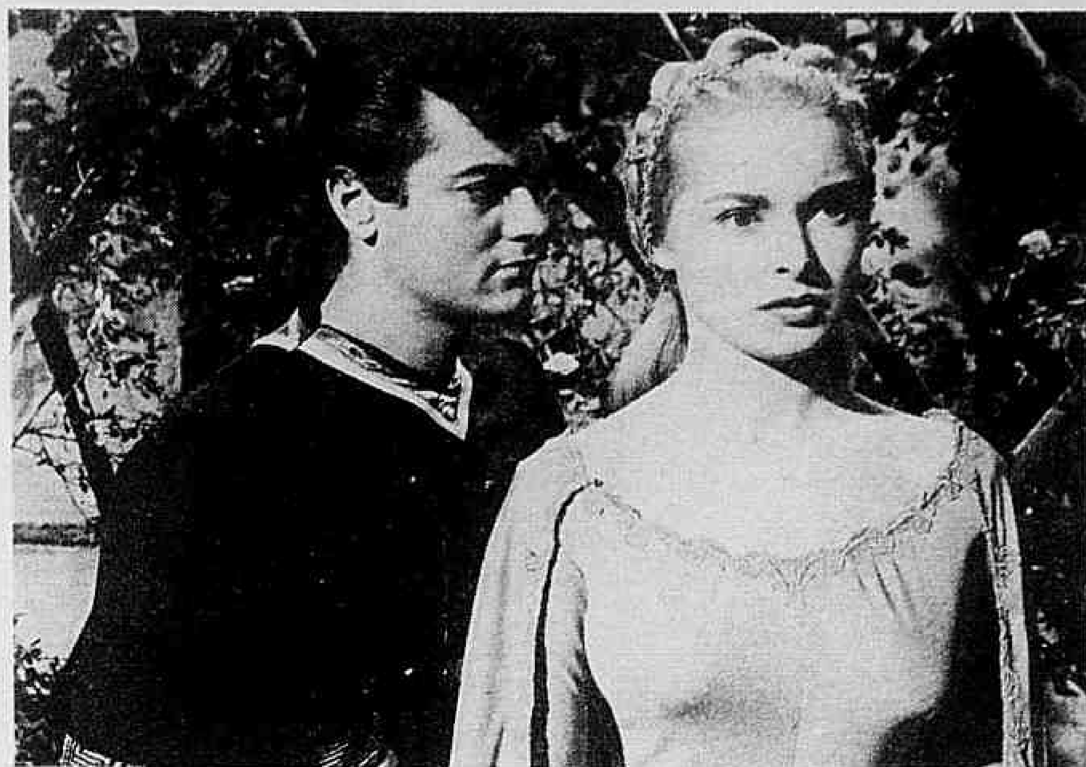
O Tribunal dá a palavra a Alban, que repete a acusação contra Mackworth; êste a repele com serenidade. Estão discutindo, quando chega Myles ao Tribunal. Alban se enfurece:

— Quem mandou soltar êste homem?

— Eu, responde o príncipe Hal, em nome do Rei, a fim de que resplandeça a verdade.

O Rei concorda, com um gesto de cabeça. Myles fala:

— Majestade... Nobres Lords... Venho perante êste Tribunal provar a inocência e restaurar a honra de meu pai, e declarar o seu acusador, Gilbert de Alban, um vil caluniador, mau cavaleiro e indigno desta Côrte. Para isso, o desafio a decidir a parada num duelo agora mesmo. O encontro fica marcado para o dia seguinte. Alban, porém, covardemente convence o Rei, de que o Príncipe Hal, aliado a Myles e ao Conde de Mackworth, planeja o assassínio de Henrique IV, naquela mesma noite. Para isso consegue substituir a guarda do castelo por gente sua. Convence seu irmão Sir Walter de que deviam eliminar todos, durante o torneio, inclusive o Rei, assumindo êle o poder. Mas Ann e Meg conseguem sair do cêrco e correm a pedir ajuda a Sir Hubert ,a dez léguas de distância. Era preciso chegar antes que fôsse tarde. No dia seguinte o duelo se feriria, e Alban mataria a todos, pois os guardas estavam espalhados pelos pontos estratégicos, prontos para servir ao sanguinário e ambicioso amo.



**Myles sentia-se cada vez mais atraído pela beleza de Lady Ann...**

Em amplo anfiteatro, em presença do Rei, do Príncipe herdeiro, de Gayscone, James, Walter e o Conde de Vermois, o duelo teve início, com todos os aparatos e dentro da etiquêta tradicional.

Logo aos primeiros golpes, cai o cavalo de Myles, e Alban o ataca vigorosamente; mas o jovem é hábil e se ergue, enfrentando o inimigo. Vermois, que, a princípio estava ao lado de Alban, já verificara que Myles o liquidaria. Alban está sendo batido; mas, como havia ordenado a seu irmão e aos seus soldados, em dado momento tanto Myles como o Rei passaram a ser alvejados pelas flechas dos guardas do traidor.

— Traição! — Grita o Rei.

— Do homem que pretende destronar-vos, Senhor! — Responde Hal desembainhando a espada, enquanto protegia com seu próprio corpo a pessoa do pai, visado pelos seteiros de Alban. A luta se generaliza. Gayscone abate Walter com uma estocada no peito. O balcão real é atacado pela gente de Alban, enquanto Myles enfrenta o seu acusador, e os dois lutam como possessos rugindo de ódio. Ambos caem e se erguem furiosos. Em dado instante se quebra a espada de Myles. Alban acha que é o momento azado para matá-lo, e investe; mas Myles se arma novamente e, com certeiro golpe o trespassa à altura do coração. A batalha prossegue entre os hóspedes de Lord Mackworth e os soldados de Alban, quando chega a cavalaria de Hubert em ajuda do castelo, salvando-se da derrota a dinastia de Lancaster.

A vitória de Henrique IV foi solenemente comemorada. Em sessão brilhante, com tôdas aquelas personagens que lutaram pela dinastia, vendo-se em lugar destacado Myles e Ann, Gayscone e Meg, foi lida a proclamação real:

«Mando que se proclame em todo o meu reino, que hoje, Eu, o Rei, pesaroso e agradecido, restaurei o nome, os títulos e as propriedades da nobre Casa de Falworth, com todos os seus antigos direitos, honras e prerrogativas». Voltando-se para Myles, disse:

— De hoje em diante, Milord de Falworth, ostentarás os brasões do teu falecido pai, com a mesma altivez e o mesmo merecido orgulho com que êle os ostentava.

Os dois irmãos estavam ajoelhados. O Rei mandou:

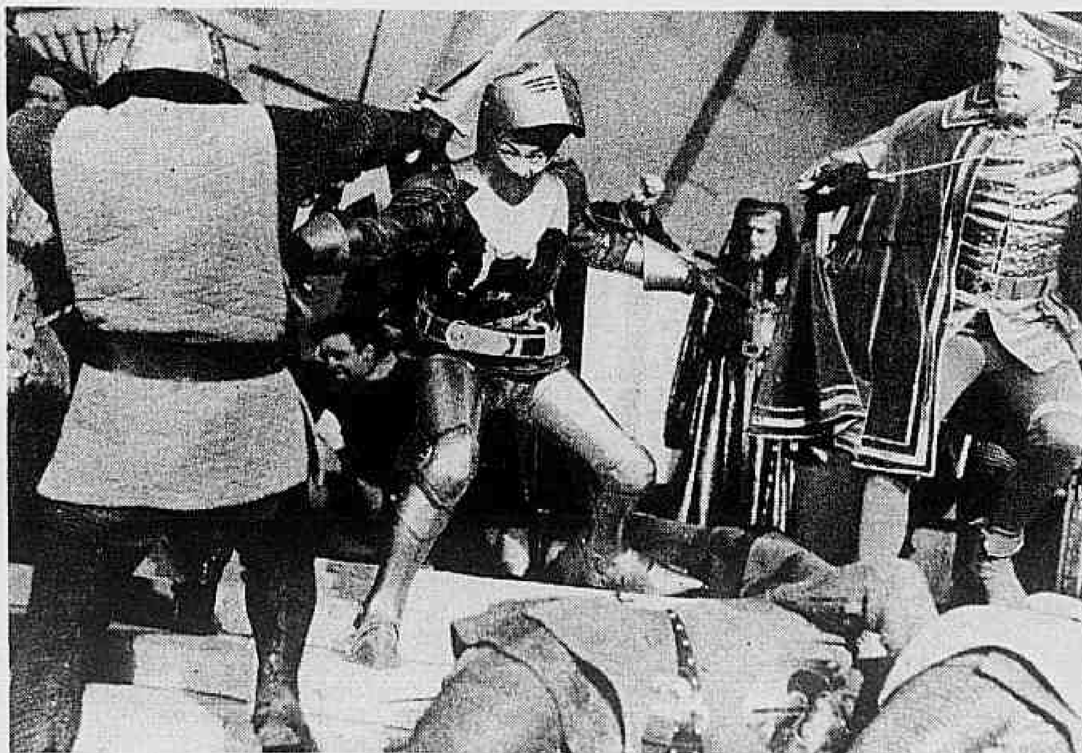
— Levantem-se.

— Com a real aquiescência de Vossa Majestade... — Pediu Myles. Henrique IV acedeu. Myles se curva diante de Ann, que lhe entrega o anel da Casa de Falworth. Mas Myles o coloca no dedo anular da jovem. Lady Ann enrubesce e sorri de prazer. Olha para Meg e Gayscone e, tomando-lhes as mãos, as enlaça, murmurando:

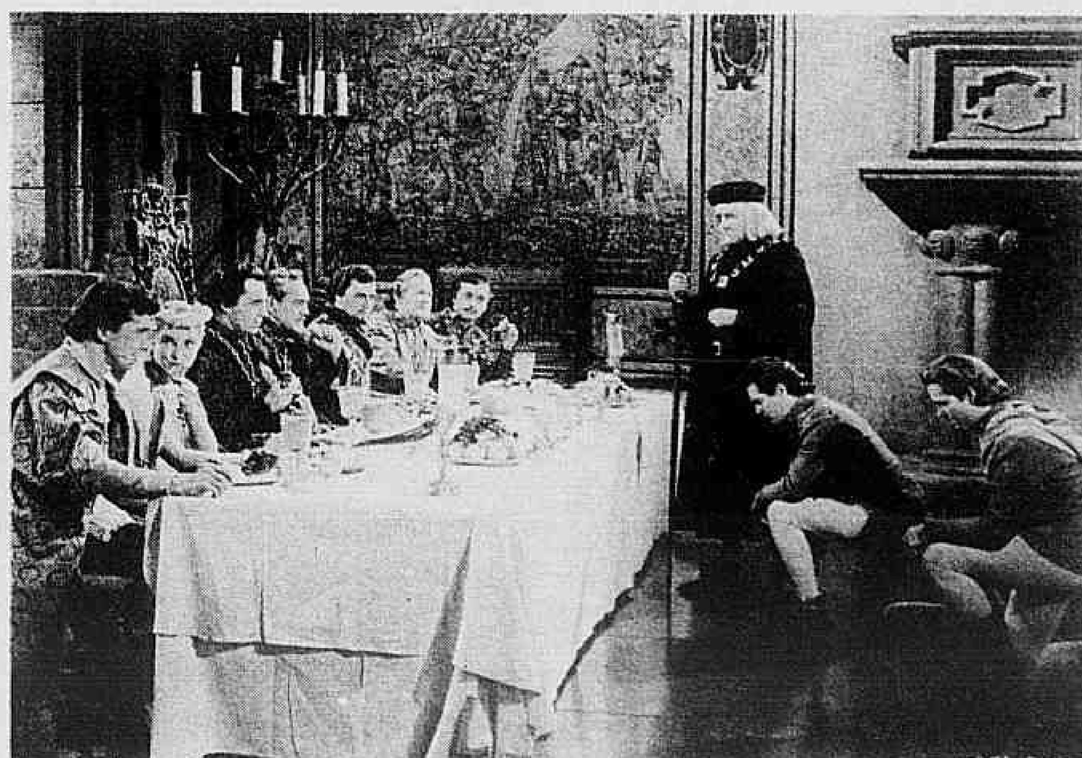
— Sir Francis, que a dona dos seus pensamentos o faça tão venturoso, como eu me sinto agora, ao lado do meu querido **camponês**, que um dia me salvou de uma simulada perseguição, e hoje me torna a mais feliz mulher dêste Reino...

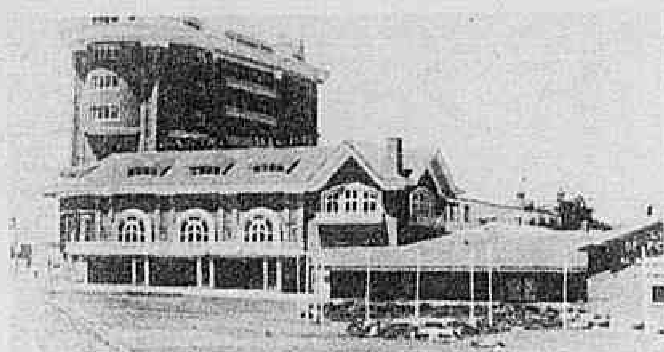
E assim, numa das mais memoráveis épocas do turbulento reinado de Henrique IV de Inglaterra, a Casa de Mackworth se ligou à dinastia de Lancaster, pelo Amor, pela Lealdade e pelo Cavalheirismo medieval.

**A coragem de Myles levou-o a enfrentar cavaleiros inimigos em duelos mortais!**



**Perante Sua Majestade, Myles e seu companheiro curvaram-se com respeito.**





# O QUE EU VI EM PUNTA DEL ESTE

**POR RAMOM DIAS (EXCLUSIVO DE "A CENA")**

VI principalmente muita desorganização. Vi muitos «casos» sentimentais entre artistas e vi a agitação causada com a resolução do Júri não concedendo o Grande Prêmio sob a alegação pueril de que não haviam concorrentes dignos, o que não foi verdade.

Êsse capítulo cinematográfico em Punta Del Este foi dos mais melancólicos. Êle serviu para provar que com o tempo é bem provável que se acabem os festivais de cinema que agora estão irremediàvelmente condenados ao fracasso, apesar de ainda haverem dois dignos de atenção: o de Veneza e o de Cannes.

O Festival de São Paulo, ao qual assisti também, foi acusado de desorganização, porém o de Punta Del Este veio provar que aquela mostra, a primeira feita no Brasil, estava acima de tão mesquinhas declarações. São Paulo rendeu bastante, artística e socialmente. Faço questão de declarar isso aos meus leitores brasileiros, para que não continuem pensando que o Festival de São Paulo foi um fracasso, porque não o foi em verdade. Muita coisa interessante aconteceu ali e poucos festivais, dos que tenho



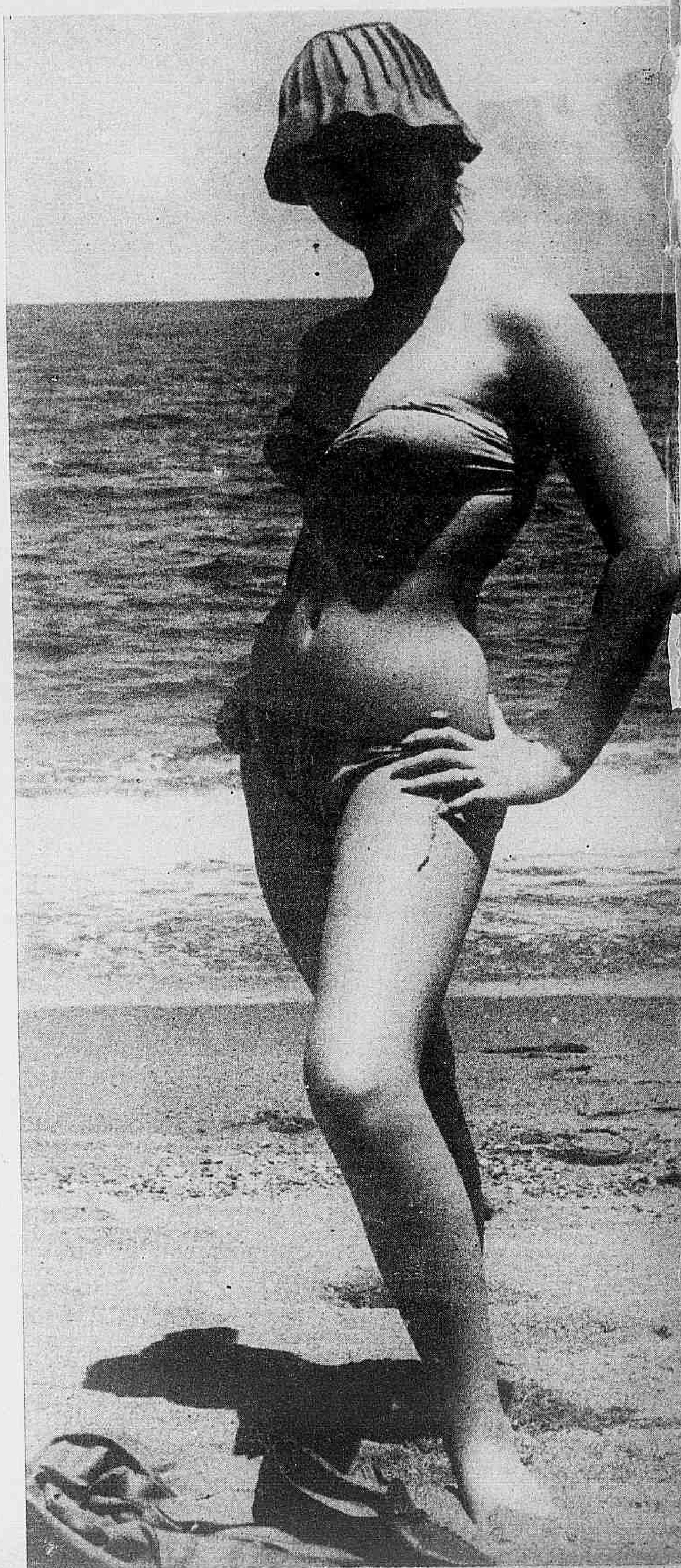
**As brasileiras Gilda Neri, Eliane Lage e Maria Fernanda. Muito alegres.**

assistido, alcançaram tão grande significado em sua parte artística. Êsse festival do Brasil transbordou de bons filmes e daí o seu grande valor na minha opinião.

Negou o Júri que houvesse filme digno do Grande Prêmio esquecendo de obras como «Orient Express» (italiano) «Ulysses» (italiano), «Hubson's Choice» (inglês), «Sabrina Fayr» (americano). Também o filme brasileiro «Sinhá Moça» que eu já conhecia e que o assisti mais uma vez emocionado, merecia o prêmio pelo que suas imagens conseguem pôr em nossas almas. Pela direção segura de Tom Payne e o trabalho, eu diria excepcional, dessa simpatia personificada que é a brasileira Eliane Lage, na minha opinião a figura feminina de mais personalidade em Punta Del Este.

Meu caderninho de notas saiu de Punta Del Este repleto de anotações. Foi um Festival movimentado, apesar dos pesares. Pena que seu fim tenha sido tão decepcionante, conseguindo pesar no nosso espírito como uma nota falsa de gente que havia conseguido transformar Punta Del Este um ponto significativo na vida dos festivais de cinema em outros anos.

Assim, anotei para «A CENA» em Punta Del Este:



**Marina Vlady tem dezesseis anos e uma plástica de impressionar qualquer um. Usa biquinis especiais e aproveita os festivais de cinema para exibir-se.**



**Walter Pidgeon é um veterano que adora publicidade. Deixa-se fotografar em todos os ângulos e de todos os modos. Ei-lo abraçado com Gilda Neri e Maria Fernanda. Com esta dizem que houve um romance sério. Escândalo ou desejo de publicidade?**

● A simpatia de Eliane Lage que formou na delegação brasileira. Considero-a a rainha dêsse Festival sem Grande Prêmio. O nosso «grande prêmio» foi tê-la conosco! Aplaudidíssima durante a exibição de «Sinhá Moça».

● Silvana Pampanini foi a «estrêla» mais famosa em Punta Del Este. Fêz furor e precisou de guardas para protegê-la dos «fãs». Será preciso dizer mais da sensação que causou?

● Marina Merlini, uma italiana de beleza verdadeira, impressionou pela sobriedade de maneiras.

● Walter Pidgeon, da delegação americana, continuou sendo um homem que se envolve em questões sentimentais. Dizem que viveu um romance com a brasileira Maria Fernanda. Ela desmentiu tal coisa. Como se fica, então?

● Wayne Morris, um veterano entre os americanos, passou o tempo bebendo uísque e fazendo boas amizades no setor feminino. Já não tem cartaz.

● Mercedes McCambridge, muito inteligente, teve sempre conversação interessante e marcou sua presença em Punta. Os americanos fizeram bem em trazê-la.

● Elaine Stewart, uma beleza de garôta, causou sensação entre os homens em Punta Del Este. Inspirou paixões violentas. Veio se divertir e não perdeu tempo.

● Pat O'Brien, outro veterano da delegação americana, veio com a espôsa. Mostrou-se simpático e atencioso com a imprensa e os fãs.

**(Cont. na pág 42)**



AGUARDEM EM «A CENA» SELEÇÃO DOS ASTROS E ESTRÊLAS MAIS ELEGANTES DO CINEMA NACIONAL «OS DEZ E AS DEZ MAIS ELEGANTES» TAMBÉM EM «A CENA» A ESCOLHA DOS «MAIS FALADOS» EM 54!

# BELEZA DAS "ESTRÊLAS"

Phyllis Kirk adotou definitivamente a moda dos cabelos curtinhos. Como mantê-los sempre penteados? Foi a pergunta que lhe fizemos, a fim de atender a leitora Rosàngela de Juiz de Fora. E Phyllis com sua irradiante simpatia colocou-se diante do espelho e explicou:

— Muito fácil. Basta estar disposta a perder quinze minutos tôdas as noites antes de ir para a cama. Enrolam-se os cabelos em cachinhos, com enroladores de borracha (que não incomodam durante o sono). Pela manhã soltam-se os cabelos, e escovam-se bem, até dar o jeitinho que se quer.

LEIA A

REVISTA DA SEMANA

COMO APRENDER A DANÇAR



6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso ... Ritz» Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

# PEQUENA HISTÓRIA DO CINEMA

## DÉCIMO QUARTO CAPÍTULO

Apesar de serem obras populares, "Fantomas" (1913) e "Vampiro e Judex", êsses dois filmes realizados nos estúdios de Leon Gaumont vinham pôr uma trégua à febre do teatro filmado. Tinham principalmente movimento e criaram o cinema de "suspense" que hoje em dia se deve ao talento de Hitchcock. Em "Fantomas" as portas secretas e as sombras alongadas davam um tom de mistério que fêz o êxito do personagem e da série. O cinema começava a assumir um aspecto de arte, embora procurasse atingir de modo fácil o gôsto do grande público.

A era dos literatos ia passando melancòlicamente e com a presença de Louis Feuillade e seus dois filmes, tinha-se, então, a certeza de que a calamidade estava no fim e já se podia pensar em imprimir novos rumos à arte do cinematógrafo.

O filme de mistério e aventuras abrira um campo novo ao cinema em Charles Jourjon seguiu o caminho com a série sôbre "Nick Carter" e "Júlio Verne". O sucesso foi imenso e animou os pioneiros a outras arremetidas que foram logo tentadas. O cinema começava a dar lucro e a interessar verdadeiramente ao público. Já não era possível pensar nêle apenas como um meio de pesquisas de certo modo frustradas. Havia a necessidade de torná-lo uma indústria progressista e foi nos Estados Unidos que se deu início a essa grande transformação da arte que tanto ficou devendo ao espírito empreendedor de Lumiére.

Fundara-se em 1907 a "Motion Picture Patents" dirigida por George Klein, antigo importador de filmes e aparelhagens. Êsse homem tinha um plano grandioso em mente e pensava realizá-lo visando o "trust" do negócio. A Motion agrupara as mais poderosas companhias de então: Edison, Vitagraph, Biograph e a própria casa Kleine. Registraram em comum suas patentes e garantiram assim o futuro.

**(Continua no próximo número)**

PARA O ALBUM DO FÃ

FOTOS DO SEU CRAQUE E CLUBE FAVORITOS
ARTISTA DE RADIO OU DO CINEMA BRASILEIRO

TAMANHOS:
13 x 18 — Cr$ 15.00 ● 18 x 24 — Cr$ 30.00

Pedidos pelo Reembôlso Postal a Newton Viana:
Praça Floriano, 19 - 1º and., s/13 — Edifício Império — Cinelândia

Queira enviar-me pelo Reembôlso ...... fotografia (s) de ....................
..................................................
(Nome do jogador, clube ou artista)

NOME ..................................................

RUA ..................................................

CIDADE .............................. ESTADO ..................

# Pierre Fresnay

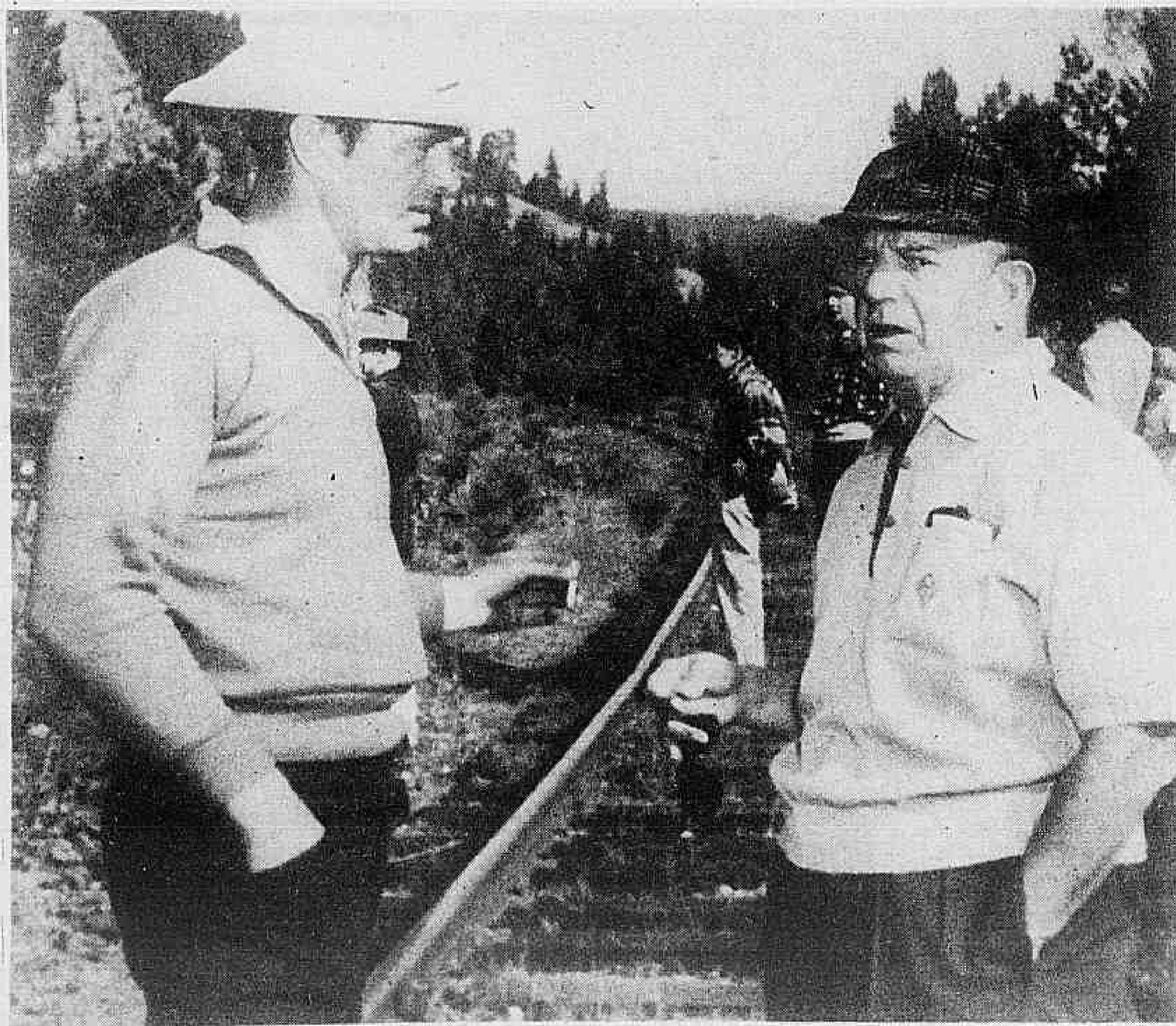
ÊLE é verdadeiramente um dos maiores atores do moderno cinema francês. Artista de talento nato, Pierre Fresnay tem deixado na sua passagem pelos estúdios franceses, as mais destacadas performances.

Começou a ser conhecido dos brasileiros desde «A Mão do Diabo» para depois receber a consagração do público e crítica no papel de «Monsieur Vincent», o Capelão das Galeras. Outro desempenho seu também merecedor de elogios foi o de «Deus Necessita de Homens».

Pierre Fresnay é o protagonista de «Almas Condenadas» no qual tem mais um papel vigoroso que se adaptou maravilhosamente ao seu temperamento de artista. (Foto Telefilmes).


Um dos pontos de curiosidade do novo filme da Republic, «Timberjack», é uma velha locomotiva que é mostrada nesta foto com os intérpretes da película. Da esquerda para a direita, Chill Wills, Adolphe Menjou, Sterling Hayden, Vera Ralston, Hoagy Carmichael, David Brian e Howard Petrie.

# FILMANDO NO PÂNTANO!



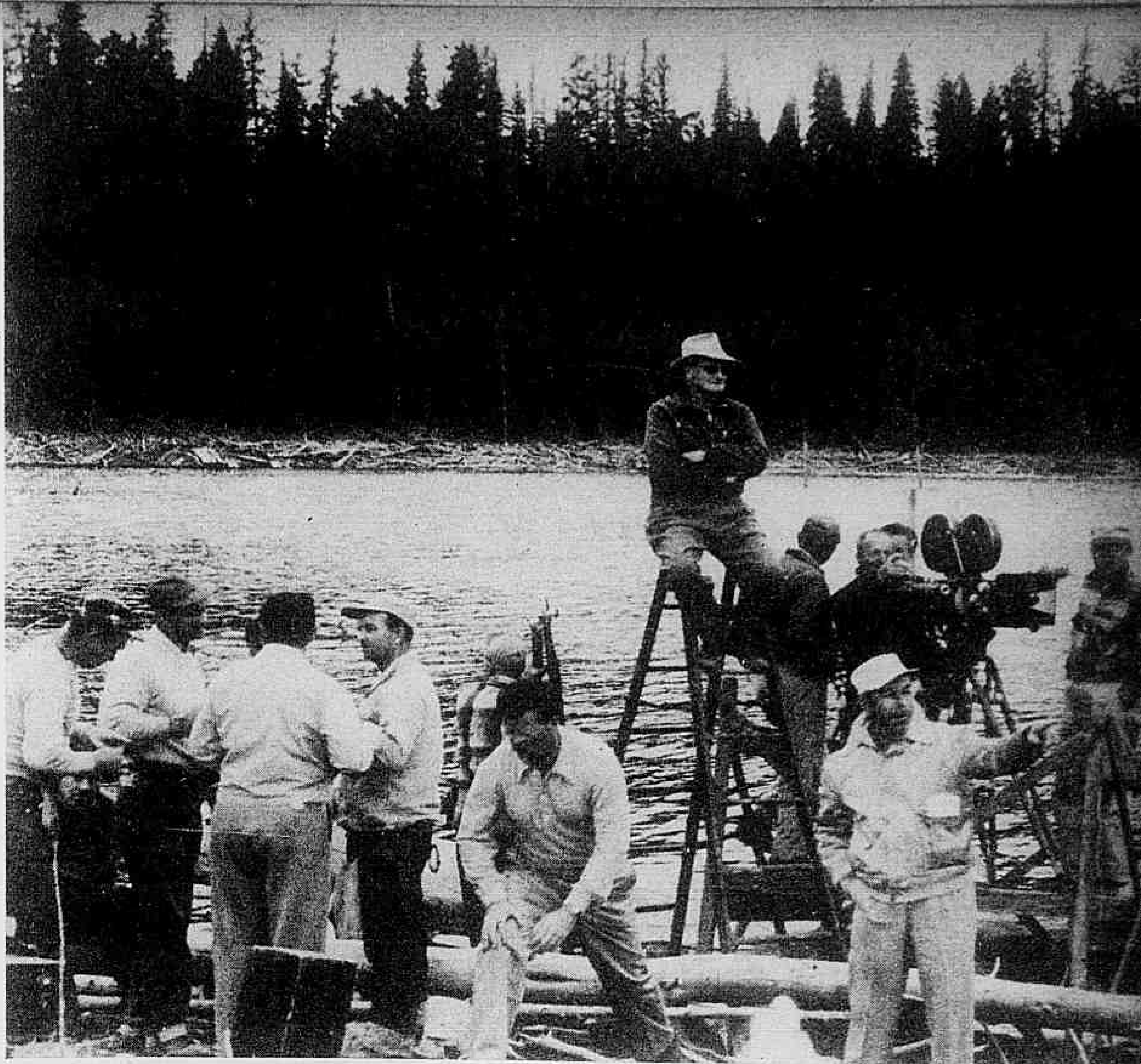
FOCALIZAMOS, nesta página, alguns flagrantes que nos foram enviados, por via-aérea, pelos estúdios da Republic Pictures, das filmagens da sua mais recente produção — "Timberjack" (ainda sem título em português) — que estão sendo realizadas em Missoula, próximo à cidade de Montana, local cuja extraordinária beleza panorâmica atrai milhares de turistas todos os anos e que nunca antes foi captado pelas câmaras cinematográficas. A fim de dar maior autenticidade à película, a Republic enviou uma equipe — composta por 125 pessoas e munida de 30 peças de equipamento — a essa região agreste para uma filmagem "on location" que durou três semanas.

A primeira chuva da estação isolou por dois dias essa equipe que trabalhava nas densas florestas a milhas de distância da estação mais próxima. Como conseqüência das horas de temporal e de neve, a estrada transformou-se de tal forma num pântano que foi impossível transitá-la. Por êsse motivo, os 125 componentes dessa equipe da Republic foram obrigados a dormir, uma noite, em abrigos improvisados e em barcos de pesca. Na manhã seguinte receberam alimentos por meio de pára-quedas que lhes eram atirados de helicópteros.

O presidente da Republic, sr. Herbert J. Yates, que supervisiona pessoalmente essa extensiva excursão e os astros de "Timberjack", Vera Ralston, Sterling Hayden, David Brian, Adolphe Menjou e Hoagy Carmichael, foram transportados na tarde dêsse mesmo dia, na primeira das sete viagens empreendidas por um jipe anfíbio através do lamaçal que ligava a estrada até o local das filmagens.

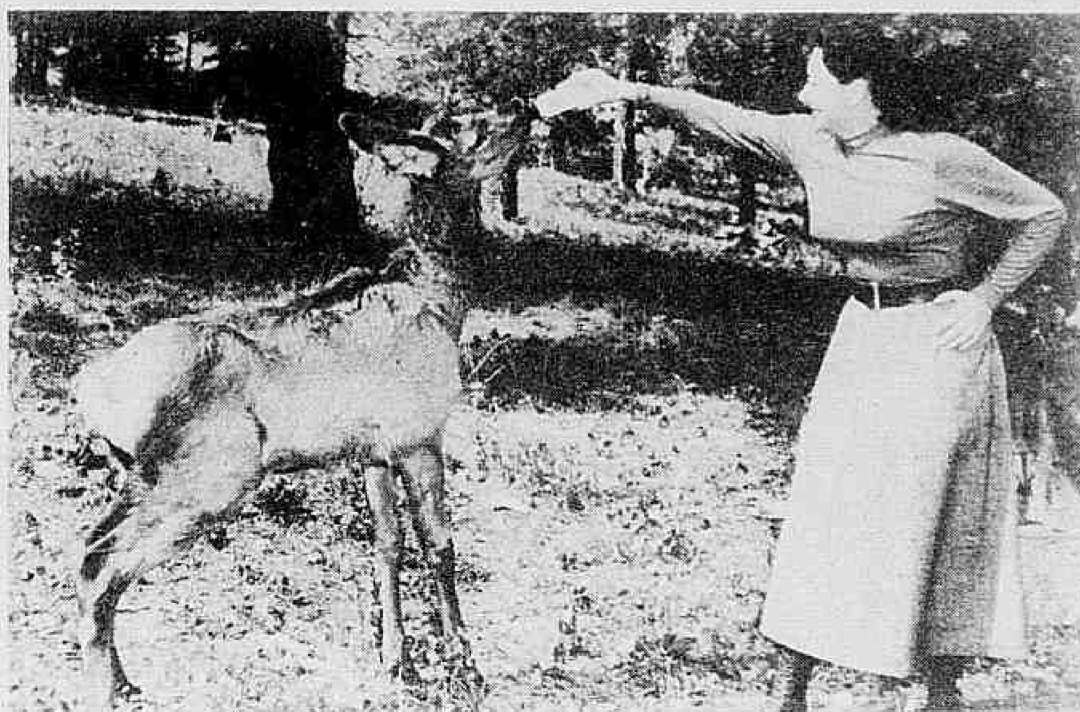
Herbert J. Yates, presidente da Republic, troca idéias com o «astro» de «Timberjack», o «guapo» Sterling Hayden.

INÚMERAS DIFICULDADES TIVERAM DE SER VENCIDAS PARA QUE FÔSSE POSSÍVEL CONCLUIR A PELÍCULA «TIMBERJACK» — OS ARTISTAS DORMIRAM EM BARCOS E RECEBERAM ALIMENTO TRAZIDO POR HELICÓPTERO — ERA IMPOSSÍVEL VENCER O PÂNTANO!



Os técnicos tiveram que vencer inúmeras dificuldades (naturais) para conseguir o lugar ideal onde pudessem filmar as seqüências mais importantes de «Timberjack». Sòmente muita fibra e zêlo profissional poderiam concorrer para o êxito dessa filmagem realizada em condições fora do normal.





Os artistas principais de «Timberjack» aproveitam um momento de descanço (que foram raros aliás) para um «bate-papo» animado. Aí está Hoagy Carmichael contando «prosa» para Vera Ralston, enquanto Sterling Hayden finge que acredita. — Vera Ralston diverte-se com sua amiguinha, a corça — Maquilagem da «estrêla» antes de uma filmagem importante. Herbert J. Yates supervisionou a produção de «Timberjack». Ei-lo dando instruções aos atores Hoagy Carmichael e Adolphe Menjou. As filmagens de «Timberjack» jamais serão esquecidas pelos que nela tomaram parte, tantas as emoções fornecidas







# A CARICATA DO CINEMA BRASILEIRO



O talento histriônico de Violeta Ferraz tem sido provado no cinema nacional e ela é hoje em dia um de seus nomes mais brilhantes.

Artista de ilimitados recursos cômicos, Violeta Ferraz é figura obrigatória nas comédias carnavalescas do produtor Watson Macedo que descobriu na "estrêla" de nosso teatro de revistas uma intérprete segura e capaz de garantir o sucesso de seus filmes.

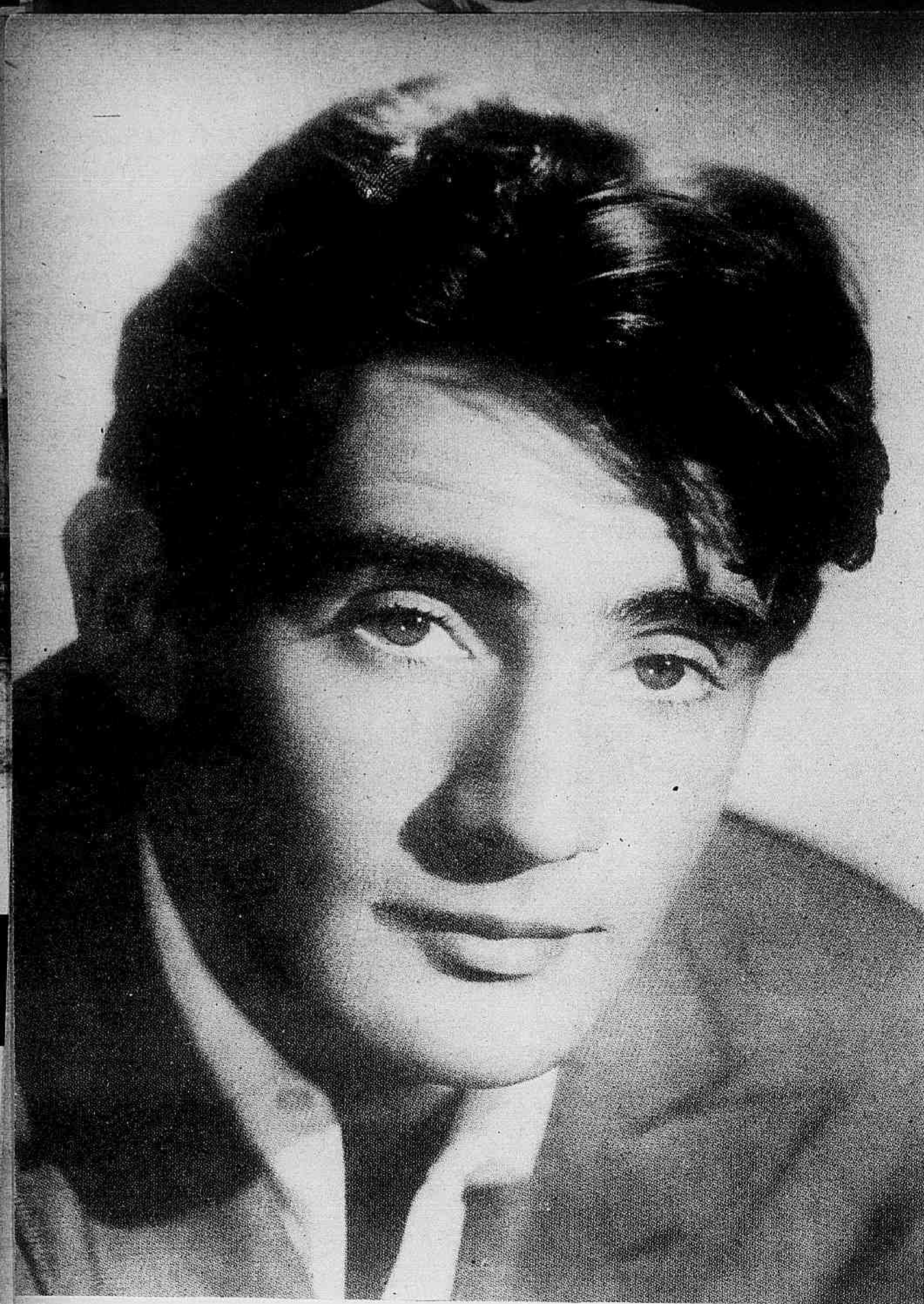




Assim aconteceu em "O Petróleo é Nosso" quanu Violeta compôs o tipo (gozadíssimo) de Madame Pau Pereira, personagem que já havia criado (com êxito) no musical "E' Fogo na Roupa". Watson contratou Violeta com exclusividade e assim garantiu a presença da maior caricata do cinema brasileiro em seus próximos filmes, começando com "Carnaval em Marte", que vem de ser lançado.

Violeta, é bem verdade, ainda não fêz o que pode no cinema nacional, mas não custa esperar, pois é certo que ela conseguirá o seu papel máximo muito breve.





Walter Chiari tem feito rir a muita gente com suas comédias. Mas, na vida privada, é homem estudioso e sério que costuma pensar (sòmente) em coisas sérias.

# Walter Chiari

ÊLE DEIXOU DE SER ADVOGADO PARA SEGUIR A CARREIRA DE CÔMICO DA TELA — TEM O DOM DE TRANSFORMAR UM FILME MEDÍOCRE NUMA GRANDE COMÉDIA E COM A CARA LIMPA!

ÊLE mesmo confessa que poderia ter sido um brilhante advogado ou um compenetrado médico. Acabou, porém, escolhendo a carreira de ator de cinema. Faz rir. Com uma facilidade espantosa! Dizendo uma piada ou mudando a expressão do rosto, Walter Chiari nos faz rir. De que rimos, afinal? De tudo e de todos. Com Walter num filme é difícil ficar sério na poltrona. Êle consegue colocar graça onde não tem. Muitas comédias salvam-se com o seu desempenho e êle próprio é requisitado quando um filme necessita urgentemente de um sustentáculo.

Os produtores sabem que Walter Chiari é um cômico de recursos largos, capaz de transformar um papel bisonho numa grande criação. Isso tem-lhe valido muitas oportunidades no cinema italiano e êle ainda as terá daqui por diante. Seu público brasileiro vem aumentando e Walter Chiari já pode ser considerado um sério rival para os demais cômicos da tela.

Na vida particular, Walter Chiari é um rapaz estudioso que ama o sol e o mar. E' oficialmente noivo de Lucia Bosé, porém o casamento está custando a sair... Mas, não por culpa de Walter Chiari que também sabe levar certas coisas a sério...

NENHUM dos admiradores da encantadora e talentosa «estrêla» do cinema italiano seria capaz de supô-la uma criatura de caráter tão enérgico. Mariella Lotti tem sido na tela a criaturinha romântica que nos faz sonhar com as imensas belezas do amor e ao contrário, na vida real é uma jovem de muitos predicadosc, entre êles o de saber o que quer. E quando quer Mariella Lotti sabe fazer por onde conseguir.

Admirada pelos colegas que a cognominaram «a condêssa» pelo seu porte distinto e as suas maneiras fidalgas, e naturalmente porque ela está sempre demonstrando que deseja perfeição em tudo e em todos, Mariella Lotti segue seu destino cinematográfico pontilhado de longos períodos afastada dos estúdios.

E' um segrêdo que agora podemos revelar. Mariella vive um drama íutimo, pois considera sua vida artística inteiramente vazia e pensou, então, em medicar-se à vida monástica. Por que ainda não o fês? O amor à arte tem sido bem mais forte, embora sua alma de mulher voluntariosa tenha se deixado influir (e bastante) pela carreira espinhosa do claustro.

Tudo faz crer que Mariella Lotti desista para sempre de semelhante projeto e fique mesmo no cinema italiano para nosso eterno prazer.

PERSONALIDADE FORTE

ELA É ADMIRADA PELOS COLEGAS

QUE LHE DERAM O CARINHOSO APELI-

DO DE «CONDESSA» — QUASE FREI-

RA, A «ESTRÊLA» ITALIANA

# MARIELLA LOTTI

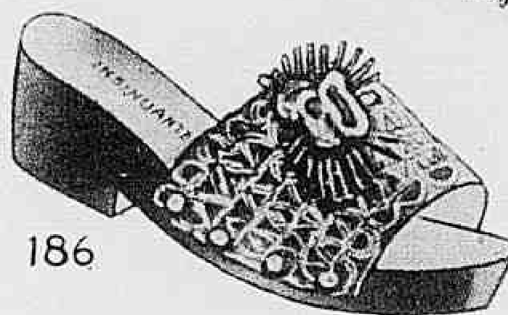


**E' uma mulher de personalidade forte, que sabe querer. Os colegas respeitam-na e chamam-na «a Condêssa». Ela não se importa e vai vivendo seu drama íntimo: o cinema ou o claustro?**

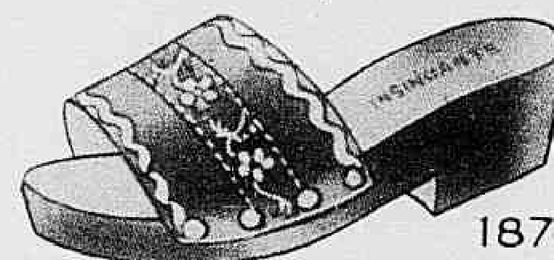


# o insinuante LANÇA O GRITO DE CARNAVAL!...

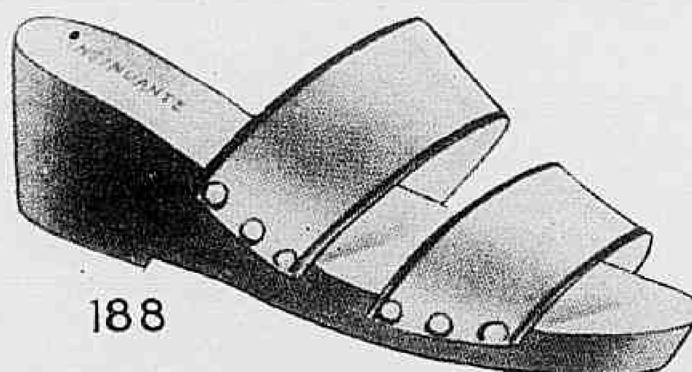
**PULO PULO EU QUERO É PULAR!**



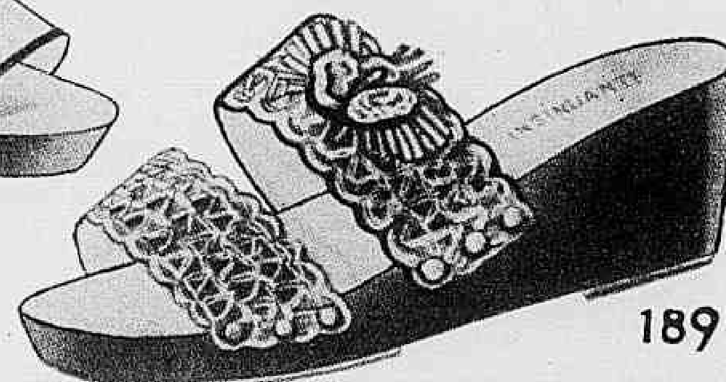
186



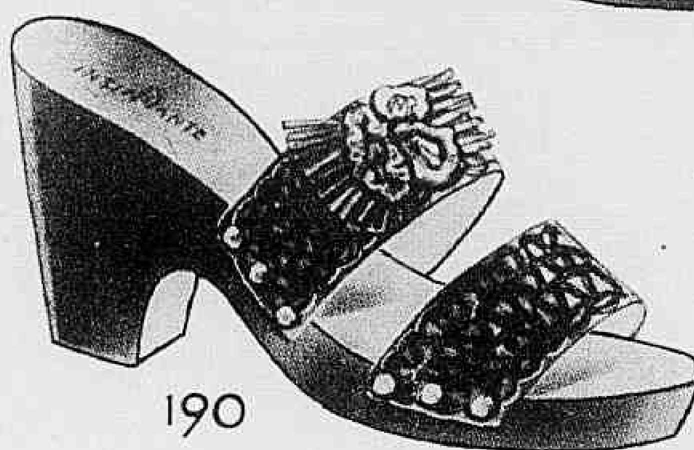
187



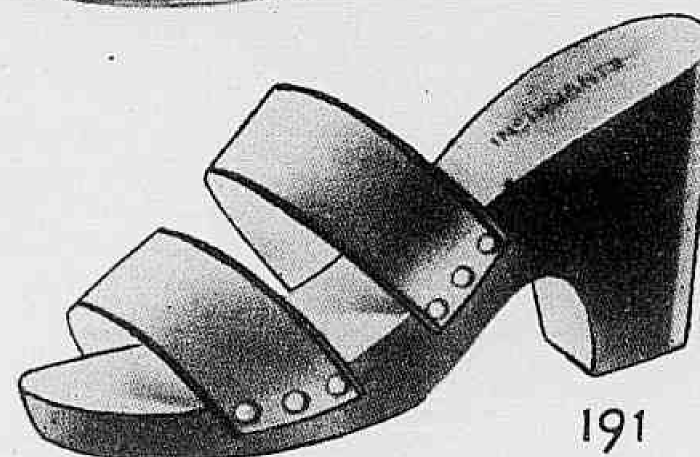
188



189



190



191

**insinuante**

*é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.*

AT. SEMOG

186 — CRS 98,00 — "Ratapá": Num. 25 a 32 — Lindo tamanco de rafia-palha em diversas côres. Grande novidade!

187 — CRS 45,00 — "Lonita": Num. 25 a 32 — Bonito tamanquinho em lonita de fantasia. Côres lindissimas!

188 — CRS 100,00 — "Tecilástico": Num. 32 a 39 — Lindo tamanco em lona elástica fantasia. Muito bonito!

189 — CRS 195,00 — "Ratapá": Num. 32 a 39 — Bonito tamanco anabela de rafia-palha em lindas côres.

190 — CRS 195,00 — "Ratapá": Num. 32 a 39 — Lindissimo tamanco de rafia-palha. Côres bonitas e variadissimas.

191 — CRS 100,00 — "Tecilástico": Num. 32 a 39 — Formidável tamanco em lona elástica de fantasia. Lindissimo!

**Remetemos para todo o Brasil. Porte por par 10 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.**

**CARIOCA, 46-48**
**SETE DE SETEMBRO, 199-201**

Humphrey Bogart, o veterano artista de Hollywood, é uma das «máscaras» perfeitas dos filmes americanos. Seu papel em «A Condêssa Descalça» mostrará aos «fãs» que o tempo lhe deu uma segurança ainda maior como intérprete cinematográfico. É um veterano que ainda terá muito que fazer nos estúdios americanos e um dos atores de maior prestígio entre os «fãs» do mundo inteiro.



# BOGART, o veterano

ALGUNS "fãs" já chamam o intérprete de "A Montanha dos Sete Abutres" como o "velho Bogart", mas assim o fazem de maneira carinhosa. Humphrey Bogart é um artista simpático e de valor com que conta Hollywood para os seus filmes de maior responsabilidade. Dizem que êle tem atuação excelente em "A Condêssa Descalça" que a United Artists vai distribuir breve. Bogart não conseguiu a amizade de Gina Lollobrigida e referindo-se a êle, a "estrêla" italiana não usou "confetes", pelo contrário. Isso não abalou em nada o prestígio do veterano ator que continua tão apreciado como antes.

Em Hollywood

# AS "BOAS" TAMBÉM DESCANSAM





**BETTA ST. JOHN** é o nome desta beldade que alcançou (muito ràpidamente) o «estrelato» em Hollywood. Já interpretou papéis simpáticos e a todos encantou com sua beleza e plástica, realmente maravilhosas. Adora a praia e os banhos de mar.

**HELEN WESTCOTT** é menos «sereia» do que se possa pensar. Na verdade a «estrelinha» da Warner é uma jovem de muito talento e invejável cultura que só consente posar como na foto, apenas para efeito de publicidade. Não teve e jamais terá pretensões de ser uma «pin-up» famosa e não as inveja também. Mas faz questão de chegar a ser uma boa atriz dramática.

**NICOLE MAUREY** veio da França para conquistar Hollywood e um lugar de destaque entre suas «estrêlas» mais famosas. Tem sido muito fotografada ùltimamente e aqui se vê a razão da preferência . .

**MARLA ENGLISH** tem tudo para ser uma segunda Elizabeth Taylor. O rosto mimoso, o físico de ótimas linhas e talento evidente para representar. Seu sonho é chegar a ser «ela mesma» em Hollywood. Livre de qualquer semelhança com a famosa «estrêla» da Metro. É uma encantadora sereia!





HÁ um fator decisivo para que se possa manter em evidência as «estrêlas» bonitas de Hollywood: fazer publicidade, se possível estrondosa, em tôrno delas. Mesmo quando estejam descansando.

Os produtores não desconhecem a fôrça da propaganda e quando ordenam que sejam tiradas fotografias de determinada «estrêla», recomendam sempre que não seja feita nenhuma economia nas chapas. Muitas vêzes os fotógrafos dos estúdios (tarefa das mais agradáveis, como se pode deduzir) atingem cifras incríveis: duzentas a trezentas chapas, para aproveitar, na maioria dos casos, apenas setenta ou oitenta.

As «estrêlas» gostam de publicidade e adoram ser fotografadas. Mas acham que isso se torna ainda mais agradável se estão em posição de descanso. Nestas páginas, reunimos algumas em atitude pitoresca. Exibindo a plástica, naturalmente.

# AUDIE MURPHY Herói na vida real

AUDIE MURPHY é um dos poucos artistas de Hollywood que não se deixam envolver pela fantasia dos filmes. Mesmo quando o papel exige que êle use do maior realismo, Audie o faz com a maior calma do mundo, isso porque êle foi o soldado americano mais condecorado durante a última guerra. Audie lutou com bravura desmedida contra os japonêses e ganhou dezenas de condecorações. Para êle, lutar com um "bandido" cinematográfico é tarefa das mais fáceis. Audie se diverte muitíssimo enquanto filma, pois é um dos artistas de acentuado bom-humor e jamais perde a calma. Êle agora vem pedir ao seu estúdio (Universal) que lhe dê outro gênero de filmes para interpretar, pois se considera cansado de atuar como "cow-boy".





Farley Granger e Leslie Caron tornaram-se grandes amigos desde que filmaram juntos o episódio italiano do filme «História de Três Amôres». Agora podem ser vistos sempre juntos, sem que haja sombra de romance...

# a Vida do Cinema

A família Tony Curtis estêve reunida uma dessas tardes nos estúdios da Universal. Papai Mono, Tony e o caçula que tem aspirações a se tornar um artista como o irmão mais velho, que aliás o está ajudando no projeto. Há muita semelhança fisionômica entre os três componentes da família Curtis.



Fred Mac Murray conversa com Lauren Bacall nos estúdios da Fox. Lauren voltou recentemente aos filmes e o mesmo se deu com Fred depois do casamento. Virginia Mayo e Michael O'Shea comemoram mais um aniversário da «estrêla» da Warner.





ALBERTO SIMOENS BELLO.

# FILMES EM REVISTA

"LUCRÉCIA BORGIA" — (Lucréce Borgia) — Art-Filmes.

Assistindo a êsse filme de Christian Jacque presenciamos a um espetáculo onde a montagem empolga, mas onde, também, os personagens se movem sem convencer. A Lucrécia Borgia de Martine Carol é uma boa menina, que se diverte com seus amantes, quase que platônicamente e o que faz de mal é por influência de seu irmão, César Borgia, muito bem interpretado por Pedro Armendariz, que leva para si o melhor desempenho do filme. Faltou mais psicologia na maneira de tratar o personagem titulo do filme. Como não podia deixar de acontecer Martine dá um "show" mamífero e exibe suas glândulas com todo o requinte. Massimo Serato preocupado com a elegância de sua roupagem, de suas poses e de seu ar bem, não viveu o papel. Papéis secundários são interpretados por Valentine Tissier, Cristian Marquand, George Lannes, Louis Seigner e outros. Boa a fotografia de Christian Matras, que soube aproveitar o colorido. Um filme de Christian Jacque que fica em lugar obscuro em sua carreira, mas que não compromete seu nome, pois êle foi sempre um diretor de altos e baixos.

Cotação: Aceitável.

"UMA TRAGICA AVENTURA" — (Dangerous Crossing) — Fox-Filme.

Bem narrada, sem, entretanto, constituir um bom filme, essa realização de Joseph M. Newman, nos faz prever que no futuro irá nos dar obras de mais vigor. Os amantes de filmes policiais, mas dosados de psicologia, encontraram e encontrarão um bom motivo para passar um par de horas em suposições... Jeanne Crain, em um de seus últimos filmes na Fox, mantém a classe de seus desempenhos, da mesma maneira Michael Rennie, que em vários momentos se parece com Walter Pidgeon. Casey Adams, Carl Betz, Mary Anderson, fornecem atuações corretas. Música adequada de Lionel Newman e boa fotografia de Ray Kellog.

Cotação: Aceitável.

"ROUBARAM MEU DIAMANTE" — (The Great Diamond Robbery) — M.G.M.

Nada de novo para Red Skelton, que parece estar de luz apagada nos estúdios de "seu" Leão. Sua "performance" não supera o que de bom já fêz, mas não pode ser prezada, apenas teve sorte com o argumento e com suas "gags". Cara Williams não é para êle. James Whitemore, Kurt Krasner, Dorothy Steckney e Reginald Owen, discretos, Enfim, assiste-se ao filme por Red Skelton, que já nos dá saudades...

Cotação: Fraco.

"VOLÚPIA DE MATAR" — (The Sniper) — Columbia.

Se v. entende de cinema e nêle vê algo mais que uma diversão vai aplaudir êste filme de Edward Dmytryk e Stanley Kramer, mas se v. gosta de filmes de ação intensa, também, gostará dessa obra de atmosfera angustiosa e envolvente. Bons momentos e belas atuações, principalmente o papel interpretado por êsse excelente ator, Arthur Franz. Adolph Menjou, envelhecido e seu bigode, tem sua classe garantida por longos anos de cinema. Marie Windsor, feia, mas sugestiva, atua com desenvoltura, idem Gerald Mohr e os demais. Um grande e bem composto final encerra o filme e neste momento a atuação de Franz dá a sua nota máxima na expressão entre desolada e patética de seu rosto.

Cotação: Muito bom.

"O OUTRO HOMEM" — (The Man Between) — London Films.

A personalidade de Carol Reed dominou todo o filme. Seus personagens são os personagens que já nos habituamos a ver em suas obras anteriores. O clima, como sempre, é pesado e de expectativa. James Mason, Claire Bloom e Hildegard Neff lideram um elenco onde encontramos artistas dos tempos da "Ufa", tais como Albert Wascher e outros. Bons momentos e várias seqüências bem armadas não chegam a constituir uma obra superior ao que já vimos de Carol Reed. Deve e merece ser visto. Há um indisfarçável virtuosismo que prejudicou o drama psicológico, mas, por outro lado há, também, uma história interessante.

Cotação: Bom.

"ANSIEDADE" — (Ansiedad) — Pelmex.

Nem no cinema argentino a simpática e emotiva atriz Libertad Lamarque havia feito coisa tão vazia. Nada se aproveita e mesmo seus instantes musicais são inoportunos, embora escolhidos. Pedro Infante é mesmo um canastrão em qualquer dos papéis que faz, que são três, todos estùpidamente interpretados. Os demais insignificantes, inclusive o imprescindivel Arturo S. Rangel. Afirmam que a foto é de Figueroa, mas nem parece... A direção é do claudicante Miguel Zacarias, que piorou depois de "A Louca", que só se salva, também, pela atuação de Mme. Lamarque.

Cotação: Fraco.

"ERA ÊLE!..." — (Era Lui... Si! Si!!!) — Art-Filmes.

Como está "Era êle..." é apenas uma comédia aceitável e como tal a aceitamos e nos divertimos com as aventuras de Walter Chiari e Carlo Campanini, que em "O.K. Nero" tinham melhor desempenho e melhor argumento para fazerem brilhar seus talentos. Silvana Pampanini aparece como "guest star" e fornece o "glamour" que Isa Barzizza não tem. Os demais discretos. Música comentando as situações. Metz e Marchesi não tiraram total proveito dos momentos em que Campanini sonhava, faltou mais fantasia onirica.

Cotação: Aceitável.

"FÚRIA DE AMOR" — (La Rage Au Corps) — França Filmes.

As taras de uma mulher e suas predileções sexuais são expostas com um realismo antiartistico e sem "refinement" e dirigido com intenções de escandalizar, quando Ralph Habib podia ter feito coisa melhor e isso fica comprovado na cena em que a mão do homem deixa cair areia sôbre o corpo da heroina. Françoise Arnoul, com sua plástica e aquêle seu ar malicioso, vive mais uma marginal. Raymond Pellegrin, Jean Claude Pascal e outros completam as atuações discretas dos vários personagens do filme. Uma boa fotografia de Roger Hubert. Será assistido e comentado, mas, também, atacado e repudiado, mas, infelizmente, sem o destino de constituir um filme de alto valor.

Cotação: Aceitável.

"A PRINCESA DO NILO" — (Princess of Nile) — Fox-Film.

Eis aqui o que o público chama de "bomba", mas que não deixa de ver por ter no elenco uma coisa que se chama Debra Paget, que salva o filme da monotonia. Ela dança e exibe as coisas que Deus lhe deu com muita generosidade e fotogenia. Jeff Hunter e Michael Rennie brincam de mocinho e bandido. Filmes dêsse gênero, já não convencem. As belas do filme agradarão aos aspirantes à adolescência. Robert L. Jacks produziu esta pasmaceira para que Debra desse o seu "showzinho" e Harmon Jones assinou ao filme depois de pronto, porque como diretor deve ter estado a mil léguas do "set"...

Cotação: Fraco.

"MEU AMOR BRASILEIRO" — (Latin Lover) — M.G.M.

Deve ter sido muito divertido para Lana Turner interpretar essa "pochade" tecnicolorida sôbre uma americana no Rio, que se apaixonou por um tal Santos, que tem um papai bonachão e uma fazenda "gaúcha" a duas horas do Rio, que baila um samba estilizado por Frank Veloz, que deve ter "visto" o nosso samba entre goles de champanhe e mordidas sutis de bananas... Ricardo Montalban é um autêntico "play boy" e fica fazendo figura grossa ao lado dos gostosões de Copacabana e adjacências. Louis Calhern que já foi um "Júlio César" digno, está apalhaçado. John Lund e Jean Hagen sem oportunidades. Lana exibe seus trajes e aquêle seu "glamour", mas, nada mais. Joe Pasternak produziu êste amável "cartão postal" de encomenda. Mervyn Le Roy conduziu êste préstito e depois veio ver, em pessoa, se éramos assim... Será que êle percebeu que foi "blefado"?...

Cotação: Aceitável.

"ROBINSON CRUSOÉ" — (Adventure of Robinson Cruzoe) — United Artists.

Versão do famoso livro de Daniel Defoe, que pela segunda vez é levada ao cinema, mas que transmite com fidelidade o drama do homem obrigado a viver na solidão por longos anos. Bem marcada a personalidade e bem desempenhada por um ator extraordinário, Dan O'Herlihy e secundado por Jayme Fernandez, outro ator de sensibilidade, haja-se visto no momento em que êle veste o traje feminino, coisa que poderia ter caído no ridiculo. Sente-se com "Robinson" a ausência feminina... Lindos os exteriores, captados com maestria pela câmara de Alex Phillips. Comovente a cena em que "Robinson" grita salmos às montanhas para ouvir o eco de sua própria voz. Luiz Buñuel dirigiu com sobriedade e nisto fica-lhe o elogio. Filme asteco-americano, em Pathe Color, que em alguns momentos deixa a desejar.

Cotação: Bom.

"VOLCANO" — (Volcano) — United Artists.

Uma coisa hibrida com Anna Magnani falando inglês com voz de outrém e vivendo uma história entre "Strômboli" e "A Lôba", mas sem a fôrça de uma ou a realidade de outra. William Dieterle, homem desigual, nada fêz. Rossano Brazzi em seus piores momentos. Geraldine Brooks fraquissima. Eduardo Cianelli aceitável, idem, Enzo Stiola. Monótono e arrastado, vive apenas da presença de La Magnani, sem aquela sua voz.

Cotação: Fraco.

ALBERTO SIMOENS BELLO

# FILMES EM REVISTA

"A MORTE ESPERA NO 322" — (Pushover) — Columbia.

A história de um homem, policial, encarregado de namorar estratègicamente uma mulher ligada a um "gangster" e que por ela se apaixona... O tema nada de novo traz e nem tem um tratamento especial do diretor, Richard Quine, mas está plasmado em linguagem sóbria e convincente, ajudado por uma excelente fotografia de Lester T. White e com musica funcional de Arthur Morton. Desempenhos de boa categoria de Fred Mac Murray e Dorothy Malone, esta suplantada por Kim Novak, dona de impressionante personalidade e de belos, mas não exagerados atributos fisicos. Lembra "Pacto de Sangue", (Double Indemnity), que Mac Murray fêz com Barbara Stanwick, dirigido por Billy Wilder. Como os plágios estão de moda, achamos conveniente avisar que não é um plágio. Vamos aguardar outras obras de Quine e, principalmente, outros filmes de Kim Novak.

Cotação: Aceitável.

"RASTROS DO INFERNO" — (Inferno) — Fox.

O único filme em 3-D da 20Th. Century Fox é, em nossa opinião, o melhor filme que já foi feito em terceira dimensão, apesar das inverossimilhanças do argumento ou que a direção não contornou com mais sobriedade. Há dramaticidade na tragédia do homem abandonado e entregue aos imprevistos de um plano sinistro. Boas as cenas da caminhada heróica que êle, o herói personificado por Robert Ryan magistralmente, empreende através das rochas do deserto. Os truculentos golpes usados pela 3-D estão distribuidos com discrição e senso. Roy Baker é um diretor com capacidade e deve-se esperar dêle coisa aproveitável. Paul Sawtel fotografou com maestria e a música comentou com habilidade o drama. Robert Ryan, como sempre, deu todo o seu "elan" ao cáratér do seu herói e é bem secundado pela bonita Rhonda Fleming e pelo eficiente William Lundigan. Larry Keating, Henry Hull, Carl Betz e outros comparecem satisfatòriamente. Bom colorido.

Cotação: Bom.

"CAMINHOS ÁSPEROS" — (Hondo) — W.B.

Impossivel não traçar um paralelo com "Shane" de George Stevens, pois há vários paralelos e dêles "Hondo" sai perdendo. Não que seja um mau filme ou que seja plágio, assunto tão em moda. Não. "Caminhos Ásperos' perde pelo que contém de seu, pelo acúmulo de situações e pelo inconsistente dos intérpretes centrais, em que John Farrow não conseguiu dar mais relêvo. Neste ponto até o próprio John Wayne sai perdendo. Geraldine Page, talento comum em cinema americano, é feia de doer, mais parece um alemãozinho em travesti com aquela sua cara de broa mal assada. O garôto Lee Aaker tem um bom desempenho. O WarnerColor é apenas eficiente. Michel Pete e Rodolfo Acosta convincentes. Agrada, entretanto, por uma ação intensiva, mas despida de sentido humano. Isto ficou para "Os Brutos Também Amam". Como está é apenas um filme de aventuras.

Cotação: Aceitável.

«ÀS VOLTAS COM TRÊS MULHERES» — (The Promoter) — Universal-International.

Uma comédia com Alec Guiness que quase podia ter alcançado o nível de outros de seus filmes, mas que na mão de Ronald Neame ficou na linha de uma comédia de costumes e com alguns momentos salvos pela expontaneidade dêste soberbo ator. Um dos bons momentos é quando êle valsa, na sua imaginação, com a condêssa, tendo por fundo um talão tôscamente pintado. Valerie Robson é a responsável pelas loucuras do protagonista. Está ótima com aquela sua personalidade que Hollywood não captou. Glynis Johns é a «vamp» e mantém a linha de sua performance. Petula Clark é superada por suas companheiras, mas agrada. Veronica Turleich numa ponta marcante fazendo uma conformada mãe, aproveitando todos os seus momentos para mostrar que tem talento, tal como quando vê a mala cheia de dinheiro e depois quando recebe um abrigo de presente. Os demais com a clássica sobriedade inglêsa. Mas, por fim, todos os bons desempenhos e alguns momentos não chegam a dar-nos um filme na altura do talento de Alec Guiness.

Cotação: Bom.

«DA MESMA CARNE» — (The Marrying Kind) — Columbia.

Lançado com grande atraso êste filme de Judy Holliday apresenta a nova personalidade de Aldo Ray, que já vimos noutros filmes e em boas atuações, tal como no caso do filme que ora apreciamos. Comédia dirigida pela mão sempre vigorosa de George Cukor, um mestre no gênero, que nos dá um retrato de um casal em vésperas do divórcio. Momentos bem marcados e outros apenas delineados formam a narração que se desenvolve em linguagem, até certo ponto, revestida de poesia, dessa poesia simples e cotidiana dos pequenos nadas. Tivesse um pouco mais de ação, mais fluidez nas imagens, teríamos uma grande comédia, mas como está, mesmo assim, é um filme digno de ser visto e até aplaudido. Numa «ponta» retorna Madge Kennedy, veterana do cinema mudo. Muito interessante a forma em que está narrado o pesadelo. Enfim, Cukor aproveitou bem o argumento de Ruth Gordon e Garson Kanin, dois conceituados escritores de Hollywood. Joseph Walker foi o responsável pela boa fotografia em prêto e branco. A partitura musical de Hugo Friedhofer marcou inteligentemente a ação. Sheila Bond, John Alexander, Rex Williams e outros atuam com naturalidade. Comédia fina e com alguns momentos dramáticos bem definidos.

Cotação: Bom.

«INTERLÚDIO» — (Notorius) — Selznick — U.C.B.

No auge de sua carreira, Ingrid Bergman reuniu-se com Cary Grant e fizeram êste filme desenrolado no Rio e incluíram um brilhante elenco, seguidos de perto por Claude Rains, Louis Calhern e pela matrona da Madame Konstantin sob a direção de Alfred Hitchcock, num roteiro de Ben Hecht e com boa fotografia de Gregg Toland, mas que não resultou ser um dos melhores filmes do diretor de tantos sucessos no gênero de «suspense». «Interlúdio» é filme para os saudosistas de Ingrid e para as balzaquianas fãs de Cary Grant.

«SEMPRE TE AMEI» — (Always Loved You) — Republic.

Houve uma época em que a «Republic» desejou ingressar como uma produtora de primeira fila entre as grandes de Hollywood e andou fazendo filmes pretenciosos, tal como êste, «Sempre te Amei», com Phillip Dorn, vindo do cinema alemão, Catherine McLeod, William Carter e a interessante Mme. Ouspenskaya e muitas figuras mais, que sob a direção de Frank Borzage nada puderam fazer devido ao excesso de músicas incluídas entre cada cena, que cortam a ação dramática e tornam difícil aceitar o filme sem uma sensação de cansaço. Mesmo com os solos de Arthur Rubinstein. Agradará aos que gostam de música e pouco se importam com o que acontece, bem ou mal realizado, na tela, tal como no caso presente e no caso de «Rapsódia» e outros musicais. Os que têm vitrola ou toca-disco podem comprar os discos e ficarem em suas casas ouvindo as melodias ao seu bel prazer, de «short», «sarong», «lingerie» ou mesmo sem nada, assim, paradisìcamente...

Cotação: Aceitável.

«MARTÍRIO DO SILÊNCIO» — (Crash of Silence) — U.C.B.

Reprise de um dos bons filmes inglêses de 1954, incluído entre os grandes filmes do ano, isto é, entre os «10 Melhores» de muita lista dos cronistas cariocas. Portanto, das reprises, está «Martírio do Silêncio» entre as mais bem categorizadas e bem vindas. Quem não viu deve ver e quem viu deve rever. Há coisas muito boas em todo o filme e ótimas atuações de Phyllis Calvert, Jack Hawkins, Terence Morgan, Godfrey Tearley e da menina Mandy Miller. Uma boa fotografia e um bom comentário musical, complementaram a vigorosa direção de Alexander Mackendrick.

Cotação: Muito bom.

## O FILME DA QUINZENA

**ARTHUR FRANZ, ator da nova geração, que com persistência e tenacidade logrará um pôsto de honra entre os grandes nomes do cinema moderno, pois que talento não lhe falta e personalidade para servir sua extrema sensibilidade, KIM NOVAK, sem a publicidade atordoante de uma Marilyn Monroe e sem ter seu nome ligado aos escândalos com Rubirosas ou Aga Khans, Kim, tal como Arthur Franz, terá, de agora em diante, um dilema: continuar sua carreira como atriz ou anular-se como «pin-up». Fazemos votos que siga à conquista do estrelato.**



# Vanja sabe conversar

Reportagem de LUIZ LLÉO S.

Fotos de VITO MONIZ



O repórter de «A CENA» manteve com Vanja Orico uma palestra animadíssima. Falou-se de tudo um pouco e pouco mesmo sôbre cinema brasileiro. Mas, a «estrêla» continuc fã incondicional de nosso cinema e espera filmar bastant durante 55 no Brasil.

VANJA que é uma moça muito inteligente e muito dada fêz por bem reunir a crítica e seus colegas do cinema brasileiro num coquetel (sem formalismos) em sua bela residência da praia do Flamengo.



Vanja fêz questão de posar com os seus colegas de elenco em «Cinco Canções»: (pela ordem) Aurélio Teixeira, Araci Barroso e Miguel Tôrres.

Grupo formado durante a conversa com Vanja. Ajoelhado: o humorista Leon Eliachar e Salvyano C. Paiva. De pé, o repórter de «A CENA», o maestro Gandellman e o coadjuvante de «Cinco Canções», Miguel Tôrres.



Ali fomos encontrar a "estrêla" exibindo um modêlo de verão de côr esverdeada e com desenhos caprichosos. Estava radiante e ferecendo a todos o seu melhor sorriso e aquela simpatia tão nossa conhecida.

Vanja conversou com "A CENA" sôbre seus planos futuros que incluem:

- Viagem a Bahia para filmar o episódio brasileiro do filme internacional "Cinco Canções".
- Passeios pelos arredores da Bahia, terra que ela adora!
- Volta ao Rio para algumas semanas de descanso que aproveitará para estudar algumas propostas recebidas para filmar no estrangeiro.

Vanja não nos disse, mas sabíamos que seu nome estava incluido no elenco de "Seara Vermelha", filme que Rui Santos vai produzir muito breve.

Sôbre seu propalado romance com um médico italiano, Vanja não quiz entrar em detalhes e achamos melhor não molestar a cativante "estrêla" brasileira com as nossas indiscrições.

A conversa de Vanja é viva e inteligente como a sua dona. Ela é capaz de abordar muitos assuntos que fogem ao interêsse dos leitores, o melhor que fazemos é dar por encerrada estas notas. Antes porém, queremos frisar que trouxemos de Vanja Orico a mais bela impressão e uma pontinha de saudade que se prolongará até que haja outra conversa tão agradável.





**Êle é um dos bons artistas do cinema inglês e está sendo «namorado» por Hollywood que deseja conquistá-lo para seu grupo de astros famosos oriundos do cinema europeu.**

# Anthony Steel

ÊSTE moço sorridente é artista de cinema inglês e vem sendo cobiçado por Hollywood. Chama-se Anthony Steel, é homem culto e dedicadíssimo à sua carreira.

Como tem sido pequeno o movimento de produção dos estúdios britânicos, Anthony Steel tem aparecido muito pouco na tela. Por isso mesmo é que todos acreditam que êle acabe aceitando as propostas que vem recebendo de Hollywood e qualquer dia dêsses pegue um avião e se mude para a Califórnia. Faria sucesso na certa!



Gail Russell nos bons tempos da Paramount quando interpretava garôtas ingênuas. A sua beleza clássica foi sempre apreciada, principalmente seus olhos verdes que seriam capazes de inspirar poemas. Agora ela perdèu a carreira e o lar e só lhe restam a solidão e as recordações de uma carreira tristemente interrompida.

# GAIL NÃO VOLTARÁ!

HOLLYWOOD tem provado ùltimamente que suas «estrêlas» não estão livres da fatalidade e que nem tudo é côr de rosa para elas que vivem uma existência de sonho.

Casos como os de Susan Ball e Gail Russell são bem a prova de que o destino também se mostra caprichoso quando se trata de uma «estrêla» famosa.

Gail vem de perder a valiosa amizade de Guy Madison que foi seu marido durante largo tempo, sendo bem mais um amigo íntimo que um marido, pois mostrou-se de uma dedicação a tôda prova. No entanto, Gail com os nervos abalados e a carreira desmoronando-se foi impotente para evitar que seu casamento ruísse por completo. Seus acessos nervosos transformaram a vida em comum insuportável para Guy e apenas por amizade é que êle concordou em ficar tanto tempo ao lado daquela que havia escolhido para ser sua companheira por todo o sempre.

Já há tempos Gail vinha sofrendo periódicos abalos nervosos, porém nunca se acreditou que ela caísse um dia vítima de tal problema. Mas, aconteceu e a «estrêla» antes tão famosa e requestada, enfrentou as conseqüências de tudo: a solidão de uma casa de saúde sem o espôso que amava e não soube prender.

Gail não voltará aos estúdios, isso é coisa decidida, pois agora seus nervos já não têm contrôle. Sòmente um milagre pode salvá-la da ruína completa como criatura humana condenada a viver uma existência falsa, sem emoções fortes e principalmente sem uma grande afeição.

Todos lamentam que isso tenha acontecido a Gail Russell, que era uma «estrêla» de cinema por vocação e jamais supôs que viesse a ter um destino tão amargo!



# GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

**O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.**

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

**RESERVA DE APOSENTOS**

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO

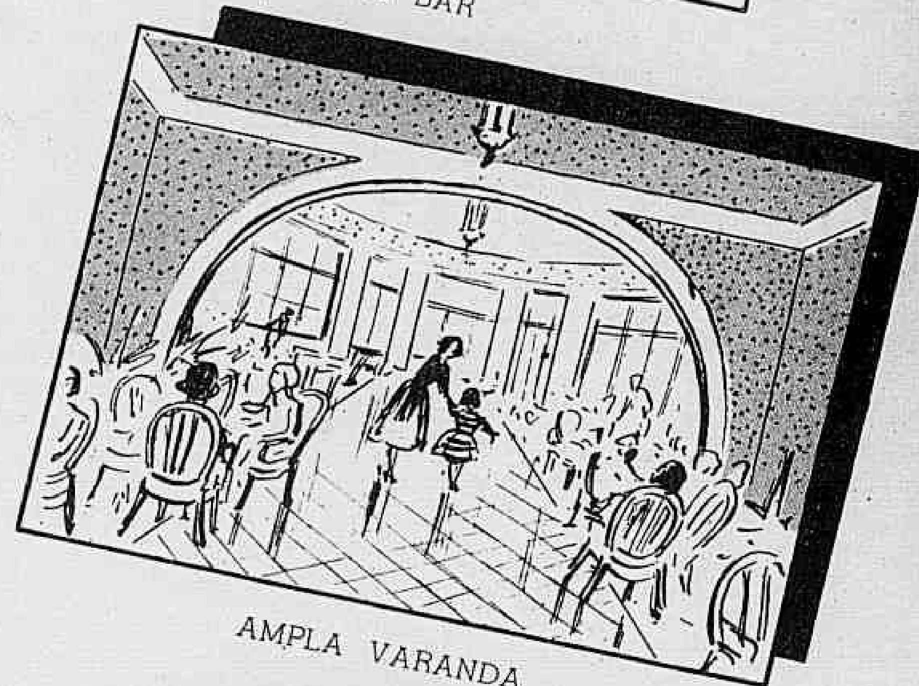


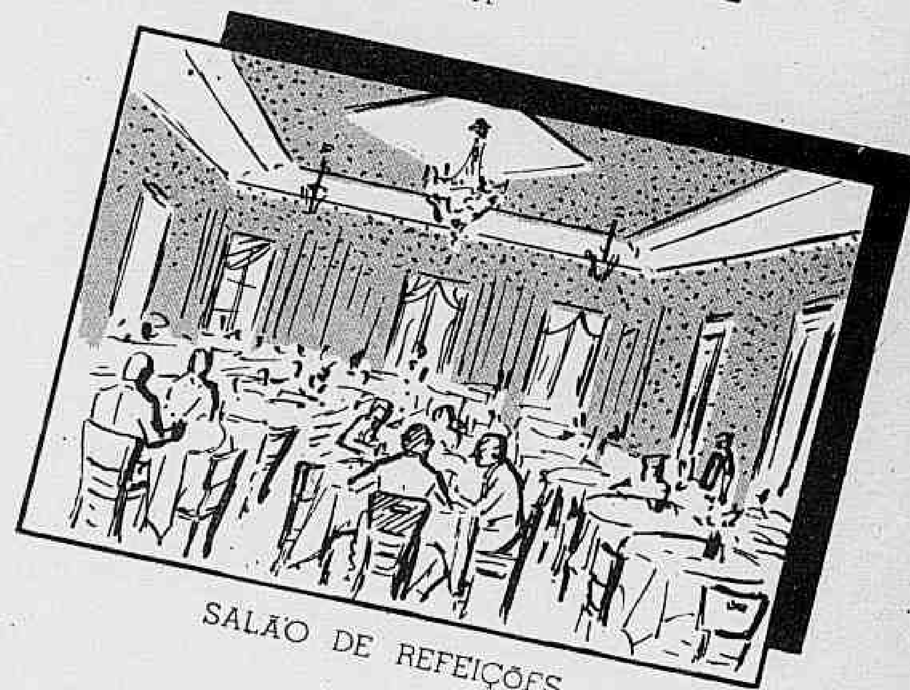


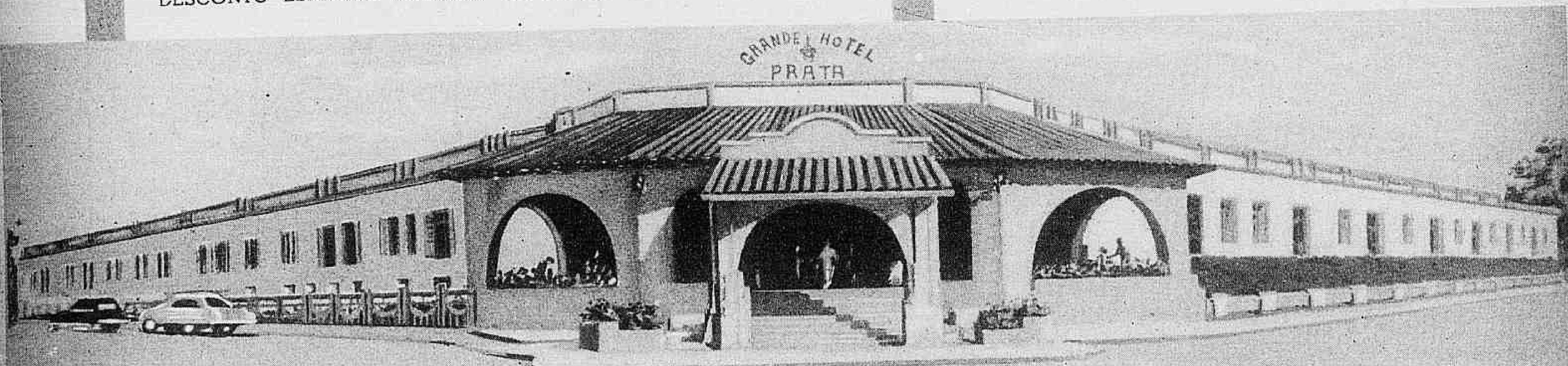




EXCELENTE BAR


AMPLA VARANDA


SALÃO DE REFEIÇÕES

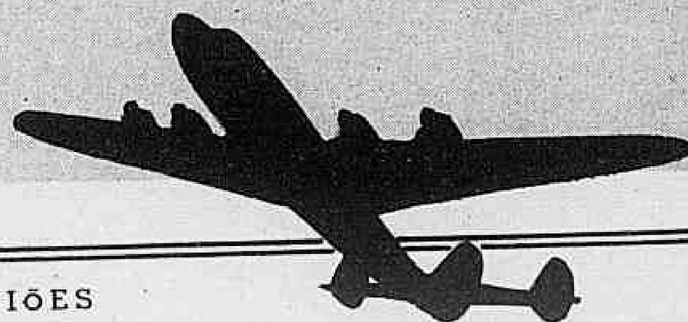





# ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

**"A VICHY BRASILEIRA"**



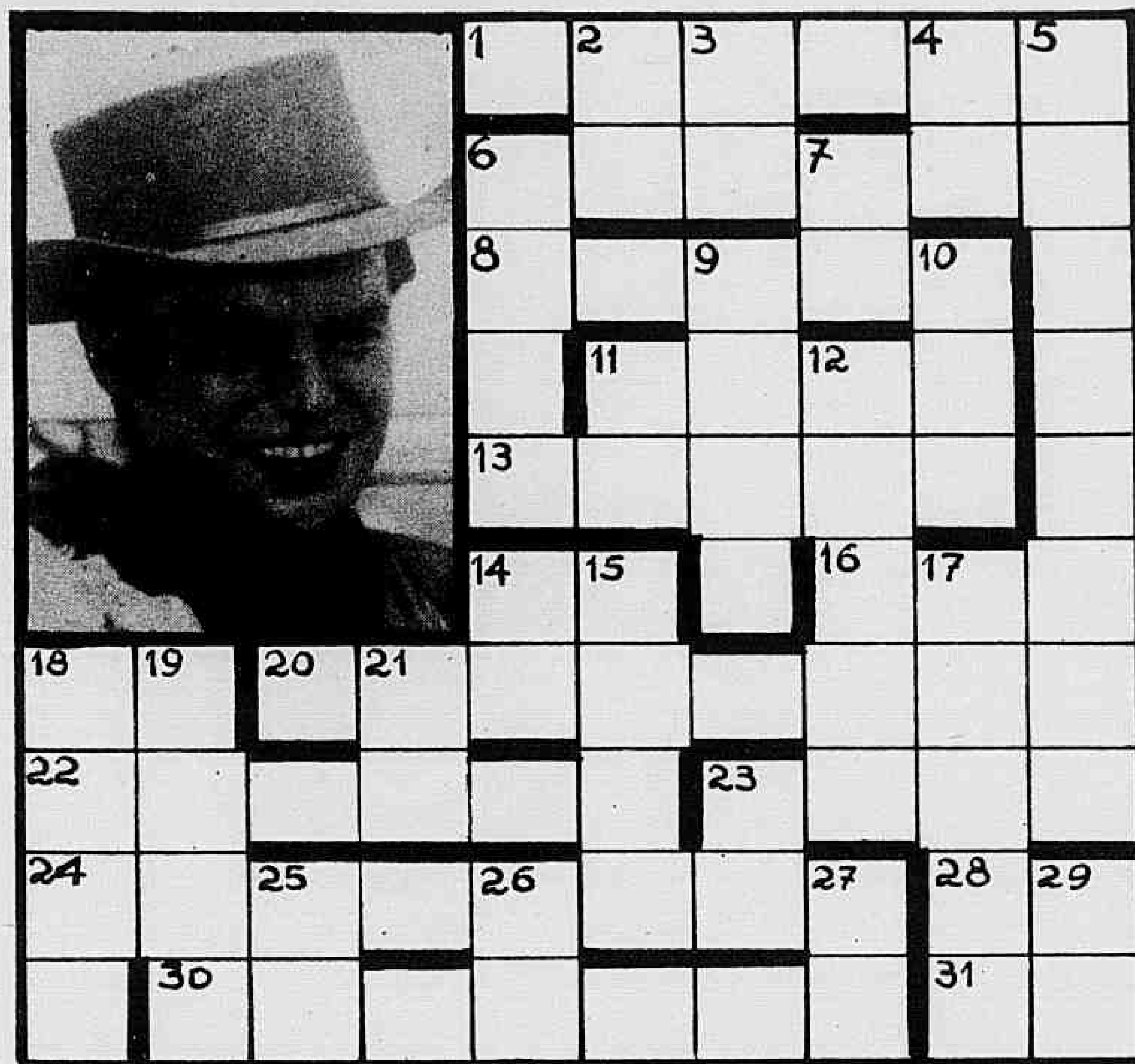
AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

# Cine PASSATEMPO



Otaner - Rio

**HORIZONTAIS:** — 1 e 5. Nome e sobrenome do retratado de hoje, astro de «Príncipe valente» — 8. ... Flynn, o astro de «Contra tôdas as bandeiras» — 11. ... Ferraday, a estrêla de «O expresso de Bombaim» — 13. ... Davis, que estrelou «Lágrimas amargas» — 14. Aqui — 16. Avestruz — 18. Interjeição de admiração — 20. Barry ..., o principal intérprete de «Vingança do gangster» — 22. ... Piper, a estrêla de «... e o noivo voltou» — 23. Verdadeiro — 24. ... de Barros, do elenco de «Aí vem o general» — 28. Seguir — 30. ... Pampanini, a estrêla de «Coração de mulher» — 31. Gemido.

**VERTICAIS:** — 2. Feminino do sufixo ão — 3. Betty Grable — 4. Criminosa — 5. ... Clifton, o astro de «A fonte dos desejos» — 6. Laço apertado — 7. ... Brazzi, o astro de «Sangue em Andaluzia» 9. ... Hayworth, a «Salomé» — 10. Ali — 11. Estuda — 12. ... Cochrane, o astro de «O grande espetáculo» — 14. Símbolo do cloro — 15. ... Guinness, do film «Às voltas com três mulheres» — 17. ... Felix, a estrêla de «Camélia» — 18. Espírito humano — 19. Hugo. ... o astro de «Encontro na ponte» — 21. Pátria de Abraão — 23. Enxerguei — 25. Interjeição de espanto — 26. Quatro romanos — 27. Feminino da terminação ão — 29. Escarnece.

**SOLUÇÕES DO PROBLEMA Nº 4**

**HORIZONTAIS:** Jean Simmons — obra — Glória — Hodiak — nara — Sé — ab — Lamas — Betty Grable — Arlene — orai — Rhonda — Tamara — ol — Piper — Lana — ut.

**VERTICAIS:** John Barton — arde — na — Il — Mona — Mr — oira — Bosé — Gaby — iate — Amar — as — gê — Robert — bá — li — lo — Hall — nai — dr — aa — pá — pá — eu.


Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

Loção XAMBÚ
DÁ BELEZA E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.




Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. .......
NOME..........................
RUA.................... Nº.....
CIDADE.........................
ESTADO.........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

## Cine-Romance

# "Os bravos não se rendem"

(CONCLUSÃO)

Um filme da Republic

DE súbito Garnet respirou profundamente e deu um gemido. Florinda ajoelhou-se à beira da sua cama. Depois correu para a porta e gritou: « — Texas, depressa!»

Êle veio correndo da taberna. Tirou o paletó e começou a lavar as mãos.

— «Deixe-nos a sós, Florinda», disse o médico. «Se precisar de você, chama-la-ei».

Garnet tem um filho. Um «robusto menino», como o definiu Texas.

— «Garnet está passando bem assim como a criança. Ela concedeu-me a honra de escolher o nome do menino. Escolhi o nome do homem mais corajoso que jamais conheci, o do fundador da cidade de Texas: Stephen Austin», disse Texas emocionado.

Enquanto Florinda subia correndo as escadas a fim de ver Garnet, Nickolai e Silky divertiam-se com o menino. Texas, um homem bastante estranho, continuou recusando qualquer bebida alcoólica. Sòmente quando John trouxe consigo as tropas é que êle parece ter desistido da sua resolução e, à vista dos soldados uniformizados, voltou a beber. Certa noite, quando Garnet já bem de saúde, feliz e ansiosa por fazer alguma coisa de útil servia chocolate quente a alguns oficiais na taberna, ela veio a saber porquê êle assim agira.

É que os oficiais lhe disseram que conheciam o bêbado sentado no canto do salão. Êle era Ernest Conway, um ex-oficial médico que há alguns anos atrás havia desgraçado o seu regimento por estar embriagado, quando de uma batalha contra os índios. Delicadamente Garnet pediu aos oficiais que não mencionassem a ninguém o passado de Texas e êstes aquiesceram. Um deles, o Capitão Snow, jovem distinto e de boas maneiras, mostrava-se ansioso em agradar Garnet no que lhe fôsse possível. A sua presença constante na taberna, onde quer que Garnet estivesse servindo, provavam o seu interêsse pela moça.

Passaram-se as semanas, os mêses e pouco depois o pequeno Stephen completava um ano de idade. Garnet havia encontrado paz e até felicidade entre os seus amigos. Os seus tormentos e a tristeza pela falta de Oliver se tornaram menores até que, finalmente, as feridas de amor ficaram cicatrizadas.

Foi numa tarde como outra qualquer, quando ela seguia o seu costumeiro hábito de brincar durante uma hora com seu filhinho, antes de colocá-lo para dormir, que Florinda veio correndo ao seu quarto.

— «Garnet tenha cuidado!», avisou ela, «Charles e dois homens vêm para cá!»

Instintivamente Garnet apertou o seu bebê de encontro ao peito. Florinda voltou ao bar e, com Silky, ela fitou a rua escura, quase deserta naquela hora da noite.

Três homens a cavalo se aproximavam e apearam em frente à tarberna.

— «Êsse é Charles Hale», murmurou Florinda, «quem são os outros dois?»

Silky fêz uma carranca — «Um par de malvados».

Ambos observavam Charles enquanto êste entretinha uma rápida conversa com os seus capangas. Depois êle seguiu sòzinho, vagarosamente pela estrada. Florinda foi para trás do bar e Silky para um canto do salão.

Os visitantes entraram. Estavam barbudos e seus olhos pesquisavam todo o salão. Com passos comedidos encaminharam-se para o bar.

— «O que desejam beber, senhores?», indagou Florinda àvidamente.

Um deles perguntou por entre os dentes: — «Onde está a mulher Hale?»

Florinda correu para a porta, porém não foi suficientemente ligeira. Um dos homens agarrou-a, com uma das mãos, ameaçando-a com o revólver na outra.

O seu companheiro postou-se de encontro a parede, observando as pessoas que se encontravam no salão.

— «Fiquem todos aqui», gritou êle com voz ameaçadora. Ninguém emitiu um som, nem fêz qualquer movimento, exceto Florinda. Antes que o assassino pudesse silenciá-la ela gritou com tôda a fôrça dos seus pulmões: — «Garnet! cuidado!»

Enquanto um dos homens encaregava-se de vigiar o salão, o outro dirigiu-se para o quarto de Garnet situado em cima do bar. Êle chegou a tempo de agarrar Garnet que descia correndo as escadas.

— «Quero a criança!» rosnou êle, agarrando-a ao mesmo tempo pelos ombros e tentando abraçá-la. A sua beleza o havia impressionado. Com um olhar malicioso, êle puxava-a mais para junto de si. Garnet deu-lhe uma bofetada no rosto com tôda a sua fôrça. Êle largou-a, então, e pulou sôbre as escadas. Garnet tentou segurar-lhe as mãos. O bandido deu-lhe um empurrão derrubando-a no solo. Ela ficou gemendo no chão, e êle bateu-lhe com o cano do revólver na cabeça.

Antes, entretanto, que pudesse alcançar o cimo da escada, ouviu-se um tiroteio no salão. John Ives e Uickolai haviam regressado de uma viagem e, sem saber do que se passava, encaminharam-se para a taberna.

— «Fique onde está, Ives». disse o capanga que estava de guarda.

Como resposta John deu um pontapé numa mesa, ficou atrás dela e fêz fogo. O inimigo caiu como um saco de batatas.

— «Ainda há outro com Garnet e o bebê», gritou Florinda.

John deu um empurão na porta e voltou-se ràpidamente. Uma bala perfurou a madeira. Êle meteu o cano da sua pistola por entre a porta e atirou para cima. Após o tiro ouviu passos e o bater de uma porta.

Seguido de perto por Nickolai e Florinda, John correu em direção ao quarto. Parou por um instante a fim de verificar se Garnet não estava sèriamente ferida, e encaminhou-se para a porta que o conduzia para a rua trazeira. Ao abrí-la, êle tirou o seu chapéu e inclinou-o ligeiramente para a frente. Seguiu-se o detonar de uma pistola e, de súbito, um tiro perfurou o seu chapéu. Logo depois ouviram-se passos correndo.

John caminhou sorrateiramente pelo beco escuro perseguindo durante meia-hora o bandido, até alcançá-lo. Com a última bala que lhe restava êle conseguiu abatê-lo.

Os homens aguardavam ansiosamente na porta da taberna o final da luta, quando John voltou para dizer a Garnet que estava tudo liquidado.

— «Como está o bebê?» foi a sua primeira pergunta.

— «Bem, felizmente. Como poderei agradecer-lhe?» indagou ela.

— «Preferia que não o fizesse, replicou êle «Você está bem?»

Garnet passou a mão na sua cabeça ligeiramente contundida. — «Não se preocupe comigo. Tenho é que levar Stephen para longe... para Nova York. Alí êle estará a salvo».

— «Sim», ponderou John tristemente. Você tem razão. Êle não pode viajar por terra. Vou ver se há algum barco em São Francisco.

— «Você vai-se embora de novo?» indagou ela com ligeiro tremor na voz. «Nunca se cansa de viajar?»

John sorriu. — «Acho que nasci para errar. Não gostaria de ficar sempre no mesmo local», confessou êle.

Garnet sentiu-se desolada.

— «Não quer que ninguém signifique nada para você... nunca?»

Êle fitou-a embevecido com a sua beleza. Depois, voltando bruscamente a cabeça disse: — «Sinto muito...»

Garnet levantou-se na ponta dos pés e, colocando as suas mãos geladas em cada uma das faces de John deu-lhe um beijo. — «Para agradecer-lhe por tudo quanto tem feito por mim», disse.

John hesitou a princípio, depois, colocando os seus braços em tôrno da cintura de Garnet, apertou-a contra o seu peito. Relutante, êle soltou-a.

— «Devo partir agora», disse êle. «Adeus, Garnet».

Ela não pôde responder.

Garnet não foi a única pessoa a sentir a solidão nos dias que se seguiram, Florinda, que se orgulhava da sua confiança em si mesma e da sua independência, descobriu que estava pensando mais do que ela julgava possível, em Nickolai. O siberiano havia lhe confessado, antes de partir com John Ives, que «gostava muito dela».

Certa manhã, quando as duas jovens estavam ocupadas no salão, servindo um grupo de marinheiros, uma mulher entrou na taberna e indagou ansiosa por Silky.

Quando o viu, correu em sua direção dizendo: — «Vim procurá-lo por causa de Texas. Êle está muito mal. Rolou as escadas na noite passada. «Está morrendo, Silky, e está ciente do seu estado».

Silky chamou Garnet e transmitiu-lhe a notícia. Êle pediu a mulher que a esperasse e foi buscar Stephen. Vestiu ràpidamente o menino e voltou com êle ao salão. Fêz um sinal à mulher de que estava pronta para acompanhá-la e ambas encaminharam-se para a porta.

Florinda saiu atrás dela. — «Você não deve ir sòzinha, Garnet. É um bairro desordeiro».

Garnet sorriu. — «Não se preocupe», respondeu ela. «Tenho uma dívida de gratidão com Texas e preciso pagá-la»

Quando a mulher abriu a porta do quarto e fêz sinal a Garnet que entrasse, Texas procurou sentar-se na cama. Foi um esfôrço demasiado e em vão, pois êle caiu para trás, porém os seus olhos não se desviavam da criança que Garnet trazia nos braços.

Garnet colocou Stephen numa cadeira e foi sentar-se à beira da cama segurando as mãos de Texas. Êle fechou os olhos e começou a falar com uma voz vaga e baixinho.

— Foi quando o exército chegou a Los Angeles», murmurou, «perdi o domínio sôbre mim. Trouxe-me muitas recordações... Outrora servi no exército».

Garnet acariciou-lhe a testa. — «Não fale agora, Texas. Não pense nisso».

— «Não posso», replicou êle. Depois, olhando-a com doçura pediu: — «Dê-me de beber, Garnet».

Ela hesitou a princípio, mas, chegando a conclusão de que um gole a mais não faria diferença, foi buscar a garrafa. Segurando-a na bôca de Texas, ela o observava enquanto êle ia tragando o liquido com avidez.

De repente, quebrando a paz e o silêncio do pequeno quarto, soaram pesados passos no corredor. A porta abriu-se bruscamente e Charles Hele surgiu encarando-a com altivez.

— «Então... você está aqui!», murmurou com raiva por entre os dentes. «Você neste quarto... e meu sobrinho está em sua companhia! Não posso mudar o seu modo de vida, e agora a encontro frequentando um lugar como êste! Você não tem idoneidade para ser mãe. Vou levar a criança comigo».

Garnet havia se encaminhado na direção de Stephen e o agarrara protetoramente nos seus braços. — «Você não o levará!» disse ela.

— «Êle já me pertence», respondeu Charles, tirando de um dos bolsos do casaco um pedaço de papel. «Isto é uma ordem assinada pelo Governador militar confiando-me a custódia da criança».

A garganta de Garnet contraiu-se de terror. Ela retrocedia enquanto Charles avançava em sua direção. Nenhum deles percebeu que Texas, com esfôrço sobrehumano, havia se movido e alcançara a gaveta da mesinha de cabeceira. Nem tampcuco o viram abrí-la e retirar uma pistola.

O tiro ecoou com grande ressonância dentro do pequeno quarto.

Antes de falecer, Charles, com uma expressão de surprêsa estampada no rosto, caiu vagarosamente no solo. Sôbre o seu casaco espalhou-se uma nódoa rubra.

Ouviram-se passos apressados do lado de fora. Dois oficiais de patrulha penetraram no quarto e olharam estupefatos para a cena.

Stephen chorava nos braços de Garnet. — «Êsse homem trouxe uma ordem judicial tirando-me o meu filho», argumentou ela.

Um dos oficiais se agachou e apanhou o papel que ainda estava retido nas mãos do defunto. Leu-o ràpidamente e voltou-se para Garnet: — «Isto não é uma ordem judicial. É só um recibo de venda de gado».

O oficial dirigiu-se para a cama.

— «Eu o matei, Capitão», murmurou Texas, «mas, se quiserem me enforcar terão que andar depressa».

Havia um sorriso sereno estampado na sua fisionomia enquanto êle morria tranqüilamente, sem agitação, por ver que, agora, as duas criaturas a quem êle mais amava estavam salvas.

Garnet voltou à taberna. As notícias sôbre a morte de Charles a haviam precedido e Florinda tomou a criança dos braços de Garnet que estava desolada.

— «Está tudo terminado», Dizia Florinda tentando confortá-la, «tudo terminado. Agora você poderá voltar para Nova York e casar-se com um homem rico e bom que tome conta de Stephen.»

— «Mas eu estou apaixonada por alguém que não corresponde ao meu amor», disse baixinho Garnet.

Florinda, com um olhar vago e distante, como se estivesse retrocedendo ao passado, começou a falar: — «Eu amava o homem com quem me casei. Perdoei-lhe tôdas as faltas, porque estava apaixonada... Mas êle acabou fazendo algo que ninguém poderia perdoar. Tive uma filhinha, Garnet. Certa noite, ao voltar do teatro, encontrei o meu marido bêbado. Discutimos e, movido por ciúmes êle espancou-me. Não contente com isso, atirou-me com uma lamparina. As cortinas pegaram fogo incendiando tôda a casa. Lutei contra as chamas para salvar minha filha. Êle tentou impedir-me. Quando lutávamos, êle caiu nas chamas. Dizem que o matei, mas não é verdade. Morreu no incêndio que êle mesmo havia causado».

Pela primeira vez, desde que Garnet a conhecia, Florinda começou a chorar. As duas mulheres sentaram-se juntas, sem trocar palavras, cada qual entregue aos seus pensamentos.

Garnet, porém, veio a se casar por amor. Quando John Ives regressou, trouxe notícias sensacionais. Havia sido descoberto ouro próximo da cidade de São Francisco. Os exploradores estavam garimpando a área e, alguns deles, haviam encontrado uma fortuna em poucas horas de trabalho.

Os olhos de Florinda brilharam assim que soube da notícia. — «Ouro, exclamou ela. Então vou abrir ali uma taberna... Os exploradores que trabalhem na chuva e na lama. Quando sentirem frio e fome poderão trazer ouro à taberna. Servirei a melhor comida da cidade, acompanhada de música e divertimentos... assim ficarei com o ouro sem ter o trabalho de garimpar.

**(Continua na pág. 42)**



No Galeão Pampanini aproveita o tempo e mastiga uma maçã enquanto o avião não parte rumo a Punta Del Leste. Ela esbanjou simpatia!

ANTES de mais nada que os leitores nos perdoem o trocadilho, porém o nome de Pampanini presta-se para isso. Ela é uma criatura morena, extremamente simpática, razoável artista, dona de predicados físicos que a tornam uma das «estrêlas» de grande prestígio no moderno cinema europeu.

Chegou ao Rio com muitos sorrisos e muitos beijos, posou de todo o jeito para os fotógrafos (sem reclamar) e quando voltou do Festival de Punta Del Leste e hospedou-se em Copacabana, concordou em submeter-se a uma série de passeios, almôços, coqueteis e recepções. Na opinião da crítica de cinema ela é uma Santa. Uma «grande praça», amigos leitores!



Pampanini conquistou os rapazes da imprensa, principalmente os fotógrafos. Newton Viana, de «A CENA», tirou mais de cem pôses da môça. E em tôdas, ela sorria assim!



# PAMPA... MIA!

Muito esportiva a nossa querida Pampanini foi ao Maracanã, chutou bola, falou com os craques e confraternizou com o patrício Di Leo.







CINE-ROMANCE

# DISQUE M para matar

Warner Bros. apresenta
«DISQUE M PARA MATAR»
(Dial M For Murder)
Tony Wendice: RAY MILLAND — Margot Wendice: GRACE KELLY — Mark Halliday: ROBERT CUMMINGS — Lesgate: Anthony Dawson, e outros.
Direção de ALFRED HITCHCOCK

MARGOT Wendice recebeu sem entusiasmo o beijo de seu espôso Tony e continuou lendo o jornal. Êle tratava de tomar ràpidamente o seu desjejum pois precisava chegar cedo ao escritório onde esperava-o muitos problemas sem solução.

Os Wendice viviam quase felizes. Ela, tivera há tempos uma série de desentendimentos com o espôso que dava mais atenção ao tênis que ao lar, porém êle se corrijira, abandonara o esporte em que se tornara um campeão e dedicara-se aos negócios.

Margot sabia da próxima chegada de Mark Halliday, um escritor americano com quem tivera um romance ardente naquela fase difícil de seu matrimônio. Quebrou o silêncio dizendo ao marido:

— Não venha tarde, Tony... Deveremos jantar com Mark antes da sessão de teatro...

— Farei o possível, querida — foi a resposta de Tony encaminhando-se para a porta. Se Margot se desse ao trabalho de ler nos olhos do espôso, teria notado algo estranho. Um brilho diferente que poderia revelar muitas coisas sinistras que iam na alma de Tony Wendice.

---

Um longo e apaixonado beijo foi trocado entre Margot e Mark depois de tantos meses de separação.

— Querida — disse êle — não sei como suportei tanto tempo longe de você... Foi um verdadeiro sacrifício...

— Mark, meu sacrifício não foi menor... Devemos, no entanto, ter o máximo cuidado...

— Você já falou com seu marido? — perguntou Mark num tom interessante.

— Não será fácil, Mark...

Margot foi até perto da lareira. Suas mãos nervosas quase tremiam. Não sabia como contar a Mark o seu grande segrêdo. Mas devia contar a êle tudo que acontecera!

Mark, escritor de romances policiais, devia ser e era um homem observador. Notou o nervosismo de Margot e quis saber a razão de suas evasivas. Ela contou tudo:

— Lembra-se das cartas que trocamos, Mark? Depois de lê-las eu as destruí para evitar que pudessem nos acusar mais tarde... Mas, guardei uma...

— Imagino qual tenha sido... E depois?

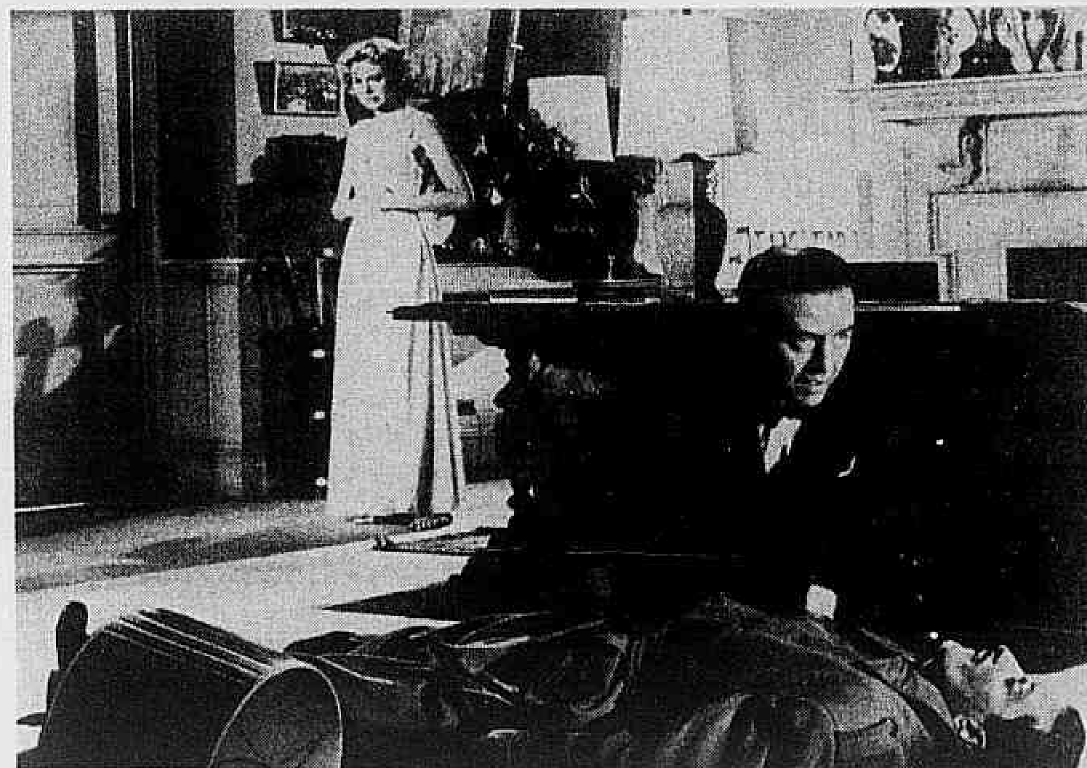
— Guardei-a na bôlsa e tinha todo o cuidado para que Tony não tocasse no objeto. Uma tarde, na estação Vermont mexendo na bôlsa notei que a carta não estava no seu interior. Fiquei nervosa e calculei que a tivesse perdido no trajeto até a estação. Fiz tudo para encontrá-la, mas foi inútil. Dias depois recebi um bilhete falando sôbre a carta.

O rosto de Mark iluminou-se diante da revelação de Margot. Êle estava imaginando todo o resto da história. Para um escritor não era coisa tão difícil.

— Ordenava que eu depositasse cinco mil libras esterlinas em determinado local se desejava realmente rehaver a carta. Desesperada, cumpri a ordem mas não obtive êxito porque a pessoa que fizera a chantagem não aparecera para apanhar o dinheiro. Que faremos Mark?

— Você ainda tem a carta?

Margot foi buscá-la e entregou-a ao amante. Mark guardou-a com cuidado no bôlso. Beijou-a para tranqüilizá-la e por pouco não eram surpreendidos por Tony que chegava naquele momento. Ao ver Mark, Tony tentou ser cortez. Ofereceu-lhe bebida e falaram de coisas di-



Lesgaste estava morto no meio da sala. Tony precisava agir com calma diante de Margot.

versas. Margot lembrou o compromisso do teatro. Foi então que Tony deu a sua desculpa:

— Perdoe-me, Margot, mas vá com Mark... Eu tenho que terminar um relatório para o chefe... Mark compreenderá a minha situação...

Mark, no íntimo estava satisfeito com a desculpa do rival e concordou em levar Margot ao teatro depois do jantar. Antes de sair ela deu um beijo no espôso que retribuiu sem entusiasmo.

Vendo-se sòzinho Tony foi até a janela para confirmar que Mark e sua espôsa haviam mesmo se afastado. Depois cerrou as cortinas e dirigiu-se para o telefone. Discou e esperou que atendessem. Quando ouviu uma voz no outro lado da linha, falou com voz amável:

— Falo com o senhor Lesgate? Sim? Gostaria de conversar com o senhor à respeito do automóvel... Sim... estou muito interessado, porém o preço está um pouco alto... Não poderia passar pela minha casa para discutirmos os detalhes?

Deu o endereço e quando o outro perguntou porque não vinha êle mesmo ao seu encontro, Tony mentiu dizendo que machucara o joelho casualmente e não podia quase andar.

Meia hora depois o senhor Lesgate tocava a campainha do confortável apartamento dos Wendice. Tony tinha tudo preparado e antes de abrir a porta pegou a bengala e fingiu que estava mesmo com o joelho machucado. O outro entrou e começou a observar o luxo do ambiente. Tony, sempre amável, preparou-lhe uma bebida e depois de instalados em poltronas começaram a falar sôbre o assunto do automóvel.

O senhor Lesgate era astuto e percebeu que havia outro interêsse de Tony além da compra do auto e quis saber do que se tratava. Tony lhe falou então que o conhecia do colégio, com outro nome. E citou o caso de um roubo que se dera e que não acreditava na culpa de quem havia sido prêso como responsável. Em poucos minutos, Tony Wendice armara tôda a trama e o senhor Lesgate estava quase à beira de uma revelação espantosa!

— Tenho tido dificuldades em minha vida conjugal... Sempre desconfiei que minha linda mulher tivesse um amante até que descobri a verdade. Uma tarde ela pretextou a ida ao médico e segui-a de carro. Minutos depois podia constatar com meus próprios olhos o seu romance com um escritor americano. Pela intimidade dos dois, pude compreender que se amavam há algum tempo. Pensei em matá-los, porém refleti melhor. O rapaz partiu poucas semanas depois mas trocava cartas apaixonadas. Roubei uma, escrevi à minha própria mulher com o propósito de parar com aquela correspondência. Ameacei-a de contar tudo a mim mesmo (e deu um sorriso) e as cartas pararam. Agora estão juntos novamente e não posso conter o meu desejo de acabar com essa situação.

O senhor Lesgate que ouvira tudo calado, levantou-se trêmulo e acusou Tony de estar insinuando que êle cometesse um assassinato. Tony tranqüilizou-o e fêz sua proposta final. No dia seguinte sairia com Mark até o Clube e Margot ficaria sòzinha. Lesgate poderia entrar no apartamento enquanto ela estivesse dormindo. Tony telefonaria, então, do clube e Margot levantaria para atender. Nesse instante preciso, Lesgate a estrangularia. Depois sairia pela mesma porta e tudo estaria perfeito.

Lesgate não aceitou logo a proposta, porém diante das mil libras esterlinas que Tony lhe ofereceu pela conclusão do "trabalho", não pôde negar. Tony oferecia-lhe dinheiro adiantado e êle não podia suportar aquela tortura. Quis ainda usar de chantagem contra Tony dizendo que contaria tudo a policia, porém o outro sabia sôbre sua vida e poderia incriminá-lo por crime cometido meses antes contra uma viúva.

Tudo acertado para o dia seguinte, os dois se despediram e Tony foi dormir confiante no êxito de seu "crime perfeito".

---

Na noite seguinte, quase Margot estragava o plano quando falou em ir ao cinema. Se ela fôsse, Lesgate chegaria e nada poderia fazer.

Tony teve que usar tôda sua astúcia para manter a espôsa em casa e roubar-lhe a outra chave da bôlsa, a chave que deixaria sôbre o tapête da escada e com a qual Lesgate entraria no apartamento.

Tony e Mark sairam logo depois e Margot ficou em casa colando recortes sôbre a carreira do espôso quando era o campeão de tênis. Na hora marcada, Lesgate apareceu na rua dos Wendice. Margot dormia no quarto e Lesgate pôde penetrar no apartamento sem que ela acordasse. Com cuidado foi colocar-se atrás das cortinas conforme as instruções de Tony e aguardou que o telefone tocasse para entrar em ação.

No clube Tony suportava uma palestra sôbre esporte e discretamente olhou o relógio. Faltavam 15 minutos para as onze. As onze horas êle devia telefonar.

Havia, no entanto, um engano em tudo aquilo. O relógio de Tony parara e Lesgate, no apartamento, estava a ponto de desistir quando viu os ponteiros avançando depois de marcar as onze horas.

Finalmente Tony percebeu a coisa e perguntando a hora obteve como resposta:

— São onze e oito minutos...

Nervoso encaminhou-se para o telefone que ficava do outro lado do salão e ainda, para seu desespêro, teve que esperar que outra pessoa desocupasse o aparelho. Depois, fêz a ligação para casa.



**Bastaria discar M para matar Margot. Tony imaginara o crime perfeito!**

No apartamento, Margot acordou com o ruído do telefone chamando com insistência. Levantou-se bocejante e foi atender.

— Alô... alô... quem fala? Alô...

Lesgate não esperou mais. Começou o estrangulamento enquanto Margot debatia-se e gritava. Tony estava ouvindo tudo através da linha e suava frio! Lesgate apertava ainda mais o laço na garganta da moça, porém as mãos dela haviam alcançado, no furor da luta, a tesoura e num golpe rápido cravara-a nas costas do assassino. Louco de dor, Lesgate largou sua prêsa e rodopiou para cair sem um gemido. O golpe fôra fatal! Margot apavorada, arrastando-se quase, chegou ao telefone e tornou a atender. Chorava e tremia, mas pôde ouvir a voz Tony:

— Alô... é você Margot?... responda, querida...

— Sim... sou eu Tony... venha depressa... aconteceu uma coisa... terrivel!

E Margot contou ràpidamente a Tony o que se passara. Êle recomendou que ela não tocasse em nada e que o esperasse. Iria imediatamente.

Desligou o aparelho, despediu-se de Mark sem despertar suspeitas e correu para casa. Quando chegou, Margot ainda chorava. O cadáver de Lesgate estava no meio da sala e todo o ambiente era terrível de suportar. Tony tranqüilizou a espôsa e levou-a para o quarto, recomendando que repousasse um pouco. Ela falou em chamar logo a polícia e Tony não teve outro recurso. Chamou a polícia.

Depois Margot ficou no quarto com a porta trancada e Tony pôde agir à vontade. Êle já havia antes procurado nos bolsos de Lesgate a chave que deveria pôr de volta na bôlsa de Margot. Agora precisava transformar todo o ambiente para incriminá-la. Procurou, então, a arma do crime e foi encontrá la na terrace. Jogou-a ao fogo. Depois pegou na caixa de costura da espôsa e dali tirou um par de meias de mulher, deu dois nós e colocou-a junto ao cadáver de Lesgate, escondendo o outro pé debaixo da pasta sôbre a sua mesa de trabalho. Com cuidado retirou do bôlso a carta ameaçadora e transferiu-a para o bôlso de Lesgate. Tudo estava pronto para iludir a polícia, o que realmente aconteceu muito mais tarde.

Estragando os planos de Tony a polícia enviou o severo inspetor Hubbard. Viera fazer uma investigação suplementar. Tôdas as provas eram contra Margot e ela desesperava-se diante da possibilidade de ser acusada de um crime que não cometera. Tony pouco fazia para ajudá-la, porém Margot era incapaz de desconfiar do espôso.

O inspetor Hubbard reuniu provas suficientes contra a moça e o tribunal condenou-a à morte. Tudo corria em favor de Tony e êle poderia gosar agora o desespêro de Mark e depois o dinheiro do testamento de Margot que fôra feito em seu favor.

No dia anterior à execução de Margot, Mark procurou-o desesperado e tinha um plano em mente. A sua imaginação era muito fértil e êle sugeria que Tony assumisse tôda a culpa, livrando a espôsa da morte. Tony mostrava-se irredutivel no seu ponto de vista: a polícia não acreditaria em nada que êle contasse.

(Continua na página 42)

# OS OLHOS DO PEQUENO TONY BRILHARAM CHEIOS DE ESPANTO




EDGAR PROENÇA

(Los Angeles, via aérea).

VIR a Los Angeles e não dar um pulo até Hollywood é ir a Roma e não ver o Papa. Assim, aproveitando minha estada na famosa Los Angeles, na vizinhança, portanto, dos fascínios hollywoodeenses, gerou-se-me a vontade de ir aos estúdios onde se forjam e caldeiam os valores do cinema, onde tudo é uma doce mentira e uma verdade esplendente.

Hollywood encanta mal dela a gente se aproxima. O ônibus corre tôda uma artéria que a gente perde de vista. Começam a passar os estúdios de televisão da N.B.C., da American Broadcasting, da Colombia, depois os «nights-clubes» de instalações ricas e elegantes, entre êles o famoso «Cirus»; depois os estúdios criadores de tôdas as magias que o cinema prepara para sedução do mundo inteiro. Mais adiante, as residências das «estrêlas» e dos «astros» em estilo gracioso, verdadeiros ninhos de sonho, casas de bonecas...

Para conhecer o «Grauman's Chineses Teatre», um dos cines destinados à première dos grandes filmes, entrei ali, assistindo outra vez a «The Robe», uma das novidades do cinescope.

Antes, porém, detive-me a ler as inscrições gravadas sôbre um largo passeio de cimento, onde os artistas, no seu dia de estréia, deixam as marcas dos pés e mãos e ligeiras expressões alusivas ao momento: A dupla Jane Russell-Marily Monroe que filmou «Os homens preferem as louras»; Fred Astaire, Eddie Cantor, Bette Davis, Greer Garson; Shirley Temple quando em 1935 era uma ternura infantil; a insinuante Joan Crawford, em 1929; a brejeira Collen Moore, nos seus áureos tempos de 1927, quando era a «garôta do cabelo em pastinha». E vi, com prazer mais acentuado, o que Carmem Miranda escreveu cheia de pálpita alegria pelo Brasil: «To sid. viva! In the South America Way».

A impaciência de esperar o início da sessão, leva-me a andar agitado de um lado para outro. Vejo tudo, examino tudo e, por isso, ou talvez por aquilo que não sei o que seja. Minha atitude chama a atenção de um garôto de uns cinco anos, o qual, desprendendo-se das mãos do pai, pede-me para tirar um retrato ao seu lado. E, arrancando, discricionàriamente, um dólar do bôlso paterno, encaminha-se para a frente de uma câmara de fotógrafo ambulante, fazendo uma pose cheia de orgulho e alegria.

Findo isso, agradece-me e sai correndo para junto dos genitores. O garôto confundira-me com o popularíssimo Hopalong Cassidy.

Não sei mesmo a razão, mas lá vem o caso de que, «qualquer semelhança é mera coincidência...»

Mas se eu nunca fui de «circo» quanto mais de cinema!

A verdade é que o pai do Tony, quando veio explicar o motivo daquela cena que pusera o garôto atônito e feliz, pediu-me não desfizesse a doce ilusão de seu filho.

Eu, Hopalong Cassidy! Talvez, sim, porque o famoso «cowboy», dos filmes tinha a alma enxarcada de ternura humana, ao defender os meninos nas suas horas de perigo. Talvez porque eu também amo as crianças!

Esta só mesmo contada em cinema. São coisas de Hollywood.

# FILMES NOVOS

Vou enumerar aqui alguns filmes novos, a maioria dos quais, não têm ainda título em português, e que estarão pròximamente na tela dos nossos cinemas. Como 1º da lista, citarei «Desirée». Êsse filme, dirigido por Henry Koster e adaptado pela 20th Century Fox CinemaScope Production, apresenta como enrêdo, a vida e as lutas de Napoleão Bonaparte. O papel central coube ao Marlon Brando, maquilado e caracterizado como exige o papel. Jean Simons, vive a personagem Desirée. Numa noite de verão, em 1794, é ela, Desirée Clary, quem escreve em seu diário. Ela o conservou por muito tempo esperando que acontecesse alguma coisa que fôsse digna de ser rememorada. Naquela noite, no jardim, em Marseilles, um jovem general a beijara. E êle era Napoleão Bonaparte, o homem que comandara as vitoriosas tropas e que as levara com êxito, na Inglaterra e em Toulon. Desirée sabia-o orgulhoso e arrogante, porém no momento só recordava as suas ternas palavras no jardim: — «Desirée... a que é desejada. Êsse é um lindo, um lindo nome...»

Vai levando daí, um romance entre guerras e potências conquistadas pelo bravo general. Além de Jean Simons e Marlon Brando, destacam-se no elenco Merle Oberon e Michael Rennie (sempre simpático) nos papéis de Josephine e Bernadotte, respectivamente.

Outra película nova ainda sem título em português, é «Suddenly», que traduzido ao pé da letra, seria «Repentinamente», ou «De repente», ou qualquer coisa que o valha. A fita é estrelada por Frank Sinatra, que vem se tornando um astro dramático depois daquele «A um passo da eternidade», que também ainda não tive o prazer de a assistir. Aquí, a «Voz», trabalha como um psicopata, com mania de destruição. Contracenam com êle, Sterling Hayden e Nancy Gates.

Aí vem também «Athena», estrelado por Jane Powell, Debbie Reynolds, Edmund Purdom e Vic Damone, êsse homem feliz que levou Pier Angeli ao «home sweet home». Não sei o enrêdo da fita, mas posso adiantar que tem muita dança e muito romance. Além disso, vocês vão ver Debbie tocando harpa, embora sem asas.

«Track of the cat», (O rastro do gato) ainda sem título certo em nossa língua, vem aí trazendo Roberto Mitchum, com Tereza Wright, Diana Lynn e Tab Hunter. Êsses dois últimos, formam o par amoroso, dessa película filmada no norte da Califórnia, onde a neve é abundante em determinada parte do ano.

Jeff Chandler, vai aparecer dentro em pouco em «Sigm of Pagan», na espetacular época de amor da exótica e decadente Roma: Jack Palance, que mais parece Frankstein, contracena com essa bonita morena que se chama Rita Gam. Isso se passa em 450 AD, no Império romano e é uma adaptação da Universal, em CinemaScope.

O tema eterno, «Romeu e Julieta», surge outra vez agora com dois novatos: Susan Shentall e Laurence Harvey. Trata do amor de dois jovens cujas famílias nobres (Capulet e Montague) são inimigas. O resto da tragédia todos conhecem e não é necessário repetir.

«Bengal Brigade», é um excitante drama sôbre uma rebelião na Índia. O astro central é Rock Hudson (que tem braços formidáveis) e ela é Arlene Dahl, que para mim, é uma das maiores belezas do cinema mundial.

«The barefoot Comtessa», também sem título para nós, tráz de volta Ava Gardner (a mulher que não pode ver copo cheio) trabalhando com o Humphrey Bogart e Rossano Brazzi. Na fita, Ava se chama Maria Vargas e é proveniente de uma família espanhola. Não vale a pena dizer mais nada, já que se vai ver o filme.

E para finalizar, aí vem «Adventures of Hajji Baba», trazendo êsse exemplozinho hioderno (como diria o Vão Gogo) da geração Coca Cola: John Derek. O filme como se vê pelo título, é mais uma película oriental, com Elaine Stewart como a princesa Fawzia. Como sempre, (na certa) vamos cavalgar em camelos por um árido deserto de papelão, assistir lutas de espada e o eterno romance entre a princesa e o ladrão.

(Da leitôra: **LÊDA JÁCOME SODRÉ** — Recife, Pernambuco).

**Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»**

**Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates**

—//—

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

**Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS**
**Estado de São Paulo**

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

**NOME** ..........

**RUA** .......... **Nº** ..........

**CIDADE** .......... **ESTADO** ..........

# Katherine Hepburn



**ESTAMOS SENTINDO SUA AUSÊNCIA DOS FILMES!**

GRANDE talento de Hollywood, Katherine Hepburn é reconhecida como uma atriz dramática das mais importantes dêsse período que é o nosso.

Forte personalidade, espírito sempre jovem e grande fôrça de vontade, Katherine Hepburn tem colocado acima de sua notória falta de beleza física, um talento que tem sido o responsável pelos seus êxitos sucessivos nos filmes americanos.

Estamos com saudades da grande Katherine Hepburn e só esperamos que Hollywood se reencontre com sua admirável artista para que não sejamos privados de admirá-la nos filmes marcados com a sua presença que é a própria presença da arte!

## VAMOS CONVERSAR?

(Continuação da pág. 9)

mento da presença do disco. Dentro dessa fantasia de naves interplanetárias, de marcianas na terra, podia ser feita um pouco mais aceitável a história. Tem coisas boas, muito boas até e é justamente por isso que eu me bato.

Reconheço qualidades em nossa gente de cinema, sei que êles podem fazer tôdas as sequências de boa qualidade do princípio ao fim do filme. E sôbre os carnavalescos, em particular, eu acho que êles não podem ser realizados visando tão sòmente a bilheteria.

«Guerra ao Samba» para a correria que houve durante as filmagens, está até muito bom. As últimas cênas foram feitas à jacto, saíssem como saíssem, o negócio era acabar rápido para ser pôsto em circulação antes do carnaval. Ora, a maior inimiga da perfeição é a pressa.

Porque não se começam as filmagens com alguns mêses de antecedência? Há atrazos? Não se sabe ao certo como será isso ou aquilo... Então pensemos desde já no próximo filme de carnaval. Em tempo restrito não é possível fazer boa coisa. E vocês meus amigos, que acham? E a nossa campanha em prol do cinema nacional, ficou em nada? Escrevam para a minha seção. Vamos falar, escrever, gritar, agir, discutir, apresentar críticas construtivas, pois todo êsse nosso movimento algum dia valerá alguma coisa.

Na próxima semana eu gostaria de continuar conversando com vocês sôbre «Guerra ao Samba». Que acharam do filme?





Não sou egoista Desejo que tôdas sejam felizes como eu Por isto ensino-lhes o segrêdo de minha felicidade: tomo logo que me sinto mal 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — fórmula que dá saúde, fazendo mulheres felizes e belas.

ELIXIR DAS DAMAS



Indicado nas dismenorréas


## JOHN DEREK...

(Continuação da pág. 5)

A sua travessia do Pacifico, como soldado, não foi o tipo de viagem que êle tinha em mente.

O jovem ator — que acaba de filmar "Tropel dos Vingadores", ao lado de Joan Evans — morava em companhia de sua mãe numa casa próxima da praia de Malibu até 1948, quando casou com Patti Behrs, que iniciava, então, sua carreira artistica nos estúdios da Fox. Atualmente vive com sua espôsa e o filho, Russell Andre — nascido no dia 13 de abril de 1950 — em Encino.

## OS BRAVOS NÃO SE...

(Continuação da pág. 36)

Ouvia-se a risada sonora de Nickolai enquanto Florinda — por quem êle estava apaixonado — fazia os seus planos para o futuro.

— «E eu irei com você», acrescentou êle.

Em meio à alegria reinante, John conduziu Garnet para um canto discreto. — «Senti falta de você, Garnet», murmurou baixinho passando os braços em redor da jovem. «Durante a viagem fiquei sonhando com você. Não quero mais andar só. Amo-a Garnet!»

— Oh, John, foi só o que ela pôde responder.

— «Será uma vida dura para você e Stephen», avisou êle. «Mas nós estamos juntos trabalhando nos campos de ouro».

Êle tomou-a nos seus braços e abraçou-a fortemente. Ambos estavam felizes demais para trocarem palavras...

F I M


SURDOS AURICULARES INVISÍVEIS «WEIMER» do dr. Reichmann. Sem fios, sem pilhas. Restitui a normal audição. Eliminação dos zumbidos. Última maravilha alemã. Preço de propaganda: Cr$ 900,00 o par. Peçam prosp. grátis à Elza Junqueira Sabbado — Av. Copacabana, 75 — Apto. 204 — Tel. 57-2452 — Rio.


## DISQUE M PARA...

(Continuação da pág. 39)

Mark insistia e foi nesse momento que chegou o inspetor Hibbard Trazia uma acusação contra Tony, mas nada que se relacionasse com a morte de Lesgate. Era sôbre depósitos bancários e Tony pôde explicar tudo a seu modo, salvando-se das aparências. Mark estava no quarto, escondido, esperando que o inspetor se retirasse e deu com a maleta que naquele instante o policial perguntara a Tony onde estava. Tony mentira dizendo que a perdera e Mark achou que era chegada a ocasião de desmascará-lo e chamou o inspetor. Tony, no entanto, tinha tudo na ponta da lingua e mais uma vez consegue escapar. Mark despede-se desanimado e o inspetor o faz momentos depois trocando a capa num instante de distração de Tony. O policial tinha um plano que se desse certo livraria Margot da morte e restabeleceria a verdade.

Êle descobrira que a chave encontrada na bôlsa de Margot não servia para abrir a porta do apartamento, e procurando, descobrira também a chave verdadeira debaixo do tapête da escada. A prova era evidentemente contra Tony e solucionava o crime. Tudo consistia em fazê-lo procurar a chave verdadeira e abrir a porta, confirmando assim as suspeitas do inspetor.

Depois que Tony sai, o inspetor torna a entrar no apartamento e dá um telefonema. Pouco depois Margot aparece em companhia de dois detectives e o inspetor faz com que ela entre pela porta da terrace. Mark, que não fôra embora, já estava em companhia do inspetor e corre para a jovem, tentando consolá-la.

Enquanto isso, Tony fôra até ao distrito e reclamara a bôlsa da espôsa, conforme dissera o próprio inspetor Hubbard e chegando ao apartamento tenta abrir a porta. Nada conseguindo retira-se. Êle age assim porque não pode imaginar que tenha se enganado ao revistar o cadáver de Lesgate. Vai até a porta, pára, examina outra vez os bolsos e tem mêdo de encarar a verdade. Finalmente volta, procura a chave verdadeira e com ela abre a porta.

A grande surprêsa é a presença do inspetor Hubbard, de Margot e Mark que o observam com olhos fuzilantes.

Vendo-se irremediàvelmente perdido, Tony não perde sua calma costumeira e diz em tom de pilhéria:

— Não adianta mais nada... a não ser ser preparar uma bebida...

E' o que faz enquanto o inspetor Hubbard a quem oferecera um coquetel, pega o telefone e dá suas derradeiras ordens, encerrando o intrincado caso.

— Ah! — diz Tony ainda brincando — o nosso inspetor não bebe em serviço!

F I M


"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

**Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias**

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado ..................... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.


## O QUE EU VI EM...

(Continuação da pág. 13)

● A italianinha Marina Vlady aproveitou mais êsse Festival para exibir-se em biquini. É um belo brôto.

● John Lund, o sorridente Lund entre os americanos foi o mais quieto. Brilhou pouco, por isso mesmo.

● Entre os brasileiros, Maria Fernanda e José Lewgoy fizeram mais movimento. Ela estêve sempre com Walter Pidgeon, embora nege o propalado romance. Escândalo em Punta Del Este? Escândalo ou desejo de publicidade? Êle andou apaixonado por Elaine Stewart. Tinha também preocupação de jornalista. Divertiu-se pouco, talvês para salvar as aparências.

Houve muito mais em Punta Del Este, mas de relativo interêsse para vocês. Não tenham dúvidas que êsse Festival foi um fracasso que não pode ser negado. Que o próximo consiga apagar essa impressão forte e triste que ainda continua conosco!



# UMA CALÇADA FAMOSA...

EM Orchi Avenue fica a calçada mais famosa do mundo e naturalmente a mais importante de tôda Hollywood. Tornou-se uma tradição e isso há vários anos que nessa calçada importante os «astros» mais importantes da tela deixassem impressos no cimento, pés e mãos, como prova de popularidade.

Por isso mesmo para qualquer artista de cinema que milite em Hollywood a calçada do Chinese Theatre representa a glória e não há entre êles quem não deseje a homenagem.

Os leitores vão perceber o contraste das homenagens, pois se Alan Ladd, um quase veterano só agora a mereceu, em troca Edmund Purdon, um novato cheio de fama, mereceu as mesmas honras semanas depois. Coisas de Hollywood...

Apesar de quase veterano em Hollywood, Alan Ladd ainda não havia merecido a honra de deixar suas impressões palmares na calçada do Chinese Theatre. Isso aconteceu recentemente e Ladd ficou muito feliz pela oportunidade. Nesse dia êle comemorava também a vitória de seu filme mais recente «Rajadas do ódio» que é também a sua primeira produção agora que aliou à sua condição de astro, a de produtor. Assim, para Ladd a homenagem diante do Chinese Theatre teve um significado maior.



A carreira de Edmund Purdon vem sendo vertiginosa em Hollywood. O ator inglês andava «encostado» nos estúdios da Warner até ser chamado pela Metro para o papel principal de «O Príncipe Estudante» que fôra negado a Mário Lanza. Depois, contratado pela Fox, Purdon interpretou «O Egipcio» e agora é consagrado pùblicamente imprimindo pés e mãos na calçada famosa do Chinese Theatre. Eleanor Powell foi a sua madrinha nessa ocasião tão feliz para Purdon que dêsse modo alcança a Glória muito cedo.

## VAMOS CONVERSAR?

(Continuação da pág. 9)

mento da presença do disco. Dentro dessa fantasia de naves interplanetárias, de marcianas na terra, podia ser feita um pouco mais aceitável a história. Tem coisas boas, muito boas até e é justamente por isso que eu me bato.

Reconheço qualidades em nossa gente de cinema, sei que êles podem fazer tôdas as sequências de boa qualidade do princípio ao fim do filme. E sôbre os carnavalescos, em particular, eu acho que êles não podem ser realizados visando tão sòmente a bilheteria.

«Guerra ao Samba» para a correria que houve durante as filmagens, está até muito bom. As últimas cênas foram feitas à jacto, saíssem como saíssem, o negócio era acabar rápido para ser pôsto em circulação antes do carnaval. Ora, a maior inimiga da perfeição é a pressa.

Porque não se começam as filmagens com alguns mêses de antecedência? Há atrazos? Não se sabe ao certo como será isso ou aquilo... Então pensemos desde já no próximo filme de carnaval. Em tempo restrito não é possível fazer boa coisa. E vocês meus amigos, que acham? E a nossa campanha em prol do cinema nacional, ficou em nada? Escrevam para a minha seção. Vamos falar, escrever, gritar, agir, discutir, apresentar críticas construtivas, pois todo êsse nosso movimento algum dia valerá alguma coisa.

Na próxima semana eu gostaria de continuar conversando com vocês sôbre «Guerra ao Samba». Que acharam do filme?





**Não sou egoista Desejo que tôdas sejam felizes como eu Por isto ensino-lhes o segrêdo de minha felicidade - tomo logo que me sinto mal 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — fórmula que dá saúde, fazendo mulheres felizes e belas.**

**ELIXIR DAS DAMAS**



**Indicado nas dismenorréas**


## JOHN DEREK...

(Continuação da pág. 5)

A sua travessia do Pacifico, como soldado, não foi o tipo de viagem que êle tinha em mente.

O jovem ator — que acaba de filmar "Tropel dos Vingadores", ao lado de Joan Evans — morava em companhia de sua mãe numa casa próxima da praia de Malibu até 1948, quando casou com Patti Behrs, que iniciava, então, sua carreira artistica nos estúdios da Fox. Atualmente vive com sua espôsa e o filho, Russell Andre — nascido no dia 13 de abril de 1950 — em Encino.

## OS BRAVOS NÃO SE...

(Continuação da pág. 36)

Ouvia-se a risada sonora de Nickolai enquanto Florinda — por quem êle estava apaixonado — fazia os seus planos para o futuro.

— «E eu irei com você», acrescentou êle.

Em meio à alegria reinante, John conduziu Garnet para um canto discreto. — «Senti falta de você, Garnet», murmurou baixinho passando os braços em redor da jovem. «Durante a viagem fiquei sonhando com você. Não quero mais andar só. Amo-a Garnet!»

— Oh, John, foi só o que ela pôde responder.

— «Será uma vida dura para você e Stephen», avisou êle. «Mas nós estamos juntos trabalhando nos campos de ouro».

Êle tomou-a nos seus braços e abraçou-a fortemente. Ambos estavam felizes demais para trocarem palavras...

F I M


**SURDOS** AURICULARES INVISÍVEIS «WEIMER» do dr. Reichmann. Sem fios, sem pilhas. Restitui a normal audição. Eliminação dos zumbidos. Última maravilha alemã. Preço de propaganda: Cr$ 900,00 o par. Peçam prosp. grátis à Elza Junqueira Sabbado — Av. Copacabana, 75 — Apto. 204 — Tel. 57-2452 — Rio.


## DISQUE M PARA...

(Continuação da pág. 39)

Mark insistia e foi nesse momento que chegou o inspetor Hibbard Trazia uma acusação contra Tony, mas nada que se relacionasse com a morte de Lesgate. Era sôbre depósitos bancários e Tony pôde explicar tudo a seu modo, salvando-se das aparências. Mark estava no quarto, escondido, esperando que o inspetor se retirasse e deu com a maleta que naquele instante o policial perguntara a Tony onde estava. Tony mentira dizendo que a perdera e Mark achou que era chegada a ocasião de desmascará-lo e chamou o inspetor. Tony, no entanto, tinha tudo na ponta da lingua e mais uma vez consegue escapar. Mark despede-se desanimado e o inspetor o faz momentos depois trocando a capa num instante de distração de Tony. O policial tinha um plano que se desse certo livraria Margot da morte e restabeleceria a verdade.

Êle descobrira que a chave encontrada na bôlsa de Margot não servia para abrir a porta do apartamento, e procurando, descobrira também a chave verdadeira debaixo do tapête da escada. A prova era evidentemente contra Tony e solucionava o crime. Tudo consistia em fazê-lo procurar a chave verdadeira e abrir a porta, confirmando assim as suspeitas do inspetor.

Depois que Tony sai, o inspetor torna a entrar no apartamento e dá um telefonema. Pouco depois Margot aparece em companhia de dois detectives e o inspetor faz com que ela entre pela porta da terrace. Mark, que não fôra embora, já estava em companhia do inspetor e corre para a jovem, tentando consolá-la.

Enquanto isso, Tony fôra até ao distrito e reclamara a bôlsa da espôsa, conforme dissera o próprio inspetor Hubbard e chegando ao apartamento tenta abrir a porta. Nada conseguindo retira-se. Êle age assim porque não pode imaginar que tenha se enganado ao revistar o cadáver de Lesgate. Vai até a porta, pára, examina outra vez os bolsos e tem mêdo de encarar a verdade. Finalmente volta, procura a chave verdadeira e com ela abre a porta.

A grande surprêsa é a presença do inspetor Hubbard, de Margot e Mark que o observam com olhos fuzilantes.

Vendo-se irremediàvelmente perdido, Tony não perde sua calma costumeira e diz em tom de pilhéria:

— Não adianta mais nada... a não ser ser preparar uma bebida...

E' o que faz enquanto o inspetor Hubbard a quem oferecera um coquetel, pega o telefone e dá suas derradeiras ordens, encerrando o intrincado caso.

— Ah! — diz Tony ainda brincando — o nosso inspetor não bebe em serviço!

F I M


**"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"**

**PELO DR. NILO CAIRO**

**Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias**

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro **Médico** da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que **tem** realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto **precioso.** Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir **um** exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado ..................... Cr$ 130,00

PEDIDOS A

**LIVRARIA TEIXEIRA**

**Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258**

**São Paulo**

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.


## O QUE EU VI EM...

(Continuação da pág. 13)

● A italianinha Marina Vlady aproveitou mais êsse Festival para exibir-se em biquini. É um belo brôto.

● John Lund, o sorridente Lund entre os americanos foi o mais quieto. Brilhou pouco, por isso mesmo.

● Entre os brasileiros, Maria Fernanda e José Lewgoy fizeram mais movimento. Ela estêve sempre com Walter Pidgeon, embora nege o propalado romance. Escândalo em Punta Del Este? Escândalo ou desejo de publicidade? Êle andou apaixonado por Elaine Stewart. Tinha também preocupação de jornalista. Divertiu-se pouco, talvês para salvar as aparências.

Houve muito mais em Punta Del Este, mas de relativo interêsse para vocês. Não tenham dúvidas que êsse Festival foi um fracasso que não pode ser negado. Que o próximo consiga apagar essa impressão forte e triste que ainda continua conosco!



# UMA CALÇADA FAMOSA...

EM Orchi Avenue fica a calçada mais famosa do mundo e naturalmente a mais importante de tôda Hollywood. Tornou-se uma tradição e isso há vários anos que nessa calçada importante os «astros» mais importantes da tela deixassem impressos no cimento, pés e mãos, como prova de popularidade.

Por isso mesmo para qualquer artista de cinema que milite em Hollywood a calçada do Chinese Theatre representa a glória e não há entre êles quem não deseje a homenagem.

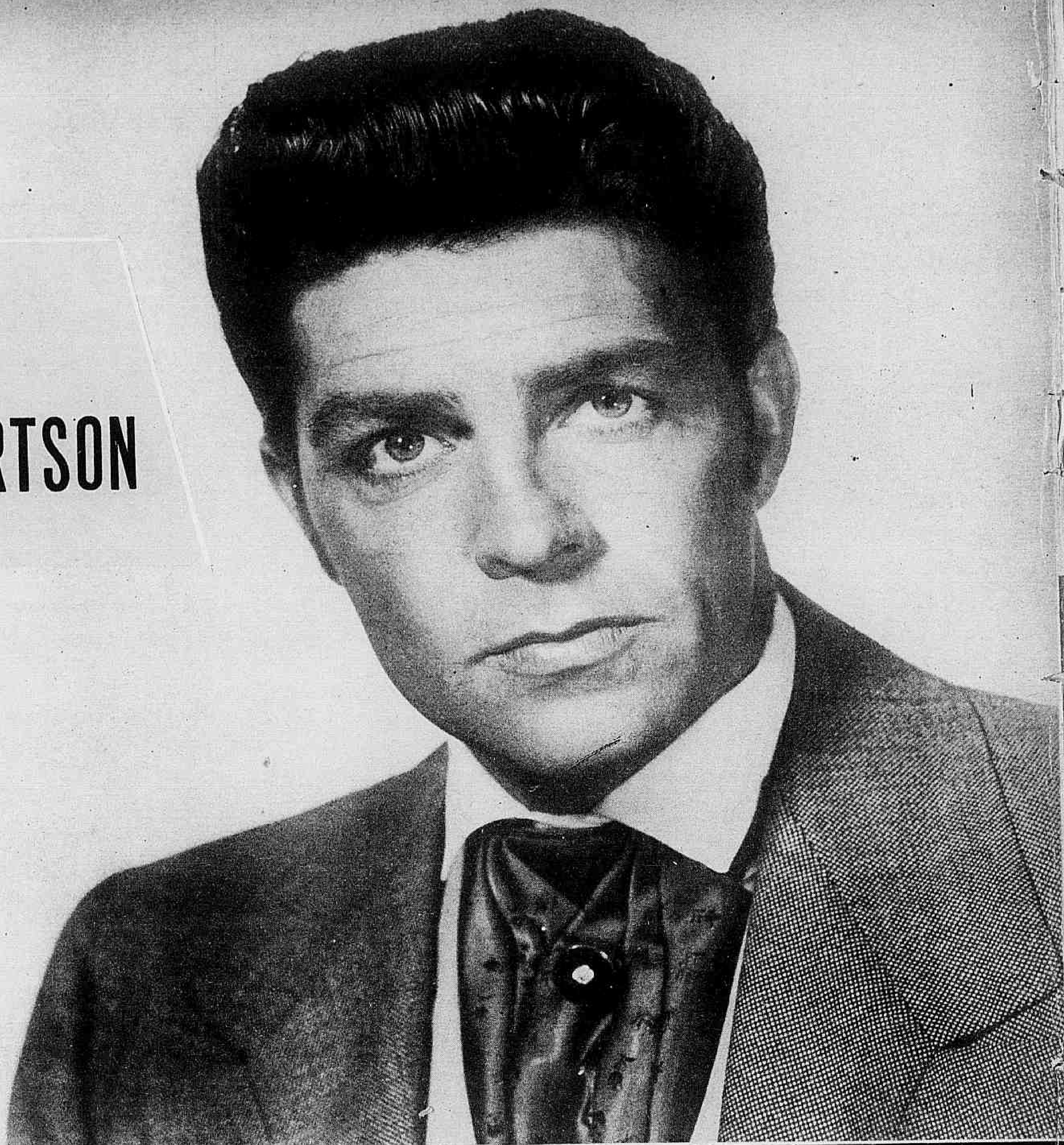
Os leitores vão perceber o contraste das homenagens, pois se Alan Ladd, um quase veterano só agora a mereceu, em troca Edmund Purdon, um novato cheio de fama, mereceu as mesmas honras semanas depois. Coisas de Hollywood...

Apesar de quase veterano em Hollywood, Alan Ladd ainda não havia merecido a honra de deixar suas impressões palmares na calçada do Chinese Theatre. Isso aconteceu recentemente e Ladd ficou muito feliz pela oportunidade. Nêsse dia êle comemorava também a vitória de seu filme mais recente «Rajadas do Ódio» que é também a sua primeira produção agora que aliou à sua condição de astro, a de produtor. Assim, para Ladd a homenagem diante do Chinese Theatre teve um significado maior.



A carreira de Edmund Purdon vem sendo vertiginosa em Hollywood. O ator inglês andava «encostado» nos estúdios da Warner até ser chamado pela Metro para o papel principal de «O Príncipe Estudante» que fôra negado a Mário Lanza. Depois, contratado pela Fox, Purdon interpretou «O Egípcio» e agora é consagrado pùblicamente imprimindo pés e mãos na calçada famosa do Chinese Theatre. Eleanor Powell foi a sua madrinha nessa ocasião tão feliz para Purdon que dêsse modo alcança a Glória muito cedo.

# DALE ROBERTSON



Dale Robertson: um valor novo de Hollywood. No fundo um bom sujeito, mas que não é de muitos amigos

ÊLE NÃO GOSTA DE FALAR MUITO — RESOLVE SÒZINHO SEUS PROBLEMAS, QUE ALIÁS SÃO POUCOS

DALE Robertson é um «galã» relativamente novo em Hollywood e nem por isso menos famoso. Vai subindo pouco a pouco a escada da fama e sabe o que quer, coisa muito importante para quem deseja realmente triunfar na vida. Dale é do tipo caladão, daqueles que não andam fazendo confidências a qualquer amigo. Gosta de resolver sòzinho os seus problemas e por isso mesmo dá a impressão a quem não o conhece mais ìntimamente de que é um «sujeito auto-suficiente». Mas não é. Dale é apenas um homem que sabe seu caminho na vida e tem procurado libertar-se dos complexos, conquistando com seu próprio valor um lugar de artista.

As garôtas adoram o seu «tipo». Dale era casado até bem pouco tempo, mas pediu divórcio. Parece que resolveu decidir (de vez) sòzinho seus problemas. Isso é marcante na sua personalidade. (Foto Fox).

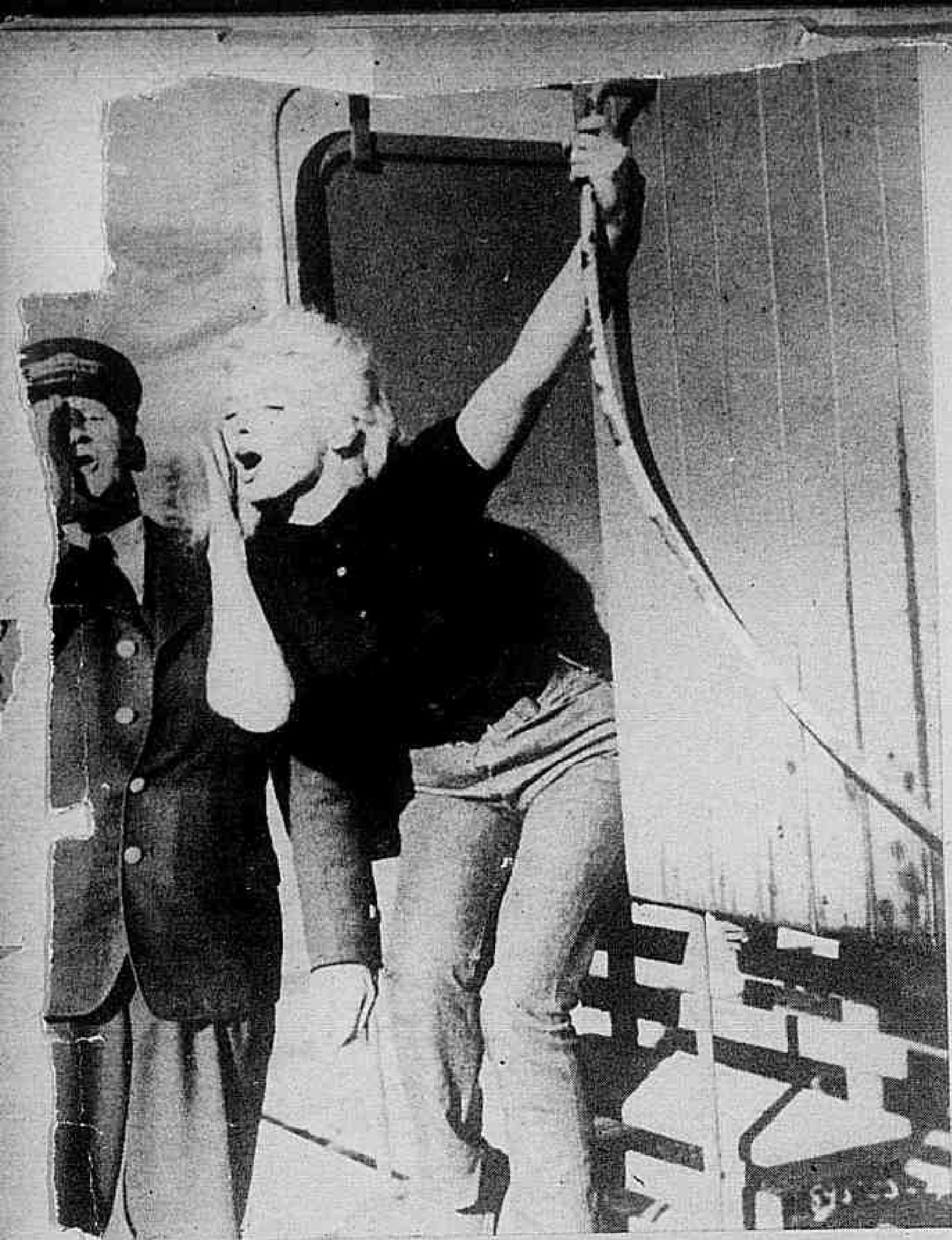


# YVONNE SANSON

A «estrêla» que o cinema francês revelou, está agora de contrato firme com os estúdios italianos e não tardará a chegar até nós em imagens dramáticas pois seu gênero é o lacrimejante.

Não que ela tenha escolhido o gênero para triunfar, porém o certo é que se deu bem em papéis altamente sentimentais e conquistou público certo. Seu mais recente filme é «Tormento», onde volta a sofrer e a emocionar uma legião de «fãs» que tanto a admiram.

Yvonne Sanson é uma mulher alta, linda e elegante e seu «charme» nada fica a dever a outras «estrêlas» do cinema europeu. Pode compôr com facilidade o tipo de «mulher fatal», embora seja sempre escolhida para viver papéis de mulheres sofredoras que merecem dos espectadores tôda a simpatia. Em «Somos Todos os Assassinos» Yvonne interpretou uma mulher da vida fácil, porém o papel foi muito pequeno para que ela pudesse demonstrar todo o seu talento. Isso viria depois no filme italiano «Filhos de Ninguém», que bateu «records» de bilheteria em São Paulo. Ficou assim, Yvonne Sanson bem mais conhecida dos «fãs» brasileiros e passou a ser admirada tanto quanto as mais famosas «estrêlas» do cinema





# MARILYN FERROVIÁRIA

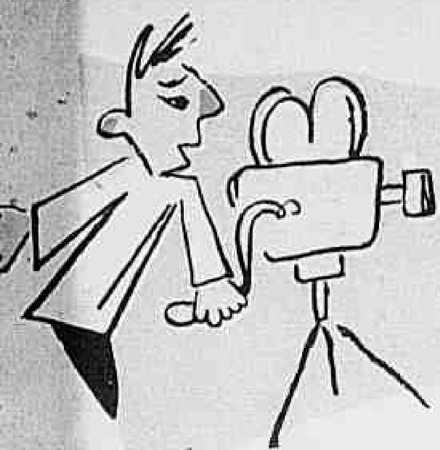


APESAR de seu acidentado divórcio de Joe Di Maggio, Marilyn Monroe continua a mesma criatura alegre que sabe vencer com um sorriso tôdas as dificuldades.

Nunca em tôda a sua vida em Hollywood, Marilyn se dedicou tanto à sua carreira, agora com motivos bem fortes. Livre de um mau casamento, Marilyn deseja aprimorar-se na arte de interpretação e chegar a um plano destacado entre as «estrêlas» da capital do cinema.

Assim sendo, Marilyn tem chegado cedo ao estúdio e não faz cara feia quando o produtor lhe informa que o próximo filme será «in-location». Como se sabe, por maior confôrto que possam ter os artistas, as filmagens fora dos estúdios são algo penosas. Antes, Marilyn incomodava-se, agora faz da viagem um motivo de satisfação.

Nos flagrantes desta página vocês podem ver Marilyn divertindo-se durante uma viagem de trem que com a sua presença foi simplesmente maravilhosa! (Fotos Fox).



# FAZENDO FITA...

TEXTO DE IVON DICK
DESENHOS DE L. LEÓ. S.

CINEMA BRASILEIRO:

Era um diretor tão relâmpago, mas tão relâmpago, que não trocava idéias com a equipe técnica.

Trocava de cena.

## CASAR COM UMA "ESTRÊLA" RICA E FAMOSA É GARANTIR O FUTURO. DEPOIS DO DIVÓRCIO

TINHA UMA GRANDE PROFISSÃO. APALPAVA DIÀRIAMENTE AS MAIS BELAS "ESTRÊLAS" DE CINEMA. ERA PAGINADOR DE REVISTA.




Aquêle estúdio de cinema, no Brasil, enervava qualquer um. No meio de uma cena o pessoal do som gritava "Corta!" porque quase sempre havia (para atrapalhar) o ruído de um bonde, avião ou a buzina impertinente de um automóvel. Foi por isso mesmo que aquêle "astro" (importante) gritou:

— Isto aqui nunca foi à prova de som... É a prova de nervos!

QUANDO PERCEBEU QUE VANJA ORICO TIVERA O QUE PREVIRA: GRANDE PUBLICIDADE AO SER AMEAÇADA POR UMA ONÇA, NO INTERIOR DE MATO GROSSO, AQUELA COLEGA MALICIOSAMENTE COMENTOU:

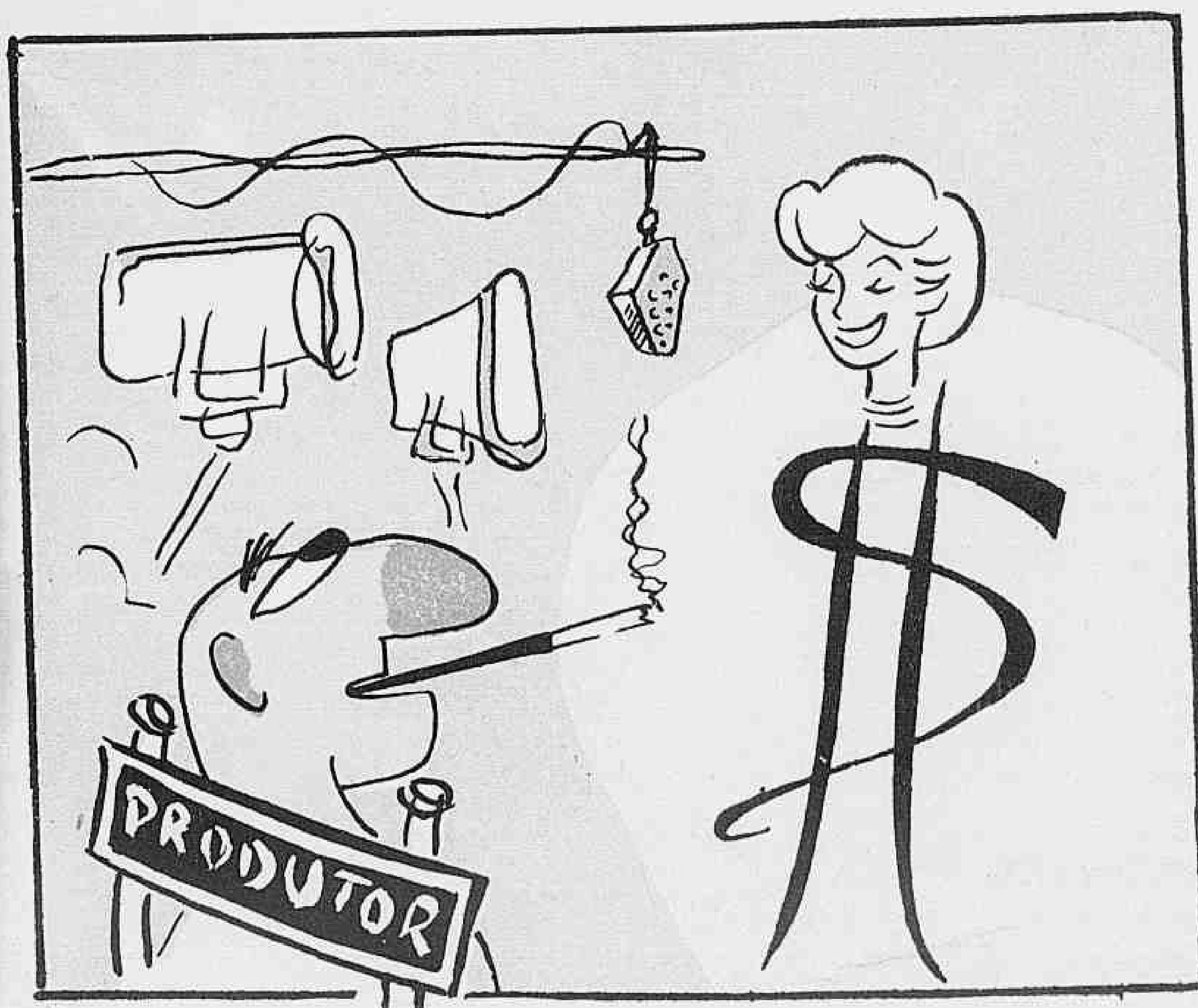
— UM DIA É DA "ESTRÊLA", MAS O OUTRO PODE SER DA ONÇA...

Como fôsse uma mocinha pobre, quase sem vestuário, porém fisicamente colossal e sem timidez conseguiu um contrato no cinema italiano.

Diálogo entre "lulús" em Hollywood:

1.º Lulu: Você viu como a "Fifi" agora é importante? Já não liga aos antigos amigos...

2.º Lulu: Também, pudera! Apareceu num filme no colo de Marilyn Monroe...






# AINDA SÔBRE CYD CHARISSE



NUNCA será demais falar ou mostrar uma «estrêla» maravilhosa como Cyd Charisse. Será, isso sim, um prazer para nós e para os leitores que não cançam de admirá-la nos filmes da Metro. Cyd é uma criatura completamente feliz que vive um destino risonho em Hollywood em companhia do espôso (Tony Martin) e do esperto garôto (Tony Jr.). De filme para filme, Cyd Charisse vai revelando suas qualidades de atriz e o seu imenso talento de dançarina. Sua vitória total na carreira cinematográfica é uma simples questão de tempo. Se é que vocês já não consideram Cyd uma artista completamente vitoriosa! (Foto Metro).